



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ  
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO  
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE CASTANHAL  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS ANTRÓPICOS NA AMAZÔNIA  
(PPGEAA)

HILDEANA NOGUEIRA DIAS SOUZA

**O CORPO VELHO NO RETUMBÃO DA MARUJADA: DES/COM/PASSOS  
ANTRÓPICOS BRAGANTINOS**

CASTANHAL  
2021

HILDEANA NOGUEIRA DIAS SOUZA

**O CORPO VELHO NO RETUMBÃO DA MARUJADA: DES/COM/PASSOS  
ANTRÓPICOS BRAGANTINOS**

Dissertação de Mestrado apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Antrópicos na Amazônia, do Campus Universitário de Castanhal - PPGEAA da Universidade Federal do Pará, como requisito parcial para obtenção do Grau de Mestra em Estudos Antrópicos da Amazônia, na Linha de Pesquisa em Linguagens, Tecnologias e Saberes Culturais.

Orientador: Prof. Dr. João Batista Santiago Ramos

Coorientador: Prof. Dr. Francisco Valdinei dos Santos Anjos

CASTANHAL  
2021

HILDEANA NOGUEIRA DIAS SOUZA

**O CORPO VELHO NO RETUMBÃO DA MARUJADA: DES/COM/PASSOS  
ANTRÓPICOS BRAGANTINOS**

Dissertação de Mestrado apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Antrópicos na Amazônia, Campus Universitário de Castanhal – PPGEEA da Universidade Federal do Pará, para exame de defesa, como requisito parcial para obtenção do título de Mestra em Estudos Antrópicos na Amazônia. Linha de Pesquisa: Língua gens, Tecnologias e Saberes Culturais.

Orientador: Prof. Dr. João Batista Santiago Ramos

Coorientador: Prof. Dr. Francisco Valdinei dos Santos Anjos

DATA DA AVALIAÇÃO: \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_

CONCEITO: \_\_\_\_\_

BANCA EXAMINADORA

\_\_\_\_\_  
Prof. Dr. João Batista Santiago Ramos  
Examinador/Presidente  
UFPA - PPGEEA

\_\_\_\_\_  
Prof. Dr. Francisco Valdinei dos Santos Anjos  
Examinador/Externo  
UFPA

\_\_\_\_\_  
Prof. Dr. Luiz Augusto Pinheiro Leal  
Examinador/Interno  
UFPA - PPGEEA

\_\_\_\_\_  
Prof. Dr. José Guilherme dos Santos Fernandes  
Examinador Interno  
UFPA - PPGEEA

CASTANHAL  
2021

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBDSistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Pará

Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

---

S719c Souza, Hildeana Nogueira Dias.  
CORPO VELHO NO RETUMBÃO DA MARUJADA:  
DES/COM/PASSOS ANTRÓPICOS BRAGANTINOS / Hildeana  
Nogueira Dias Souza. — 2021.  
168 f. : il. color.

Orientador(a): Prof. Dr. João Batista Satiago Ramos Coorientador(a):  
Prof. Dr. Francisco Valdinei dos Santos Anjos Dissertação (Mestrado)  
- Universidade Federal do Pará,  
Campus Universitário de Castanhal, Programa de Pós -Graduação em  
Estudos Antrópicos na Amazônia, Castanhal, 2021.

1. ENVELHECIMENTO, RETUMBÃO, PESSOAS  
VELHAS, MARUJADA. I. Título.

CDD 305.26

---

Dedico este estudo às duas mulheres velhas mais importantes da minha vida, minha avó Hildée Lameira Nogueira e minha mãe Oscarina da Conceição Nogueira Dias. Inspirações para meu envelhecer.

Às marujas e marujos, velhas e velhos, sujeitos desta pesquisa, que me inspiraram com suas memórias, amor e devoção a São Benedito. Vocês são resistência na tradição à festa de São Benedito e à Marujada.

A todos os meus alunos, velhas e velhos, que fizeram parte de meu percurso como professora. É por vocês que jamais desistirei de ser Ativista.

## AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus, pela sua infinita bondade que nunca desampara um filho.

As famílias Lameira/Nogueira/Ferreira, berço da minha existência.

Aos meus quatro filhos Marcos, Maria, Miguel e Gabriel que me fazem questionar diariamente o meu papel de mãe e grande incentivadora na busca pelo conhecimento.

Ao meu companheiro Vicente Júnior, pelo apoio desde sempre, meu maior incentivador. Obrigada por tudo e por tanto. “Nunca esqueça!”

A todas as pessoas velhas da minha família, cada um da sua maneira foram exemplos para o meu processo de envelhecer.

Aos meus velhos pais, em especial, minha mãe, que sempre acreditou que seria capaz. Se hoje estou nesta etapa, devo a eles.

Aos meus irmãos, Mariana Nogueira e Belchior Nogueira (*in memoriam*), que mesmo na distância amparam-me nas crises e torcem incondicionalmente pelo desfecho do curso.

A minha única sobrinha, a flor mais linda de nosso jardim, nossa Maria Flor. Sua tia te ama.

A Elane Gadelha, uma mana sempre presente. Seus conselhos, sua escuta sempre atenta e sua companhia durante estes tempos de mestrado foram de estimada valia para fortificar-me no alcance do meu objetivo no curso.

A Ana Paula Brito, “minha irmã de outras vidas”, pelo nosso encontro e cumplicidade em tantos caminhos nesse percurso do mestrado. Nossa amizade é um presente que se renova a cada momento.

Ao João Batista Pinheiro (Careca), presidente da Marujada de São Benedito, obrigada pela disposição e disponibilidade em me receber todas as vezes que foi necessário.

Ao Professor Dário Benedito Rodrigues, historiador, estudioso da Festa de São Benedito, obrigada por estar sempre disposto a me atender com minhas dúvidas e inquietações.

As pessoas velhas da Irmandade da Marujada de São Benedito, que se dispuseram, com o coração aberto, a contribuir com o desenvolvimento deste trabalho.

Ao professor Dr. João Batista Santiago, meu orientador, pessoa humana que sempre me estimulou e esteve ao meu lado nesse mestrado, amparando-me nesta trajetória. Mais uma história a ser contada! A ele, um brinde especial pela sua vida.

Ao professor Dr. Francisco Valdinei dos Santos Anjos, meu coorientador, era ele, tinha que ser ele. Ainda vamos dançar muito nas Marujadas da vida. Você é um ser de luz! Desejo que a dança faça parte de sua vida por todo o seu envelhecer.

A Universidade Federal do Pará, onde tudo começou

Ao Serviço Social do Comércio no Pará, através da Unidade Operacional de Castanhal e da Atividade Trabalho Social com Grupos – Trabalho Social com Idosos, que nestes 14 anos, esta instituição foi uma escola fundamental nesse processo de conhecimento do envelhecer e para o envelhecer de sua clientela. Gratidão pela parceria na realização de tantos projetos exitosos.

Ao professor Dário Azevedo (*in memoriam*), o meu grande incentivador para chegar até aqui. Jamais esquecerei sua frase: “Nesse Titanic que está afundando, nós nunca deveremos ser os músicos”.

Aos professores do mestrado do programa PPGEAA, pela disponibilidade de compartilhar seus conhecimentos e pela satisfação em ver-nos produzindo, pensando e reaprendendo. Também pelo empenho em levar adiante a ideia e o projeto deste curso.

Aos meus colegas da turma de 2020 do PPGEAA, a pandemia não destruiu nosso sonho de chegar até aqui. Os únicos três momentos presenciais, só reforçaram os tantos e tão intensos momentos virtuais. Ninguém solta a mão de ninguém...aqui chegamos! Gratidão.

As amigas especiais: Keila Reis e Magna Abrantes, cada uma, à sua distância, do seu jeito e no seu tempo. Obrigada por compartilharem dos meus momentos difíceis e dos tantos momentos bons que vivemos neste período. Que venham muitos cafés e muitos encontros. Um brinde às “formigas”!

A minha prima amada Viviane Lameira Leite, minha gratidão por todas as vezes que atendeu meus pedidos de socorro, me deixando mais tranquila a cada correção do meu texto. Desejo saúde, sucesso profissional e vida longa as suas escolhas.

A família Santos, meus amigos e vizinhos que sempre souberam o quanto os estudos eram importantes para mim e assim me socorreram por tantas vezes cuidando dos meus filhos menores. Gratidão por tanto!

A minha companheira de Ativismo, Professora Mestre Ildete Falcão, que nunca mais nos percamos. Obrigada pela paciência e apoio desde o começo de minha trajetória. Sigamos na Luta! Avante companheira!

Aos tantos outros amigos (as) que torceram por mim, que disponibilizaram os seus materiais para a confecção deste texto e que participaram comigo de discussões sobre o tema abordado.

Enfim, a todos que direta ou indiretamente contribuíram para a realização deste trabalho, o meu “muito obrigada”.

“[...] somos aquilo que pensamos, amamos, realizamos, [...] somos aquilo que lembramos”.

(BOBBIO, 1997, p. 12).



## RESUMO

O presente trabalho é resultado de uma pesquisa sobre a Marujada de Bragança. Trata-se de uma manifestação cultural e religiosa, parte importante da Festa de São Benedito. Esta manifestação despertou em mim o desejo de pesquisar e explorar a questão do corpo velho na dança do Retumbão da Marujada em Bragança/PA. O estudo foi realizado no município de Bragança, nordeste do Pará, com pessoas idosas da Irmandade de São Benedito. Os dados foram coletados em meio à pandemia ocasionada pela COVID-19. Em dezembro de 2020, foram realizadas as primeiras entrevistas, as demais foram efetivadas durante os meses de janeiro a junho de 2021, totalizando 12 sujeitos entrevistados, homens e mulheres, na faixa etária de 60 a 84 anos. A pesquisa teve como objetivo geral, investigar as memórias que constroem/sustentam as identidades de pessoas velhas, no sentido de resgatar nas memórias de suas trajetórias na Marujada. Para atingir tal objetivo foi realizado um estudo de abordagem qualitativa. As técnicas utilizadas foram de levantamento bibliográfico, observação direta e entrevistas baseadas na história oral como técnica de produção de dados. A relevância deste trabalho se evidencia pela possibilidade de discutir sobre as vertentes do corpo velho e contribuir para a reflexão sobre a importância da memória, como forma de ouvir os velhos e conseqüentemente, contribuindo teoricamente para a vivência de melhor qualidade de vida na velhice.

**Palavras-chave:** envelhecimento; Retumbão; pessoas velhas; Marujada.

## RESUMEN

El presente trabajo es el resultado de una investigación sobre la Marujada de Bragança. Es una manifestación cultural y religiosa, parte importante de la Festa de São Benedito. Esta manifestación despertó en mí el deseo de investigar y explorar la cuestión del cuerpo viejo en la danza del Retumbão da Marujada en Bragança / PA. El estudio se llevó a cabo en el municipio de Bragança, al noreste de Pará, con ancianos de la Cofradía de São Benedito. Los datos se recolectaron en medio de la pandemia causada por COVID-19. En diciembre de 2020 se realizaron las primeras entrevistas, las demás se realizaron durante los meses de enero a junio de 2021, totalizando 12 sujetos entrevistados, hombres y mujeres, con edades entre 60 y 84 años. La investigación tuvo como objetivo general, indagar en los recuerdos que construyen / sustentan las identidades de los ancianos, en el sentido de rescatar los recuerdos de sus trayectorias en Marujada. Para lograr este objetivo se realizó un estudio con enfoque cualitativo. Las técnicas utilizadas fueron levantamiento bibliográfico, observación directa y entrevistas basadas en la historia oral como técnica de producción de datos. La relevancia de este trabajo se evidencia en la posibilidad de discutir los aspectos del cuerpo anciano y contribuir a la reflexión sobre la importancia de la memoria, como una forma de escuchar al anciano y, en consecuencia, contribuir teóricamente a la experiencia de una mejor calidad de vida en la vejez.

**Palabras llave:** envejecimiento; Retumbão; las personas de edad; Marujada.

## ABSTRACT

The present work is the result of a research on the Marujada de Bragança. It is a cultural and religious manifestation, an important part of the Festa de São Benedito. This manifestation awakened in me the desire to research and explore the question of the old body in the dance of the Retumbão da Marujada in Bragança/PA. The study was carried out in the municipality of Bragança, northeast of Pará, with elderly people from the Brotherhood of São Benedito. Data were collected in the midst of the pandemic caused by COVID-19. In December 2020, the first interviews were carried out, the others were carried out during the months of January to June 2021, totaling 12 interviewed subjects, men and women, aged between 60 and 84 years. The research had as a general objective, to investigate the memories that build/support the identities of old people, in the sense of rescuing the memories of their trajectories in Marujada. To achieve this objective, a study with a qualitative approach was carried out. The techniques used were bibliographic survey, direct observation and interviews based on oral history as a data production technique. The relevance of this work is evidenced by the possibility of discussing the aspects of the old body and contributing to the reflection on the importance of memory, as a way of listening to the elderly and, consequently, theoretically contributing to the experience of a better quality of life in old age.

**Keywords:** aging; Retumbão; old people; Marujada.

## LISTA DE ANEXOS

Apêndice 1 – Roteiro de entrevista.....	165
Apêndice 2 – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE .....	167
Anexo A – Parecer Consubstanciado do CEP .....	168

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Entrevista com o velho poeta Aviz de Castro .....	19
Figura 2 – Capitoa e Vice-Capitoa no dia 26 de Dezembro .....	23
Figura 3 – Juíza e Juiz da Festa da Marujada de São Benedito.....	32
Figura 4 – Chapéu da maruja .....	34
Figura 5 – Maujas idosas com traje azul e vermelho.....	36
Figura 6 – Capitão e Capitoa da Marujada de São Benedito.....	38
Figura 7 – Fila de marujas e marujos aguardando sua vez para dança do Retumbão .....	39
Figura 8 – Entrevista durante a pesquisa de campo.....	48
Figura 9 – Mirante de São Benedito na vila de Camutá.....	49
Figura 10 – Entrevista com velho marujo.....	57
Figura 11 – Imagem de São Benedito.....	61
Figura 12 – Igreja de São Benedito. ....	63
Figura 13 – Barcos na orla de Bragança .....	66
Figura 14 – Orla da cidade de Bragança.....	67
Figura 15 – Os três Santos das comitivas: santo da praia, santo dos campos e santo das colônias.....	70
Figura 16 – Marujas velhas de São Benedito .....	75
Figura 17 – Maruja no altar da igreja de São Benedito.....	79
Figura 18 – Marujas (os) dançando no museu da Marujada .....	106
Figura 19 – Casal de marujos da festa na Marujada de São Benedito .....	114
Figura 20 – Avôs Marujas com seu neto no braço.....	119
Figura 21 – Rezadores da ladainha na quadra de esporte .....	122
Figura 22 – Teatro Museu da Marujada .....	123
Figura 23 – Memórias e lembranças de uma velha maruja.....	128
Figura 24 – Marujas (os) aguardando a Carreata de São Benedito.....	129

Figura 25 – Entrevista na pesquisa de campo. ....140

Figura 26 – Reverências das marujas a São Benedito.....155

## LISTAS DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ASTICCA	Associação da Terceira Idade do Campus de Castanhal
CAEE	Certificado de Apresentação de Apreciação Ética
CEP	Conselho de Ética em Pesquisa
COVID-19	Doença causada pelo SARS-CoV-2
EDATI	Expressão, Dança e Atitude na Terceira Idade
GETI	Grupo de Educação e Terceira Idade
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
OMS	Organização Mundial de Saúde
ONU	Organização das Nações Unidas
PELC	Programa Esporte e Lazer na Cidade
PPGEAA	Programa de Pós-Graduação em Estudos Antrópicos na Amazônia
SBGG	Sociedade Brasileira de Geriatria e Gerontologia
SESC	Serviço Social do Comércio
SESI	Serviço Social da Indústria
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
TCC	Trabalho de Conclusão de Curso
TSI	Trabalho Social com Idosos
UFPA	Universidade Federal do Pará

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO .....	17
1 CHEGOU DEZEMBRO! CANTA POVO BRAGANTINO: DA ESMOLAÇÃO AO RETUMBÃO .....	23
1.1 A Marujada de São Benedito: Uma Manifestação Bicentenária .....	23
1.2 A dança do Retumbão na festa de São Benedito.....	38
1.3 Apresentando o problema.....	43
1.4 O percurso metodológico: da aproximação ao afastamento.....	48
1.5 Tirando O Chapéu: As Aproximações .....	56
1.6 A “Pérola do Caeté”, o Santo Preto e seus velhos devotos.....	60
1.7 Sujeitos velhos da pesquisa: entre o esquecimento e as lembranças.....	74
2 POR QUE PESSOAS VELHAS? VIVÊNCIAS E EXPERIÊNCIAS ATRAVÉS DOS ANOS.....	79
3 PERSPECTIVAS TEÓRICO-CONCEITUAIS SOBRE O ENVELHECIMENTO, VELHICE, CORPO VELHO, DANÇA, IDENTIDADES E CULTURA POPULAR	91
4 O CORPO VELHO NA DANÇA É UM ATO DE RESISTÊNCIA: OS DEVOTOS DO SANTO PRETO.....	106
4.2 O corpo velho no Retumbão: a resistência que permanece.....	113
4.3 Tradição repassada entre as gerações: dos velhos aos envelhecetes.....	119
4.4 Identidade e memória de marujas e marujos que envelheceram.....	122
5 DES/COM/PASSOS ANTRÓPICOS BRAGANTINOS .....	129
6 OUVINDO AS VOZES PARA VIVENCIAR AS EXPERIÊNCIAS .....	140
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	155
REFERÊNCIAS.....	159
APÊNDICE 1 – ROTEIRO DE ENTREVISTA .....	165
APÊNDICE 2 – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE .....	167
ANEXO A – PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP .....	168



## INTRODUÇÃO

- Meu velho marujo  
 que estais a dançar,  
 com esse ar de menino  
 em plena euforia,  
 preciso te ouvir,  
 me deixa sentar,  
 me fala, marujo,  
 com a tua alegria.  
 Descansa um momento  
 esse corpo molhado  
 de suor, que resulta  
 da tua agitação  
 me fala aqui perto  
 de coisas bonitas  
 iguais as que vejo  
 neste alegre salão.

(CASTRO, 2000, p. 20)

Ouvindo a voz dos velhos, se entendo a tradição por meio de sua memória, se percebo que o corpo velho pode dançar com euforia, esse entendimento e percepção são frutos da curiosidade por parte de quem não conhece quem são as mulheres de pés descalços e de chapéus enfeitados e com lindas vestimentas, quem são esses homens de branco e pé no chão, de onde vem os cantos, quem são esses músicos e seus instrumentos, qual a origem das danças, que festa é essa? É a curiosidade epistêmica que me “faz saber, faz compreender” que é esse povo festivo, religiosamente festivo, geracionalmente festivo, corporalmente festivo.

Descrever a Marujada por meio de um diálogo foi o que fez o poeta Manoel Aviz de Castro, teatrólogo, incentivador e produtor cultural em seu poema *Conversa de Marujo*, poema que faz parte da obra *Antologia da Marujada*, em que o autor evoca a memória de um marujo velho a partir de uma conversa com um homem branco. Memória de um velho que nos conta sobre a festa da Marujada de São Benedito de Bragança no Pará. E é a partir dessa memória que pretendo desvelar trechos do poema como epígrafe de cada capítulo e principiar meu estudo no bailar da Marujada e na necessidade de ouvir pessoas velhas que também brotam da minha alma.

A escolha do poeta e de seu poema, deu-se pelo fato de, apesar de não ser nascido em Bragança-PA, reside na cidade há mais 70 anos e lá trabalhou, constituiu família e compartilhou seus ensinamentos na arte do teatro e da literatura aos bragantinos. Hoje, membro da academia Bragantina de letras, um velho poeta com os seus 77 anos, cabe-nos o reconhecimento por seu legado.

Vale ressaltar que em seu poema *conversa de marujo*, durante o diálogo, é notório um respeito e valorização ao termo velho, sem a sua utilização de forma pejorativa. No entanto, o

“velho marujo”, personagem criado pelo autor, traz, na sua fala, uma ênfase do termo “branco”, em várias estrofes, com a denominação “meu branco” se referindo a um homem que lhe faz indagações sobre a marujada.

Em relação ao poema é oportuno repensar e refletir, tensionar, criticar e enfrentar. Aprofundar o debate sobre a questão da branquitude talvez não caiba aqui. Porém, olhar para si e pensar coletivamente sim. Esses são os principais desafios em tempos de polarização e individualismo. Você não é o culpado pela escravidão, mas colhe os frutos de um mundo construído a partir da perspectiva do preconceito racial. Isso é branquitude! O seu privilégio precisa ser questionado.

Compreendo o contexto histórico do autor, homem branco, velho e mergulhado nas tensões raciais de sua época, entendendo essa pertença étnico-racial atribuída ao branco como o lugar mais elevado da hierarquia racial, um poder de classificar os outros como não brancos, colocando-os, assim, como inferiores aos brancos.

A produção literária do Aviz de Castro, como toda produção, é carregada de contradições, modos de ver o mundo que precisam ser compartilhados e argumentados. Poderia retirá-lo do texto por um pensamento que incomoda, no entanto, essa atitude também é silenciá-lo, ou silenciar a sua obra. Manter sua obra no texto significa refletir, discutir em relação ao modo de como o poema percebe o mundo e particularmente as relações de poder e principalmente no que diz respeito às questões étnico-raciais. Fala-se tanto de silenciamento, de exclusão e acabamos praticando-o de outras formas e ainda que existam várias contradições no seu discurso, que tem a ver com o mundo, ainda assim, existe uma produção literária que está materializada e desbrava com riqueza de detalhes a cultura bragantina, em especial a Marujada. Ainda assim, o autor, em alguns momentos do texto, é traído pela própria estruturação da sua visão de mundo em forma de poema.

Neste sentido, toda e qualquer crítica que façamos ou questões levantadas pelo autor dá a ele oportunidade de diálogo com o que ele escreve. Exemplo de oportunidade que abrimos para o referido autor e sua obra é em relação ao lugar da memória do negro/a, na sua escrita em relação a cultura bragantina e, particularmente, da marujada. Um santo preto cultuado tem uma relação direta com a ancestralidade de onde se origina os sentidos e significados que o constituem, o que inclui a sua cor. Isso precisa ser expresso por qualquer um que se coloca no exercício de produzir sobre a cultura a qual esse faz morada.

Parece-nos interessante e oportuno ressaltar a necessidade de pensar os ensinamentos da prática que a Marujada de São Benedito nos traz, com base em observação e na interpretação

das falas. É possível conceber a festa como cultura, ação e processo, buscando significados, pois,

Alvorada, procissão, desfile, passeio. Comida, bebida. Missa, banda, grupo musical. Salva de foguetes, futebol, brincadeira, jogos tradicionais, torneio. Abertura, encerramento, exposição. Quermesse, feira, bazar, leilão. Música, dança, canto, baile e teatro. Todos esses elementos, constando ou não na programação, podem fazer parte do espetáculo festivo, construído e instituído com base em fatores cotidianos, eventuais, culturais e comerciais. (ROSA, 2002, p. 14)

Figura 1 – Entrevista com o velho poeta Aviz de Castro



Fonte: Arquivo Pessoal (2021)

Para Brandão e Mercadante (2009), dar voz ao idoso significa ouvir o que ele tem a dizer, o que fortalece a sua autoestima, traz-lhe sentido de pertencimento, coloca-o como senhor de suas vontades e favorece a ressignificação das suas experiências de vida, além de trazer uma perspectiva interna à discussão do tema, fortalecendo-o teoricamente.

Quando assumo o entendimento de dar voz, não estou fortalecendo a ideia de que os idosos não possuem voz ativa, mas assumo a compreensão de que sirvo como veículo de comunicação, de escuta para as suas memórias.

Na vivência diária deparo-me com as velhices de força viva e pulsante que permeiam nossos espaços de convivência e atendimento, traduzidas pela diversidade no modo de falar, de

expressar, no acúmulo de experiências e saberes que cada pessoa idosa adquire ao longo de sua trajetória e sua história de vida.

O reconhecimento da existência dos saberes construídos do “ser velha/o” no mundo, na sua relação com ele, respeitando as diferenças, dar voz e vez aos mais velhos e a preocupação em tratar o envelhecimento numa perspectiva biopsicossociohistóricocultural, seria talvez um dos meus grandes desafios como estudiosa e interessada pelo processo de envelhecer.

O presente trabalho faz um mergulho no universo das memórias do corpo velho e proporciona memórias ricas de velhas e velhos, marujas e marujos. Em meio a esse caminho traçado, vão se revelando algumas realidades existentes com relatos de experiências, proporcionando novos olhares acerca do universo que é o de envelhecimento.

Corroboro com Simões (1998) quando nos revela o trabalho com a pessoa idosa, em meu entender deve focar a conscientização deste ser idoso-corpo-no-mundo. A pessoa idosa deve ter certeza que seu corpo ainda pode realizar e participar de muitas atividades e ações que produzam vida.

Diante da preocupação de escuta da voz das pessoas idosas e da construção de novas práticas de intervenção para o trabalho com pessoas idosas e como forma de conhecer mais profundamente esse universo diverso rico de saberes e de vida, apresento o objeto de estudo de minha dissertação: o corpo velho na dança do Retumbão da Marujada de Bragança – PA.

A presente pesquisa, por sua vez, tem como objetivo investigar as memórias que constroem/sustentam as identidades de pessoas velhas, a partir da dança do Retumbão na Marujada de Bragança, para compreender os lugares ocupados por esses corpos na sociedade/cultura bragantina.

Elenco como objetivos específicos da pesquisa Identificar os aspectos/fatos mais importantes nas histórias de vida das pessoas velhas na relação com a dança do Retumbão da Marujada de Bragança, resgatando nas memórias suas trajetórias na Marujada; Identificar os lugares ocupados pelo corpo velho na Marujada de Bragança; Analisar as implicações dos lugares ocupados pelo corpo velho na Marujada de Bragança para a construção de suas identidades; Refletir sobre a relação das identidades do corpo velho com as danças e manifestações culturais de nossa região, especificamente a dança do Retumbão da Marujada de Bragança.

As categorias teóricas estruturantes a serem estudadas neste projeto de pesquisa foram: “Envelhecimento”, “Dança”, “cultura popular”. Para tanto, foi realizada uma pesquisa de caráter qualitativo, referenciada pelos autores com comprovada relevância sobre o tema. Para discutir Envelhecimento apoiamos-nos em Gaiarsa (1989), Beauvoir (1990), Bosi (1994),

Simões (1998), Debert (1999), Neri (2000), para o debate sobre dança, Goldfarb (1998), Nanni (1998) Leal e Haas (2006) e Silva; Mazo, (2007) e para o debate sobre “cultura popular amazônica”, Silva (1981) e Rosário (2000).

A partir de hipóteses teóricas e metodológicas e dos conceitos expostos anteriormente, estudo sobre o corpo velho e aqui registro minha análise, que é a culminância desse exercício teórico-metodológico de pensar as velhas (os) marujas (os) por meio da dança do Retumbão na Marujada de Bragança.

Estruturo este estudo da seguinte forma, na introdução aponto as perspectivas para o estudo de uma forma geral e apresento o problema e os sujeitos da pesquisa, mostrando os objetivos, da motivação e necessidade de ouvir a voz dos velhos além de apresentar o referencial teórico, o percurso metodológico e relato através de memorial e o caminho para eu chegar até aqui.

No primeiro capítulo, identifico o local escolhido para a realização da pesquisa, mostro como se deram as aproximações aos pesquisados, apresento o problema e a metodologia aplicada. Trato sobre a festa da Marujada e seus rituais, além da dança do Retumbão e seus significados para as pessoas velhas e a identidade e memória desse corpo que envelhece dançando na Marujada de Bragança – PA.

No segundo capítulo, denominado Por que pessoas velhas? Vivências e experiências, trago meu memorial com experiências relacionadas durante todo o percurso acadêmico associado ao tema escolhido para a pesquisa.

No terceiro capítulo, construo o referencial teórico, os conceitos de envelhecimento, velhice, corpo velho, dança, identidades e cultura popular. Aponto alguns conceitos básicos e necessários para a contextualização da pesquisa e busco compreender melhor o complexo fenômeno do envelhecimento.

No quarto capítulo, abordo sobre o corpo velho na dança, destacando o lugar que o corpo velho ocupa na dança do Retumbão, ainda sobre e da tradição da Marujada repassada às gerações.

No quinto capítulo, Des/com/passos antrópicos bragantinos, trato sobre as expectativas, incertezas e desafios da “realização” ou “não realização” de uma manifestação bicentenária em um contexto pandêmico.

No sexto capítulo, denominado Ouvindo as vozes para vivenciar as experiências, busco compreender, por meio dos sujeitos velhos, as memórias que constroem/sustentam as identidades desses sujeitos, a partir da dança do Retumbão.

Em relação a escolha do tempo verbal e ao assumir em discorrer o texto, na primeira pessoa do singular fazendo uso dos verbos construo, analiso, abordo, compreendo, busco, identifico, destaco, enfatizo, entre outros, venho esclarecer que esse “eu” singularizado, não significa dizer que não seja um “eu” coletivo. Acredito que não existe individualidade sem a relação com o outro. Embora, ao fazer a escolha deste tempo verbal, compreendo que nessa primeira pessoa do singular, existem muitas outras pessoas que constituem e que fazem parte do discurso, da compreensão e da escrita deste texto.

## 1 CHEGOU DEZEMBRO! CANTA POVO BRAGANTINO: DA ESMOLAÇÃO AO RETUMBÃO

Quem são essas mulheres  
de pés desnudados  
chapéus adornados  
com plumas, espelhos, miçangas,  
colorido de fitas?  
Quem são as mulheres  
com semblantes humildes  
com vestes tão ricas?  
Esses homens descalços  
vestidos de branco,  
chapéus enfeitados  
com flores e fitas?

(CASTRO, 2000, p. 20)

Figura 2 – Capitoa e Vice-Capitoa no dia 26 de dezembro



Foto: Hildeana Nogueira (2020).

### 1.1 A Marujada de São Benedito: Uma Manifestação Bicentenária

As vistosas mulheres esbanjando beleza, como descreve o trecho do poema e apresentadas no registro acima, trata-se das autoridades representadas pela capitoa acompanhada com seu bastão, símbolo que a identifica como a autoridade, vice-capitoa logo atrás e na sua esquerda, a maruja “cabeça de linha”. Todas, pertencentes à Irmandade de São Benedito. Sobre essas mulheres daremos um destaque no texto mais adiante.

A Irmandade da Marujada de São Benedito de Bragança é regida por um Estatuto que se estrutura nos seguintes órgãos: uma Assembleia Geral, o Conselho Permanente, o Conselho

diretor e o Conselho Fiscal, cargos exercidos sem remuneração, com a possibilidade de se criar comissões segundo o interesse da Marujada. No que concerne à Assembleia Geral, trata-se de um órgão supremo da Marujada e acumula o poder de decisão via o voto dos associados e associadas. No estatuto da Irmandade, no seu artigo 1º, dispõe

Art. 1º A Irmandade da Marujada de São Benedito de Bragança-PA, ou simplesmente Marujada, é uma organização civil, de direito privado, com fins não econômicos, fundada no ano de 1798, com sede e foro na cidade de Bragança, estado do Pará, de caráter educativo e cultural. (Estatuto da Irmandade de São Benedito de Bragança, 14 de janeiro de 2005).

A Marujada e a Irmandade de São Benedito têm um conjunto de fatos e elementos que remetem ao ano de 1798. Estudos revelam que os escravizados pediram permissão aos seus senhores para organizar uma irmandade e após terem a permissão concedida organizaram uma festa para São Benedito e “os negros em sinal de reconhecimento, incorporados, foram dançar na casa dos seus benfeitores” (BORDALO DA SILVA, 1981, p. 66), com a repetição das danças, nas festas seguintes, tomou-se como tradição da origem da Marujada de Bragança. Este fato explica a saída da Marujada apenas no dia de Natal e dia de São Benedito (26 de dezembro) e no dia 1º de janeiro.

O período que compreende a data de 18 a 26 de dezembro e 01 de janeiro, são datas que marcam o calendário do povo bragantino em relação ao Início da Festa de São Benedito e a Marujada. Uma festa composta de rituais diversos entre eles alvorada, missas, novenas, esmolação, ladainhas, cavalhada, apresentações da Marujada, procissões, arraial e o almoço dos juízes.

A Marujada de São Benedito, na cidade de Bragança, é uma manifestação folclórica típica da região. Porém, a Marujada não é só de Bragança, ela alcança outras regiões. É uma prática visualmente de pessoas velhas, no entanto a visibilidade maior e um registro geral é de adultos que caminham para velhice, é considerada uma manifestação muito antiga e de tradição, datando sua organização bicentenária, mais precisamente 223 anos, no decorrente ano. A Marujada é uma dança conhecida em todo o Brasil; trata-se de um auto dramatizado de tragédia marítima da nau Catarineta e onde predomina o canto sobre a dança (SILVA, 1959, p. 21).

Sendo uma manifestação tipicamente bragantina, também possui uma forte influência da natureza local, quando se espalha na geografia do município de Bragança, em regiões distintas como as praias, os campos e as colônias (SARQUIS, 2018, p. 32-33). Importa destacar que:

A Marujada de Bragança em nada se assemelha ao auto marítimo existente em todo o Brasil com o nome de “chegança de marujos”, “Barca”; “Fandangos” etc., Ela é uma manifestação folclórica tipicamente bragantina. Constitui uma organização profana á



parte da Irmandade de São Benedito, amparada pelos atuais Estatutos. (SILVA, 1981, p. 66)

É considerada uma manifestação feminina que se constitui em grande parte por mulheres marujas, cabendo a elas a organização. O historiador Rosário (2000) explica que as mulheres negras sobreviveram como mães-pretas, amas domésticas, servas dos senhores e de seus filhos.

A Filósofa feminista Ângela Davis (1982) também nos revela que as mulheres escravizadas, assim como os homens, foram reificadas, exploradas e transformadas em um instrumento de trabalho, para servir e garantir os privilégios dos senhores de terra. O trabalho ofuscou qualquer outro aspecto de sua existência feminina. Parece, assim, que o ponto de partida de qualquer exploração da vida das mulheres negras escravizadas começa com a apreciação do seu papel de trabalhadoras.

A afirmação deixa para nós a convicção de que as mulheres velhas e negras da marujada, não devem mais ficar ofuscadas em nenhum sentido. Essas mulheres necessitam ocupar seu lugar, ter seu lugar de fala e serem reconhecidas pelas experiências de vida, por toda a história de seus ancestrais, podendo, assim, manifestarem-se livremente na manifestação e fora do contexto da marujada.

É importante ressaltar o contexto sociocultural em que a Marujada foi fundada, como bem observa Carvalho (2010, p. 68), como em todo o Brasil Colônia, a região do Caeté foi marcada pelo genocídio de incontáveis populações/tribos autóctones. Posteriormente, a escravização do negro trazido da África para aquela região irmanou o sofrimento e angústia de índios, negros e mestiços.

Na Marujada, existe uma hierarquia, que demarca significativamente os espaços entre homens e mulheres, enaltecendo a figura feminina da maruja como a mais importante em todos os eventos da Festividade, embora a gestão da Irmandade sempre tenha sido masculina. É constituída pelo caráter cultural de um povo por meio de sua devoção, a partir da Irmandade de São Benedito, através da dança e dos seus ritmos musicais. Além disso,

O ritual da Marujada pode ser entendido, grosso modo, como a comemoração dramática do milagre da salvação, embora encontre outros simbolismos presentes na sua dramatização: a possibilidade da construção de um espaço próprio; uma maneira de julgar-se importante, reconhecendo-se e sendo reconhecida na cidade local; uma forma de negociação com a realidade; sobretudo, a legitimação das condições objetivas de suas realidades (SILVA, 1997, p. 201).

A resistência dos escravizados se inicia no início da Irmandade do Glorioso São Benedito, mantidas suas particularidades culturais sob um véu de religião cristã, o que demarcava a aceitabilidade dos senhores, mas encobriam as práticas afro religiosas. A Marujada

surge como uma forma de resistência cultural, frente à amarra e sujeição dos “irmãos” ao seu amo e ao clero católico, refletida na efetivação da Irmandade do Glorioso São Benedito de Bragança.

Conforme Nonato da Silva (2006, p. 16),

A organização não somente da Irmandade do Glorioso São Benedito de Bragança, em 1798, mas de diversas outras confrarias leigas, como arma de resistência, cuja preservação de certo arcabouço cultural garante várias permanências até hoje perceptíveis e que seus agentes fundadores, considerados “subumanos” – para os brancos senhores, as brancas madames e a Lei dos brancos –, desqualificados para o trabalho da agroindústria que chegara com o tempo, sem terras ou educação primária, mantiveram-se presos às relações sociais caracterizadas pela dependência com relação ao senhor e ao clero católico.

A Irmandade da Marujada de São Benedito de Bragança (IMSBB) surge na década de 1980 como uma, das várias, estratégia de sobrevivência e de proteção de uma manifestação cultural que se mantinha viva há mais de um século. Naquele momento, diante do ganho de causa por parte da Igreja, dos bens da Irmandade, que incluía a Igreja de São Benedito e outros bens, e o medo de que a Marujada, o bem mais precioso também fosse tomado, houve uma articulação e um movimento entre os participantes, marujas e marujos, folcloristas, membros de famílias tradicionais ligadas historicamente a Irmandade.

A IMSBB é fruto do rompimento da antiga Irmandade do Glorioso São Benedito São Benedito de Bragança (IGSBB), que havia sido transformada em sociedade civil, no ano de 1946. Entretanto, nesse processo de articulação após uma briga judicial com a Igreja, tem um compromisso datado do dia 13 de janeiro de 1985, o qual passa a se denominar Irmandade da Marujada de São Benedito de Bragança (IMSBB). A IGSBB foi uma dessas Irmandades fundadas no Brasil colonial que tinha por objetivo prestar assistência aos associados negros. Foi fundada em 1798, data de seu primeiro estatuto, e por ela circularam os produtores da Marujada, que até hoje estão presentes nos discursos sobre os mitos do surgimento da Irmandade, e da própria Marujada. O presidente da IMSBB, João Batista Pinheiro, conta-nos que a irmandade começou, a partir de 14 escravizados. Foram os escravizados que fundaram a Irmandade, e lá do outro lado do Rio Caeté. Mas eles tinham a Irmandade somente entre eles, depois com a chegada dos brancos eles reuniram-se e queriam divulgar. Foi então que no dia 03 de setembro eles escolheram essa data para começar a divulgação, a fundação realmente concreta da irmandade. No dia 03 de setembro, ela fez este ano o aniversário de 223 anos.

Essa transformação da IGSBB em sociedade civil foi um marco para a produção cultural bragantina, justamente porque fortaleceu a Marujada, significava que a marujada era independente da Igreja, diante de uma articulação entre os produtores (re)inventar-se a

Irmandade, que agora tinha o nome da Marujada, endereço e CNPJ. Analisando o panorama atual na Irmandade, é ela quem organiza a Marujada no contexto da festa, faz parte de uma organização da estrutura que inclui também a Igreja Católica e Poder público. O Presidente da Irmandade, hoje um homem velho, João Batista Pinheiro, conhecido como “Careca”, está no cargo há muitos anos, mais precisamente há 30 anos. Essa função ele recebeu do seu pai, Arsênio Pinheiro, que por muitos anos esteve à frente da Irmandade.

Como podemos ver,

*[...] eu tive o privilégio de ser escolhido para suceder o meu pai e hoje estou como presidente da marujada e estou lá porque gosto. Jamais eu iria para lá se eu não gostasse não eu gosto eu sempre eu digo não sei se eu falei para senhora, que a marujada é minha segunda família, eu tenho a minha família aqui em casa e a marujada é minha segunda família. (MARUJO “O CHAMADO”, 68 anos)*

A Marujada é caracterizada por danças, cuja representação principal é o **Retumbão**, dança de ascendência negra com o compasso musical rítmico do lundum. O Retumbão tem origem comum à fundação da Irmandade em 1798. Sobre esta dança, abordaremos a seguir com mais detalhe, porém, cabe aqui trazer sua definição a partir da fala de um velho marujo como podemos ver,

*[...] o Retumbão ele é uma dança bem típica, onde o capitão e o vice capitão eles iniciam a dança e vão até capitoa e vice capitoa e convidam para vir o salão para dançar, então por isso que eu digo que o Retumbão é uma coisa muito original da marujada, nós temos esse cuidado, essa preocupação de manter essa dança na marujada, porque? porque veio a 200 anos atrás, então nós só estamos dando uma continuidade, aliás ela é uma dança que é africana, um que foi originada pelos escravos e hoje nós estamos dando continuidade uma dança que é africana, que por sinal muito bem dançada pelos nossos marujo e maruja, um detalhe, né. Nós temos o cuidado deles não se exceder, não pular, a dança é aquela que os marujos e as marujas arrasta o pé no salão. Essa é a originalidade da tradição, da marujada [...]* (MARUJO “O CHAMADO”, 68 anos)

A Marujada foi declarada patrimônio Cultural e Artístico do Estado do Pará, no dia 18 de dezembro de 2009, por meio da lei Nº. 7.330 e possui uma estrutura hierarquizada. A figura da Capitoa é a autoridade máxima da Marujada e possui o cargo vitalício, em que as marujas e marujos, independente de sexo ou idade, devem obediência e respeito. Desde 2016, a Sra. Maria de Jesus do Rosário Silveira (mais conhecida como dona Bia), mulher negra e velha, encontra-se no cargo de Capitoa da Marujada. Seguindo a hierarquia depois vem a figura da Vice-

Capitosa, hoje neste cargo a senhora Leuda de Jesus, mulher adulta envelhecida, foi escolhida pela sua capitosa para ser sua Vice, e pelas marujas “cabeça de linha”, mulheres velhas representadas pela Senhora Bené Morrão e Maria de Fátima, que geralmente são marujas antigas na tradição e têm por função auxiliar o comando das apresentações após a saída da Capitosa de sua apresentação.

Neste contexto,

A organização e disciplina é exercida por uma capitosa e por uma sub-capitosa. A primeira capitosa foi eleita pelas marujas em assembleia, mas daí por diante é a capitosa quem escolhe a sua substituta, nomeando a sub-capitosa, que somente assumirá o bastão por morte ou renúncia daquela. (SILVA 1981, p. 67)

Neste ponto acrescentamos,

*A capitosa manda. Ela não vai, aí ela olha para mim faz assim: vai lá naquela moça e diga para ela que ela não pode permanecer no salão que a saia dela tá curta ou então mande ela baixar e dar um jeito de abaixar mais, porque ela não pode ficar para dançar e nem ir na frente. (MARUJA COMITIVAS, 62 anos)*

Uma das funções da Capitosa durante as apresentações das danças é a de observar se as marujas e marujos estão com a indumentária completa de acordo com o que rege o protocolo. Existe uma espécie de inspeção desde a primeira apresentação das danças, representada pela Roda que se trata de um ritual de circularidade, que inicia e termina todos os rituais afro-indígenas. Portanto, “nada foge” aos seus olhos atentos em relação à exigência dos pés descalços, presença da anágua, saias com o comprimento até os tornozelos, fita e flor posicionada corretamente, entre outras nuances. Existe um rigor a ser seguido, um padrão estético a ser apresentado e uma tradição a seguir. Quando, na oportunidade, a Capitosa não vai diretamente chamar a atenção, sempre solicita que uma das cabeças de linha ou uma maruja antiga na tradição o faça.

*Na Marujada, eu sou a autoridade máxima, eu me sinto ser uma pessoa muito além de ser uma responsável, sinto muito a responsabilidade né! porque na festa eu tomo conta de tudo, de qualquer coisa pessoalmente. Agora eu sou uma pessoa muito assim, de não querer julgar uma pessoa, como uma autoridade né eu me sinto assim... quero dizer assim para chegar perto da pessoa e chamar atenção (MARUJA AUTORIDADE, 63 anos)*

Tomo aqui a discussão de que a capitosa é uma mulher velha e autoridade máxima, a ela as marujas e marujos devem respeito e obediência. No entanto, essa mulher que, considerada uma autoridade em sua fala, sente-se constrangida em chamar a atenção, fato esse que acontece

geralmente com quem não vivencia a marujada mais de perto, não participa dos ensaios, das reuniões, não pertence ao meio rotineiramente. Existem pessoas alheias às regras e normas da Irmandade e normalmente os que são chamados atenção são visitantes.

Como é visto para os que apreciam as apresentações, uma mulher, velha, e negra ser a autoridade máxima de uma festa? Como essa mulher é vista sem a sua indumentária e o bastão que lhe identifica como Capitoa nas ruas de Bragança fora do período da festa? Existe um reconhecimento por parte da população em relação à mulher velha como autoridade máxima sem sua indumentária fora do contexto da marujada?

Sobre todos esses questionamentos, desponta aí outro problema, além da invisibilidade da pessoa velha, existe uma identificação com o uniforme, a indumentária. Sem ela e sem o contexto da Marujada, poucos lhe reconheceriam. Não é comum se ver beleza no corpo velho! Digo-lhes, há muita beleza no corpo velho. Há quem repudie um corpo velho, e ainda mais um corpo velho que se movimenta, que dança, que vive, que tem liberdade de se expressar.

Partindo das leituras de Gaiarsa (1989, p. 21), corroboramos seu pensamento quando diz,

Depois de termos vivido 60 anos “dentro” desse corpo tão malvisto, tão maltratado e tão malsentido, só podemos, como velhos, acreditar assustadamente, que de nosso corpo só pode advir males – afinal, é “ele”, que vai morrer (porque a alma não morre!) E aí qualquer sensação corporal é sentida como ameaça, perigo, doença – e morte. É muito fundo o protesto dos que viveram quando vai chegando fim. Poucos os aventureiros conseguem virar e recomeçar.

Se reconhecer velha(a), aceitar seu processo de envelhecer e perceber que o corpo velho é capaz, que ele deseja, sente, dança é também resistir. Recomeçar, lutar e ter consciência bastante para ter ao longo da vida a realização por si mesmo.

Os rituais que compõem a manifestação da Marujada de São Benedito revelam pelas pessoas velhas marujas e marujos um sentimento de pertencimento e irmandade perceptível em suas falas. Sem dúvida, “[...] eu acho, me acho muito completa lá eu me sinto muito feliz na irmandade. (MARUJA PROMESSEIRA, 77 anos)”.

Assim como,

[...] comecei a participar da Marujada e olhar a Marujada, porque eu achava linda aquelas mulher dançando, aí desse tempo eu comecei a participar da Marujada, para mim eu ia para o arraial eu ia para a missa, depois da missa eu ia para barraca da Marujada olhar até cansar e quando eu cansava umas 11 horas para meia noite, eu dizia: agora eu vou me embora (MARUJA PERTENCIMENTO, 84 anos)

A possibilidade de fazer parte de um grupo em que o respeito, o acolhimento e a oportunidade lhe é proporcionado, levando em consideração sua fé, devoção e amor à cultura de sua região, independentemente de sua classe social, grau de escolaridade, gênero e idade cronológica, a sensação de completude e pertença é significativa. Não é por acaso que,

*[...] A gente quando entra na Marujada e a gente participa, a gente se sente muito feliz, porque eu, eu era só promessa por muitos anos, e eu sempre pagava minha mensalidade todo ano, só que eu tinha muita vontade de dançar, **eu chegava lá e ficava do lado de fora, mas eu me sentia assim, que eu ficava com vergonha de eu entrar, aí como eu não era do quadro, eu pensava assim, que eles não fossem me aceitar ou eu ainda não sabia dançar o Retumbão**, aí foi passando o tempo, foi passando o tempo e aí um dia eu entrei eu não tinha ainda minha saia porque eu ia mandar fazer minha saia, comprei uma blusa lá na igreja de São Benedito, aí eu entrei com aquela vergonha, mas entrei. (MARUJA IRMANDADE, 69 anos, grifo nossos)*

Cabe aqui retomar a fala da entrevistada e refletir sobre a questão do certo “status” que há em fazer parte do quadro (fazer parte do quadro seria ser associado da Irmandade e ser considerado maruja (o) permanente) com relação à aceitação. Talvez exista um “mito” por parte de quem não faz parte da associação em achar que os marujos já devem entrar sabendo dançar e que isto será cobrado na sua estreia.

O espírito de Irmandade é fortalecido no encontro de devoção e fé das marujas (os) durante a festividade. Assim como,

*[...] compartilhar com a irmandade é compartilhar com a Marujada logo né, é assim as coisas juntas, não entrei pela dança, eu entrei pela religião e pela promessa que eu fiz e mais pelo santo. A Marujada, ela veio depois com passar do tempo foi que eu fui aprendendo a conviver dentro e fui aprendendo, porque eu não entrei sabendo, olhando e aprendendo. (MARUJA ARTESÃ, 70 anos)*

*[...] a gente estamos lá porque a gente é católica, porque a gente acredita né, naquela festa, naquela irmandade, naquele santo né a gente paga todo mês e porque a gente paga? **A gente paga é para ter aquele direito de se consultar, caso falecer, ter o seu caixão, porque eu não sei de tudo o que a gente tem direito**, nunca precisei, nunca usei né, mas eu tô lá. (MARUJA DANÇARINA, 74 anos, grifo meus)*

Nas falas dos entrevistados foi possível notar, que para as pessoas velhas da marujada, não há um esclarecimento sobre os reais benefícios e direitos dos associados. Alguns somente

já ouviram falar que há benefícios, mas nunca utilizaram, por outro lado, há quem já foi beneficiado e reitera.

Pois,

*[...] eu entrei na Marujada sem ser de promessa e entrei pagando a mensalidade todo dezembro. Eu entrei pagando, até que um dia desse o Careca mandou uma cesta de mantimentos pra mim porque eu estava operada. Eu me operei do útero [...] (MARUJA PERTENCIMENTO, 84 ANOS)*

O esclarecimento perpassa pelo cumprimento do que diz o estatuto social da Irmandade, no que se refere ao Artigo 27º que diz,

Artigo 27º - Fica pelo presente Estatuto, criado o fundo especial de apoio as Irmãs (os) Marujas (os) do quadro permanente, cuja finalidade é prestar assistência funerária e médica, correspondente a nunca menos de 20% (vinte por cento) dos depósitos bancários, doações, outras rendas, excluindo as doações específicas .

A festividade é marcada por vários rituais, entretanto dentre os mais relevantes estão: a esmolação, a procissão fluvial, o bendito, o arraial, o leilão, o almoço dos juízes, a cavallhada, a procissão e as danças da Marujada.

O Juiz e a Juíza da festa são uma espécie de “patrocinadores da festa”, onde por motivo de um pagamento de promessa, têm a responsabilidade de custear as despesas com os almoços do dia 25 e 26 de dezembro para os integrantes da Marujada. Em um ano o almoço do Juiz é realizado no dia 25, no outro ano, ocorre no dia 26. A mesma alternância acontece com o almoço da Juíza, que em um ano é no dia 26, e no outro ano, no dia 25. Nesse sentido, há uma metodologia para que os almoços não ocorram sempre na mesma data. O custo do almoço do dia 26 é maior, pois há um número maior de pessoas que participam deste ritual, portanto, não há nenhum padrão de separação de gênero e sim um mecanismo de troca. Podemos dizer que existe uma hierarquia durante esse ritual, onde podemos perceber que existem mesas e assentos separados para autoridades e convidados da festa, entre eles: presidência, os juízes, políticos e patrocinadores. Os demais, marujas e marujos “sem cargos importantes” crianças, jovens, adultos e pessoas idosas, são acomodados em outros locais sem muito destaque.

Os juízes deste ano são de famílias tradicionais, geralmente são. A jovem Iris de Fátima Lima Barbosa de 34 anos e o jovem Marcos Ferreira Amorim Júnior, 14 anos, são de famílias que atuaram ativamente dentro da Irmandade, avós e tio avós, na função de esmoladores e integrantes de comitivas. Ainda durante a conversa, foi a mim informado que o Juiz era bisneto de Arsênio Pinheiro, ex Presidente da Marujada. Os jovens Juízes estão à frente na festa de 2020 e em Assembleia Geral foi determinado que seriam eles que estariam novamente no ano

de 2021. O motivo seria a possibilidade de neste ano poderem de fato pagar suas promessas, oferecendo o tradicional almoço para as marujas e marujos.

Durante a pesquisa de campo, tive a oportunidade de conversar com os dois, após um ritual de ladainha. Na oportunidade, ambos revelaram que também fazem parte de seus objetivos nesta função o de mostrar e divulgar para as pessoas a festa do Glorioso São Benedito e acima de tudo, mostrar que mesmo diante das dificuldades, os Bragantinos seguem com muita fé e amor ao santo, que mesmo de forma simbólica, é uma festa de muita gratidão e todos estão felizes por isso.

Figura 3 - Juíza e Juiz da Festa da Marujada de São Benedito



Foto: Hildeana Nogueira (2020).

As músicas são instrumentais e recebem as mesmas denominações das danças, sendo: roda, Retumbão, chorado, mazurca, xote, valsa e contradança e em relação aos instrumentos utilizados são: rabeca, tambor, reco, pandeiro e banjo. Dentre as danças que representam a



Marujada estão: roda, Retumbão, chorado, xote, mazurca, valsa, contradança e arrasta-pé. Uma delas, o **Retumbão** é foco da minha pesquisa, mais precisamente **o corpo velho no Retumbão da Marujada de Bragança**.

A festa inicia com a Alvorada, o povo bragantino chega aos primeiros raios do sol da manhã, por volta de 5h. O estourar dos fogos, para o povo bragantino, é sinal de que a festa começou, marcando, assim, oficialmente, a abertura da festa de São Benedito, realizada sempre no dia 18 de dezembro na igreja de São Benedito. Após o final de uma apresentação executada apenas pelas marujas, dirigem-se em duas filas, lideradas pela capitoa em uma das filas e a outra pela sub-capitoa, para a reverência ao altar do santo e em seguida dirigem-se ao museu da Marujada para o tradicional café da manhã servido aos participantes da Marujada.

No ano de 2020, a Tradicional Alvorada, com a presença marcante do povo da zona urbana e rural, com marujas e marujos trajados, com o café servido aos presentes não foi possível acontecer, a adaptação por conta da pandemia, trouxe a nostalgia a partir de lembranças dos anos anteriores, como pode ser observado na fala seguinte

*[...] ontem na hora queima dos fogos na alvorada filha, eu chorei eu não vou mentir eu, a capitoa, o capitão, a vice-capitoa e dois marujos, olhando para o tempo, os fogos subindo e a lágrima descendo. Porque para nós é uma grande tristeza nós não ter a nossa festa linda e maravilhosa. Ontem que era, levantando o nosso mastro, eu terço mastro, traduzindo o São Benedito do Camutá para nossa cidade linda e maravilhosa e ontem fizemos uma pequeno cortejo e nós nem podemos chegar perto dele, tocar na fita dele para beijar não é isso que eu quero. (silêncio e choro) (MARUJA COMITIVAS, 62 anos)*

Entretanto, existem pessoas alheias a toda essa emoção e tradição vivida pelos bragantinos. É possível perceber na reflexão de Silva, (2010, p. 10)

Para muitos visitantes, a festividade é vista apenas como uma festa, sem muito significado ou essência, diferente do que acontece com as pessoas que passaram por todo o processo que a Irmandade de São Benedito proporciona para se tornarem marujos, seja por promessa ou por outros motivos.

No dia 25 de dezembro, as marujas (os) usam os trajes na cor azul em homenagem ao menino Jesus e no dia 26 de dezembro, considerada a data mais importante, trajam-se na cor vermelha em homenagem ao São Benedito. As mulheres usam blusa branca de renda e uma grande saia rodada cobrindo os tornozelos, que são apresentadas em azul ou vermelho, de acordo com a data da apresentação, além da saia, por baixo, elas vestem uma anágua de cor branca. Na cabeça, um chapéu com estruturas diversas como carnaúba, papelão ou palhinha, ornado com plumas e penas brancas das aves da região bragantina no seu topo, com muitas fitas

de cetim de cores diversas, sendo que existe uma forração de tecido na parte interna do chapéu. Silveira (1952, p. 78) aponta que “As marujas se enfeitam. Saias encarnadas e azuis. Blusinhas brancas de rendas. Chapéus de fitas das mais variadas cores, penas de garça e de guará, miçangas e vidrilhos, espelhos e contas. Tudo matizado, tudo alegre. O Retumbão se ensaia [...]”.

Segundo Alencar (2013, p. 61) é importante ressaltar que o “exagero” nos enfeites e rendas das roupas e adereços, lembram a mistura de etnias entre africanos e europeus. Sobre o chapéu, principal adereço das marujas, a autora ressalta

O chapéu carrega em si cada elemento que representa as origens do povo bragantino: as penas favorecem uma representação do índio com seus cocares de uma diversidade de cores e formatos, já as miçangas, vidrilhos e contas favorecem a representação dos escravos, é sabido que em algumas religiões africanas os colares coloridos são utilizados em rituais, para identificar a hierarquia ou até mesmo deuses e entidades. O elemento europeu é representado pelos espelhos, visto que eram provenientes da cultura ocidental e serviram de moeda de troca com os primeiros habitantes brasileiros.

É possível observar, na imagem abaixo, uma velha maruja mostrando seu belo chapéu, cheio de fitas coloridas, conforme a tradição.

Figura 4 – Chapéu da maruja



Foto: Hildeana Nogueira (2021).

Sobre a Indumentária é pertinente reforçar o que já falamos anteriormente em relação a importância de se estar com ela completa, ou curiosamente para alguns denominam “farda completa”. Foi-nos revelado que as marujas e marujos bragantinos da irmandade, por saberem

de todos os critérios exigidos nas apresentações, pouco são chamados atenção em relação a essa questão. No entanto, os visitantes ou ditos “promesseiros de primeira viagem”, esses sim são chamados atenção, como ressalta a maruja indumentária

*O importante é você chegar e que esteja completa com uma blusa como de manga, de cambraia de preferência a saia com a anágua e um short por baixo. Por que já houve confusão da maruja não está de short e quando foi rodar aparecer as pernas, calcinha, tudo né! Por que isso, a capitoa é que é chamada atenção. (MARUJA INDUMENTÁRIA, 77 anos)*

Geralmente a rotina diária de uma maruja durante a festa é marcada por uma participação que compreende o período que inicia às 6h da manhã e finaliza à meia noite. Nesse ínterim, as velhas marujas, dão exemplo de energia e vitalidade. Nem mesmo uma saia longa e uma anágua, desmotivam-nas de se fazer presentes. Como o período de participação é intensa, além da necessária hidratação e alimentação, as marujas criaram alternativas para levar consigo espelho, maquiagem, dinheiro, documento e aparelhos celulares. Com muita criatividade nas saias mais modernas, estão acoplados bolsos grandes de tecidos com o mesmo tecido da saia, que costurados por dentro, se tornam invisíveis a quem vê de fora. Estratégias de criatividade e praticidade das marujas que precisam estar livres para dançar e não podem carregar bolsas durante os rituais. Em relação à composição da vestimenta, podemos ver,

*Dizem que antigamente as marujas usavam três anágua né, uma mais apertadinha e duas mais folgada, mas imagina né no calor doido né, só uma já fico agoniada, imagina 3! (MARUJA INDUMENTÁRIA, 77 anos)*

*[...] toda maruja tem que ter o short e toda maruja tem que ter a anágua, maruja sem anágua não é maruja. É outra complicação que nós tem. Nós já lutamos um bocado com isso. (MARUJO LADAÍNHA, 64 anos)*

Para acompanhar a indumentária e declarar a vaidade, as mulheres usam muitos adereços como rosas de tecido presas ao peito e colares e pulseiras coloridos. Atravessada em seu tronco, as marujas trazem uma fita larga da cor que se apresentam no dia, sendo assim

*Aquelas mais idosas, elas são muito vaidosas, se for contar no pescoço elas tem uns 20 colar no pescoço. Eu não consigo! Eu uso no máximo que eu ponho é 3 ou 4. A tia da Capitoa né ela usava 20 colar. (MARUJA INDUMENTÁRIA, 77 anos)*

Ao contrário do que grande parte da sociedade pensa em relação às pessoas velhas, no sentido de autoestima baixa, autonegligência, desinteresse por moda ou falta de cuidado consigo, podemos perceber durante a pesquisa que as mulheres e homens, marujas e marujos,

cuidam-se, preocupam-se em estar impecáveis durante sua apresentação na festa. Nesse contexto, as mulheres velhas, em grande maioria, mostram-se vaidosas, sentem-se elegantes e com inspiração para criar e ousar na sua participação. Como podemos ver,

*[...] eu me inspiro em mim mesmo, eu não me inspiro em ninguém. Até um dia desse teve uma maruja que diz assim: há! porque que tu te vestes diferente das outras? Eu disse assim: Não! eu visto como eu posso, como eu gosto tá. Eu gosto do meu brinco padronizado no dia do vermelho eu gosto de colocar meu brinco vermelho, no dia do azul eu gosto de colocar meu brinco azul, para roupa azul meu colar azul e branco, meu vermelho e branco tá! meus anéis eu gosto, tenho pulseira que dá daqui aqui, só prata tá! gosto da minha unha feitinha [...] (MARUJA COMITIVAS, 62 anos)*

Neste contexto, não posso negar que existe uma espetacularização da Marujada, a mídia televisiva que acompanha a festa está preparada para registrar os melhores momentos, closes, ângulos. E qual o registro mais interessante para a mídia no interesse de mostrar o belo? As moças jovens, com corpo magro, com maquiagens marcantes e sorrisos largos, ou o corpo velho, com silhuetas que contam a sua história, cabelos grisalhos e que senta-se ao cansar?

Percebe-se que os jovens estão na mira dessa mídia que pode ser cruel com as pessoas velhas. A sexualidade da pessoa velha é ignorada, as pessoas velhas não podem ser estereotipadas como pessoas que “já viveu sua vida e agora não é mais a hora”. Porém, entendemos que lugar e fala de velhos é onde eles quiserem, a hora que eles quiserem.

Figura 5 - Marujas idosas com traje azul e vermelho



Foto: Hildeana Nogueira (2020).

A capitoa traz consigo, em todos os rituais, um bastão de madeira, enfeitado de flores nos tons azuis e vermelhos, dependendo da data a ser utilizado.

Os marujos apresentam-se de calça e camisas de mangas compridas na cor branca ou de cor, chapéu de palha de carnaúba com a aba virada em um dos lados, revestido de tecido branco e nele fixada uma flor de tecido nas cores azul ou vermelha, combinando com a cor da saia da maruja, no braço amarram uma fita na cor azul ou vermelha. Os marujos, assim como as marujas, também são dirigidos por um capitão e um Vice-Capitão.

As marujas caminham e dançam, entre um ritual e outro, pelas ruas de Bragança de pés descalços e passos curtos e ligeiros com rodopios rápidos ora em sentido horário, ora em sentido anti-horário. A Marujada dança em dois barracões denominados “barracãozinho” e o museu da Marujada. Neste dia ocorre a tão esperada procissão de São Benedito, que percorre as ruas de Bragança em um longo percurso, finalizando com a solene missa campal após a chegada do Santo no largo. Após a missa, os dançarinos da Marujada apresentam as suas danças no teatro museu até a meia noite. As danças executadas por marujos e marujas são a grande e uma das mais esperadas manifestações dos rituais. Dançar, para as marujas (os), pode ser também agradecimento por graças alcançadas, devoção ao santo preto ou simplesmente o prazer que o ritmo alegre traz. Como é possível observar nas falas,

*Tem o lado espiritual também naquela dança é que nós fazemos nossa manifestação, agradecendo, louvando, uma maneira de louvar e agradecer graças alcançadas por milagres, por cura porque tem muitas pessoas ali, que pagam promessa por cura, por milagre alcançado, pessoas que não dançam mais que acompanham. (MARUJO TRADIÇÃO, 65 anos)*

*[...] eu gosto de ver funcionar como eu conheci eu gosto da tradição mesmo, eu gosto de raízes da Marujada, porque a pessoa te respeita ali dentro além de profano, tem o Divino ali dentro é uma coisa espiritual a Marujada, apesar de ser uma coisa que é profana a dança, mas existe a espiritualidade, ali naquela dança nós estamos homenageando de São Benedito e estamos dançando também para o menino Jesus, para Deus. (MARUJO TRADIÇÃO, 65 anos)*

Sobre esta fala é importante lembrar que marujas e marujos entendem que dançar é uma forma de louvar ao santo preto, o menino Jesus e Deus. Para as velhas (os) da Irmandade, é comum em suas falas fazer essa distinção do que é “sagrado” do “profano”. Para alguns estudiosos da Marujada, tudo é sagrado, já que se dança para louvar o santo. Ou seja, tudo o que está na programação da festa é considerado sagrado, porém o que não está é considerado profano.

Nesta linha de reflexão Fernandes (2011. p. 94) nos provoca, ao afirmar “[...] para que se possa ter nitidez, há a necessidade de se provocar e divisão ou exclusão: o profano vem de fora, não é parte da devoção. É uma estratégia que está no sentido da romantização da igreja, pois só há duas possibilidades: ou está fora da igreja ou está fora dela”.

Figura 6 – Capitão e Capitoa da Marujada de São Benedito – Pessoas Idosas



Foto: Hildeana Nogueira (2020).

## 1.2 A dança do Retumbão na festa de São Benedito

- São danças, meu branco  
que vem de além-mar,  
dos ricos salões  
ou de pobres senzalas.  
Assim me contaram  
os homens de livros,  
foi assim que aprendi  
desde tempos passados.  
- São ritmos afros  
ou mesmo europeus,  
se estou entendendo  
o que queres dizer?

(CASTRO, p. 23)

Figura 7 - Fila de marujas e marujos aguardando sua vez para dança do Retumbão



Foto: Hildeana Nogueira (2020).

O termo Retumbão, de origem portuguesa, pelo fato de que era possível escutar o ritmo de locais distantes, onde o som retumbava. A orquestra para entoar a dança, pois não há canto, compõe-se de: Tambor de São Benedito, pandeiro, reco-reco e o tambor onça.

Silva (1997) nos revela que originariamente, pelos negros de Bragança, a dança da Roda e do Retumbão são consideradas as mais importantes e legítimas formas que representam a base da Marujada.

Algumas coreografias das danças da Marujada, são ritualizadas, solenes, dançadas de uma maneira muito séria, uma música solene, rostos cerrados expressando um sorriso extremamente discreto, quase imperceptível aos olhos de quem assiste. Não há sofrimento, mas podemos arriscar em dizer que há um ritual místico e litúrgico, que se mistura com um respeito pelo ritual no momento. A dança do Retumbão é uma dessas danças. Naquele momento, muitos vêm pagar as promessas feitas ao santo através da dança.

O Retumbão é considerado a dança mais importante e a mais tradicional da Marujada, tanto para alguns estudiosos que estudam a marujada, quanto para marujas e marujos. Há este reconhecimento. Dentro do ritual das danças, o Retumbão é a segunda dança a ser apresentada na sequência organizada das apresentações da Marujada. Interessante destacar que no Retumbão é o Marujo, portanto a figura masculina que inicia e encerra a dança, diferentemente da dança Roda, que é dançada apenas por mulheres. A dança do Retumbão é dançada por dois casais, representados pelo Capitão e Vice-Capitão da Marujada e que na oportunidade tiram a

Capitosa e Vice-Capitosa respectivamente para dançar. A elegância com que os casais de maior hierarquia volteiam pelo salão do museu expressam concentração, rostos com uma expressão de seriedade e um leve sorriso que chega a ser contido, sempre com a postura donairoso e sem “molejo no quadril” fascinando e prendendo a atenção da plateia que assiste. Podemos dizer que chega a ser um ritual cheio de misticismo.

A afirmação deixa para nós a convicção de que,

[...] o nosso Retumbão é menos cheios desses requebros excitantes, predominando sobre isso, a preocupação dos passos coreográficos. As maneiras e o donaire com que é dançado, lhe dão certas características próprias, embora se possa reconhecer na música cadenciada pelo tambor grande e no estilo da dança, um ritmo primitivo. (SILVA, 1981, p. 70)

Em relação ao ritmo, “Parece-nos que o Retumbão é o próprio lundum, que nos ficou com aquele nome, insulado neste grupo, em Bragança, sem ter sofrido as influências da civilização, que o modificou progressivamente da senzala ao salão aristocrático” (SILVA, 1981, p. 69).

Entretanto, Brandão da Silva (1997, p. 218) faz uma observação a esse respeito e diz:

O fato que identifica o Retumbão com o lundu, precisa ser esclarecido sob pena de continuar a incorrer no erro de atribuir ao lundu, e no caso à Marujada, como sendo criações originais de negros, baseados que seriam em formas originalmente africanas. Isso permite evitar cair em contradição com a posição assumida anteriormente, que vê tanto um como outro ritual inseridos dentro de uma “estrutura ritual ibérica” (1997, p. 218)

No lundum, um só par dança. A dança é mais sensual, com lubreios dos casais, com requebrados de quadril, com batidas de mão e volteios em roda. Já o Retumbão é executado por dois casais, no entanto o compasso não é marcado por palmas. A sequência coreográfica e os movimentos corporais obedecem às seguintes regras: para o início de sua execução os homens vão sozinhos dançar no salão, em volteios ligeiros ora girando para um lado, ora para outro, num total de quatro compassos, estalando fortemente castanholas que ficam localizadas nas mãos. Em seguida saem para convidar as damas com um aceno de mão e um leve gesto com a mão até a cabeça como se fosse tirar o chapéu e batendo fortemente o pé em direção da maruja escolhida.

Dançam sempre de dois a dois, separados e fazendo volteios ora para direita e ora para esquerda. Na altura da dança os dançarinos levantam os braços na altura dos ombros e cruzando-os ora para um lado e ora para outro, havendo neste momento uma inversão de lugares em que as mulheres vão para o lado que estavam os marujos e os marujos vão para o lugar que estavam as marujas. Este movimento sinaliza que está próximo o momento em que há a substituição dos casais. Os que estavam no salão deixam o centro do barracão para que os próximos tomem o



espaço da apresentação. Quando se aproxima o casal de Capitão e Capitoa e Vice-Capitão e Vice-Capitoa, isso significa que a apresentação da dança do Retumbão já irá se encerrar, pois pela hierarquia, as autoridades iniciam e terminam o Retumbão.

O texto coloca em destaque as nuances da coreografia e os detalhes desta dança que nos parece ritualizada, mostrando-nos que

Os homens acompanham as mulheres ora na frente ora atrás, seguindo-lhes os passos como se fosse uma fuga interrompida bruscamente ora numa direção, ora noutra incitados pelos meneios da mulher. Assim dançam a muito tempo até cansar, quando então batendo duas vezes com o pé no chão se retira da roda o que está fadigado. O que fica sozinho alguns volteios pelo salão após o que escolhe o seu par batendo o pé no chão fortemente e com a mão lhe fazendo um ligeiro aceno. (SILVA, 1981, p. 70)

Existe uma curiosidade que acontecia com frequência durante a execução da dança do Retumbão, porém quando acontece e quem tem a oportunidade de ver, é agraciado por participar de um momento raro. Podemos considerar que as mulheres de uma forma geral têm um maior desempenho que os homens e que no final da dança, para exibirem tal habilidade e mostrarem para os homens e para a plateia, durante um descuido dos homens dançarinos, elas os envolvem debaixo do rodado de sua grande saia, enlaçando-os com os braços e o apertando a altura do pescoço. Quando isso ocorre, o dançarino é vaiado pelo demais, ficam desmoralizados e dificilmente voltam para roda. Na atualidade a Capitoa orientou que não houvesse mais essa prática, pois estava causando certo constrangimento ao público e às próprias marujas e marujos, na ação em que a maruja levantava a saia. Por vezes as marujas acabavam, mesmo com anágua, deixando à mostra as peças íntimas.

Em relação aos instrumentos musicais, destacam-se o instrumento tambor grande, popularmente conhecido como “onça” e o pandeiro, estes predominam marcando o ritmo dessa dança. Assim,

[...] o tambor Onça é tido como instrumento sagrado e não pode ser usado em outros ritmos. Este instrumento de fricção através de uma tala fixada ao meio da pele, é uma espécie de ancestral da Cuíca. É tocado somente na parte religiosa da manifestação dentro do gênero do Retumbão, onde a rítmica é executada em andamento mais lento. MONTEIRO (2019, p. 8)

Monteiro (2019) no seu estudo sobre a rítmica do Retumbão na Marujada de Bragança, revela-nos sobre os instrumentos mais importantes e considerados sagrados na execução do Retumbão. O autor catalogou apenas cinco variações rítmicas, ou seja, dentro de uma mesma variação rítmica, é possível que se execute mais de uma dança – a exemplo do ritmo do Retumbão, no qual se dança a Roda, o Retumbão e o Chorado – modificando-se apenas o andamento ou a forma melódica. Além de, no mesmo estudo, trazer-nos o diferencial do Retumbão em relação aos outros ritmos. O autor, nos seus estudos sobre o Retumbão, apresenta

[...] Retumbão, pois este é o ritmo que traz um diferencial dentro da manifestação já que Mazurca, Xote, Valsa e Arrasta-Pé são gêneros já estabelecidos que foram incorporados à Marujada em função de suas várias influências que vão desde a Europa (com a inserção da Mazurca e Valsa) até a forte presença nordestina na Amazônia (aqui relacionamos à inserção do Xote e Arrasta-Pé). (MONTEIRO, 2019. P.4)

Para participar da Marujada é necessário ser devoto de São Benedito e essa devoção pode vir de uma promessa ou de um agradecimento por uma graça alcançada. Portanto,

*Eu acredito que a gente é devoto de São Benedito, eles dizem parte profana, a religião e a dança elas estão interligadas, como eu saio, eu sou devota de São Benedito né, eu vou pra missa, mas eu tenho aquela promessa de ir para missa e quando eu sair de lá eu vou para Marujada. É a minha promessa! Então elas são associadas a religião e a parte profana. (MARUJA AUTORIDADE, 63 anos)*

*Quando eu iniciei eu tinha 30 anos, eu iniciei jovem, eu gostava muito, eu comecei olhando e depois eu gostei né, então nesse tempo, quando eu gostei da Marujada eu dizia pra minha mãe: mãe eu vou sair de maruja. Então chegou o tempo de tu pagar tua promessa, porque quando eu fiz, tu não aceitou. Eu te vestia e quando eu ia botar o chapéu na tua cabeça, tu não deixava. Nessa época eu era pequena! Depois eu comecei então a sair, passei uns três anos eu dançava e voltava para casa [...] (MARUJA AUTORIDADE, 63 anos)*

Durante nossa pesquisa de campo, era muito difícil não escutar da memória dos mais velhos, histórias relacionadas ao seu início na marujada, relacionadas às promessas feitas por seus antepassados para que eles pagassem. Ora,

*[...] comecei a sair da Marujada, começaram a me aprontar, eu tinha 5 anos de idade, ficou na promessa, nesse tempo a gente fazia os antigos faziam a promessa, quando tava certo a gente tinha que pagar. Minha vó fez, porque meu nascimento foi muito sofrido para minha mãe, quando eu completei 5 aninhos, eu saí a primeira vez, aí não parei mais [...] (MARUJA PROMESSEIRA, 77 anos)*

Assim, ao que tudo indica, o Retumbão constitui-se originariamente nas suas formas simbólicas, considerada uma das danças mais importantes da Marujada pelo povo bragantino. Inegavelmente, também é a mais esperada das danças, talvez por toda a ritualização, cria-se uma expectativa sobre a apresentação. O seu desenho coreográfico é um dos mais complexos e ao mesmo tempo o que mais chama atenção dos que apreciam. Neste caso,

*O Retumbão, ele está na frente, muito na frente né, porque como eu tô te dizendo, temos várias, mas quando chega Retumbão, a gente fica, o povo fica para ver. (MARUJA ARTESÃ, 70 anos)*

*Sim, sim, é a dança mais esperada é o Retumbão. Porque o Retumbão, como eu falei né, inicia só os quatro, tem aquele que a gente tem que ter aquele cuidado, todo mundo espera o Retumbão. (MARUJO “O CHAMADO”, 68 anos)*

E ainda,

*É, é porque as pessoas gostam muito de ver o Retumbão, Deus o livre, tem pessoas que está dançando ali e elas tão do lado, fazendo aquela coisa, como se elas quisessem dançar, elas querem aprender, porque é uma dança que chama muita atenção das pessoas, então a principal dança é o Retumbão. Porque o xote assim, a gente dança numa festa né, mais o Retumbão não. (MARUJA IRMANDADE, 69 anos)*

*Olha! eu assim, eu acho mais importante é primeiramente o Retumbão, aí vem o chorado e a mazurca, as mais importantes, mas todas tão importante entendi? Para nós que estamos ali dentro todas são importantes. (MARUJA AUTORIDADE, 63 anos)*

De acordo com o pesquisador Dário Benedito, em entrevista concedida no dia 19 de março de 2021, durante a pesquisa de campo nos revela,

“Ser marujo”, pode incluir ou não dançar [...] o “Ser marujo” tem suas colocações. É como se fosse um “quadrado” assim né... (mostrando gestos de uma quadrado feitos com as mão) tem marujo que dança e vai pra missa; o que dança e vai para o terreiro de umbanda; o que dança, vai pra missa e é espírita; o que é não dança e vai para missa e para o terreiro de umbanda; o que dança, não vai para missa e não vai pra nadinha disso; Tem o que só vai para procissão. O “ser marujo” ele tem lugares, mas não deixa de ser a mesma coisa. Na hora que a pessoa se veste de marujo, na hora que ela se identifica visualmente com a indumentária, ela pode ter esses vários lugares, mas ela não é só a dança, a dança expressa uma forma muito grande de alegria, de religiosidade, mas não é a única forma.

### 1.3 Apresentando o problema

- Verdade, meu branco  
verdade falaste,  
Marujada é esse todo  
que a visão te alcança;  
Marujada é fascínio,  
é brilho constante,  
menina dos olhos  
do olhar de Bragança!

(CASTRO, 2000, p. 21)

Para adentrar na pesquisa, foi necessário buscar as referências bibliográficas de trabalhos que abordam a Festa de São Benedito como tema de estudo. Com o conhecimento dessas leituras, possibilitaria uma abordagem histórica sobre a Marujada e como este rito

inseriu-se na estrutura da Festa de São Benedito. Tais informações poderiam ajudar-me a compreender a atual estrutura da Marujada, em especial, o destaque das pessoas idosas, integrantes da Irmandade da Marujada de São Benedito. Nesse sentido, a necessidade de uma imersão intensa em tudo que envolvia a Marujada foi conduzida à luz dos caminhos construídos por outros estudiosos e pesquisadores de um período compreendido de 1981 até os dias atuais.

No estudo sobre as particularidades do panorama folclórico bragantino, destaco o pioneirismo da pesquisa de Armando Bordallo da Silva (1981), que dedica o VII capítulo do seu livro intitulado: *Contribuição ao estudo do folclore amazônico na zona Bragantina*, com dados históricos importantes sobre a Festa de São Benedito e os rituais da Marujada do Glorioso São Benedito. As considerações antropológicas e geográficas, tornaram-se referências para diversos estudos. O autor faz suas contribuições como bragantino apaixonado, observador e investigador de tudo o que se relaciona com a Festa de São Benedito e da Marujada. No texto em que o autor faz referência à dança do Retumbão, ele descreve nuances que complementarão valorosamente a nossa pesquisa.

Um projeto de elaboração de inventários turísticos e culturais, promovido pelo Governo do Estado do Pará constituído de uma reedição de um trabalho editado em 1982, lançou depois de cinco anos, através da obra de Nascimento (1987), o *Inventário Cultural e Turístico da Bragantina*.

O inventário traz diversas indicações e descrições, além de um mapeamento de manifestações importantes, entre eles um anexo constando o Boletim nº 5 do Museu Paraense “Emílio Goeldi” a obra de Armando Bordallo, datado de julho de 1959. Com o mesmo título de sua obra futura.

Em sua análise, Silva (1997) realiza um estudo sobre cultura, religião, simbolismo e rituais da Festa de São Benedito, em sua obra intitulada: *Os tambores da Esperança*. A obra foi resultado de sua dissertação de mestrado e traz uma inspiração nas suas últimas páginas, mais precisamente no último anexo. Trata-se de uma entrevista através do “Relato de experiência cotidiana” e a voz de uma maruja velha é revelada na tentativa de compreender um pouco sobre suas estratégias de vida, inclusive como maruja, por meio de suas práticas do cotidiano. Esse anexo, parte da obra, chamou-nos a atenção. Trata-se de uma entrevista com uma pessoa idosa em que na sua fala é possível perceber características de uma mulher trabalhadora, provedora, maruja e que em 1997 relata que se sente importante e respeitada dentro da Marujada e que fora dali, talvez não tivesse nem respeito pelo fato de ser velha.

Outros estudos importantes surgiram três anos depois com Rosário (2000), que já revelava no título de sua obra *A saga do Caeté – Folclore, História, Etnografia e jornalismo*

na cultura amazônica, zona bragantina, uma reunião de textos históricos produzidos pelo autor em defesa da causa da zona bragantina. No mesmo ano o Instituto de Artes do Pará – IAP lançou a obra *Antologia da Marujada*, organizada por Couto (2000), com o objetivo de reunir produções literárias e documentais com textos que têm a Marujada como referência de tema. A obra inclui o tema através de poesias, romance, conto, crônica e música. Esta produção contribui para a reflexão e nos “salta os olhos” os poemas de Aviz de Castro, sempre falando dos velhos e suas memórias.

Nonato da Silva (2006), em sua pesquisa intitulada *Os Donos de São Benedito*, a meu ver um profundo estudo histórico sobre as representações e lutas travadas pelo controle da cultura da Irmandade da Marujada de São Benedito pelo catolicismo tradicional e devocional de Bragança no séc. XX, relata que entre os interlocutores, teve duas autoridades máximas da igreja. Dois bispos eméritos de Bragança, homens octogenários, através de suas lembranças e memórias puderam falar da cidade na época. Além dessas, tiveram ainda falas concedidas através de entrevista de marujos e marujas antigas que pertenciam ao quadro da Irmandade de São Benedito. Todo esse reconhecimento nos leva a acreditar sobre a importância das falas e das memórias que esses sujeitos trazem.

Outro importante trabalho que aborda a festa de São Benedito e a Marujada é o de Carvalho (2010), que através de sua dissertação de mestrado intitulada *A festa do Santo Preto: tradição e percepção da Marujada Bragantina*, objetivou analisar a celebração cultural bicentenária dos rituais da Marujada de São Benedito, buscando conhecer as identidades culturais dos rituais que compõem a manifestação. O estudo tem um enfoque na valorização da cultura local como pilar para o desenvolvimento de um turismo mais sustentável e buscou compreender de que forma o poder público, igreja católica, comunidade e Irmandade de São Benedito dialogam com os principais sujeitos sociais.

Na sua pesquisa após análise do perfil de marujos e marujas, constatou que as pessoas idosas com idade acima de 70 anos somaram em média 15,7% e ainda ressalta que estão sempre presentes nos eventos, com especial destaque nas danças de salão, onde demonstram vitalidade e alegria. A autora ainda enfatiza que essa participação de pessoas idosas não somente favorece como facilita a integração de pessoas de diferentes gerações, como fomenta a troca de saberes e experiências, valorizando, assim, o papel dos mais velhos na perpetuação da tradição. Um dado nos chamou atenção em que a autora destaca que as mulheres mais velhas, acima de 60 anos, estão mais envolvidas nas danças do ritual do que os homens de mesma faixa etária, até porque elas são maioria. No seu texto percebeu-se o registro de duas falas de pessoas velhas, autoridades da época, o Capitão, Sr. Theodoro e a Capitoa, Sra. Aracilda. Sendo assim, esse

estudo foi um convite para a percepção da importância do registro das falas dos sujeitos velhos através de suas memórias.

Fernandes (2011), em sua obra *Pés que andam, pés que dançam*, trata da memória, identidade e região cultural na esmolação e Marujada de São Benedito. Seu trabalho é resultado de uma pesquisa crítica e aponta as estratégias de homogeneização e heterogeneidade na devoção a São Benedito, delimitando o conceito de cultura popular, além de dar voz ao povo em suas memórias devotas. Seu estudo utiliza a história oral e nos inspira a seguir e quebrar o silêncio dos sujeitos velhos dando a eles a oportunidade de fala.

Em meio a todos esses estudos é lançado no ano de 2012, o documentário *Beneditos* pela TV Cultura do Pará com direção de Lygia Maria e produção de Felipe Cortês, sobre a Devoção a São Benedito na região bragantina do Pará, em dois momentos: a Marujada e a esmolação. Sua narrativa reflete sobre a natureza de uma fé peregrina. No documentário temos falas importantes de pesquisadores como o historiador Dário Benedito Rodrigues e o linguista José Guilherme Fernandes, autoridades da igreja como Padre Nelson Magalhães, o presidente da Irmandade da Marujada de São Benedito, o Sr. João Batista Pinheiro (Careca), além da importantíssima fala de esmoladores, devotos, promesseiros e músicos. Neste documentário, foi possível ver que entre os participantes do povo, entre devotos e promesseiros, destacava-se nas falas a importância da transmissão da tradição repassada por seus pais e avós, tendo esses um papel fundamental para a perpetuação nos mais de 222 anos da Marujada de São Benedito de Bragança-Pará.

Alencar (2014), na sua pesquisa *Nos rastros dos “pés descalços” da Marujada a narrativa literária*, tem por objetivo investigar por bases histórico-antropológicas a manifestação cultural de louvação a São Benedito. A pesquisadora estuda a obra literária de Lindanor Celina, *Menina que vem de Itaiara*. A autora pretendia verificar como os rastros da memória transitam do código cultural para a narrativa literária através do viés do silenciamento. No texto de sua dissertação a autora narra com riqueza de detalhes sobre uma de suas interlocutoras, uma mulher velha que na época era a autoridade máxima da Marujada, a capitã Aracilda (*in memoriam*), para os mais próximos simplesmente Dona Irá. Fala também da liderança e importância na condição de mulher velha que cuida da organização e disciplina de marujas e marujos de todas as faixas etárias.

Neto (2015), em um Dossiê, recorte de sua tese de doutorado denominado *O sagrado em preto e branco: um recorte da festa de São Benedito*, buscou refletir sobre a relação com o excesso tecnológico que vivenciamos hoje e como certas imagens podem nos redimir da violência nele embutida. Em um dossiê, o autor traz as imagens que são de sua autoria e

construídas na Marujada no mesmo ano. O autor retirou as cores das fotografias da Marujada, deixando-as em preto e branco com o objetivo de direcionar o leitor para ver outras coisas da imagem, ver além das cores, e procurar aquilo que tem de mais profundo nessa manifestação, talvez o imaginário. Porém, dentre os seus registros pouco se vê os corpos velhos na Marujada.

Corrêa (2017), na sua área de estudos feministas, para a pesquisa de mestrado, com o título *Pérolas do Caeté: as danças das marujas de São Benedito de Bragança-PA*, fez um recorte dos rituais da Marujada para pensar a identidade das mulheres marujas de São Benedito, sobretudo identificar o papel que as mulheres ocupam na festa. No terceiro capítulo de sua dissertação denominado *Pérolas do Caeté: marujas e capitoas dançam com pés descalços para São Benedito*, três das quatro interlocutoras são mulheres idosas e através de suas falas, a autora busca compreender e identificar seu papel como mulher maruja.

Ressalto que esses estudos não enfatizam ou se aprofundam na questão do envelhecimento ou nas falas das velhas marujas e dos velhos marujos da Irmandade da Marujada de São Benedito. Ainda falta, ainda há silêncio, ainda assim precisam ser ouvidos. As vozes que tanto são esquecidas precisam contar. As inquietações iniciaram desde o ano de 2008, quando a maruja também apresentava um olhar de pesquisadora, pois nessa mesma época, os estudos na área da gerontologia estavam mais vivenciados de perto. O olhar mais apurado sobre aqueles velhos e velhas que acompanhava durante os rituais, fazia muito mais sentido quando se ouvia as pessoas velhas. As falas, as queixas, os relatos de experiências foram iniciados por uma aproximação respeitosa e acolhedora. O querer estar perto das velhas e dos velhos é apenas dar ouvidos, observar e registrar estas falas.

Algumas questões nortearam a pesquisa no sentido de pensar sobre a memória e as identidades do corpo velho na dança do Retumbão na Marujada como processos construídos social e historicamente e, no caso desse estudo, uma pergunta central foi: Que memórias constroem/sustentam as identidades de pessoas velhas a partir da dança do Retumbão na Marujada de Bragança?

Para respondê-la, procuramos articular o espaço da festa com o espaço do cotidiano, mesmo acontecendo em um período pandêmico extremamente difícil e com adaptações para o momento e o espaço das relações cotidianas que buscávamos desde as primeiras aproximações. Neste contexto localizo os leitores demarcando então de onde partem os estudos e o interesse em estudar o Retumbão.

Figura 8 - Entrevista durante a pesquisa de campo



Foto: Arquivo pessoal (2020).

Geralmente percebe-se a dificuldade que pessoas idosas têm em se expressar através da dança. Muitas vezes, em suas falas cotidianas, revelam-nos a dificuldade e ao mesmo tempo lamentam não terem sido estimulados à prática da dança.

Entendemos que por meio da arte manifestamos significados, sensibilidades, modos de criação e comunicação sobre o mundo da natureza e da cultura. Isso tem ocorrido com os seres humanos ao longo da história. Portanto, do novo ao velho, temos o direito de nos expressar seja na escola ou nas manifestações culturais populares da roda ao Retumbão.

Pensando em todas estas questões, surge o seguinte questionamento: Que memórias constroem/sustentam as identidades de pessoas velhas a partir da dança do Retumbão na Marujada de Bragança?

#### **1.4 O percurso metodológico: da aproximação ao afastamento**

- Que cantos são esses  
meu velho marujo,  
que cantos são esses  
que estás a cantar?  
Não tem o lirismo  
do canto mais puro,  
mas tem a destreza  
do meu linguajar!

(CASTRO, 2000, p. 21-22)



Figura 9 - Mirante de São Benedito na vila de Camutá



Foto: Hildeana Nogueira (2020).

Trabalhar com temáticas relativas ao processo de envelhecimento e a memória do corpo velho requer um “olhar diferenciado”, partindo de uma perspectiva transversal dessa questão. É necessário um olhar interdisciplinar na condução desse estudo, referendado pela própria abordagem do Programa de Pós-graduação em Estudos Antrópicos na Amazônia - PPGEEA, no qual essa pesquisa está sendo desenvolvida, como também pela formação da área de experiência profissional da autora no campo do envelhecimento humano. Ao longo desse percurso metodológico, procurou-se ouvir as vozes das marujas e marujos, pessoas velhas, que protagonizam a pesquisa com suas memórias.

Demo (1995), acredita que o conhecimento é interdisciplinar, ou seja, não existe uma única forma de apreendê-lo, e sim o método mais adequado em determinado momento para cada tipo de pesquisa e objetivos. Descrever um percurso realizado, envolve sempre dois desejos, para o pesquisador, primeiro, o de ser o mais coerente possível; e, segundo, de poder efetivá-lo na prática. Para tanto, o investigador, enquanto responsável por seu ato de pesquisar, embasa-se num método, o qual permite que seus estudos não parem no ar. Isso não significa dizer que o método eleito revelará a “verdade absoluta”, pelo contrário, irá corroborar com as ideias do autor.

Para realizar a pesquisa usei métodos e técnicas utilizadas no arcabouço metodológico da pesquisa. Em relação à abordagem do problema, é uma pesquisa qualitativa, do ponto de

vista dos objetivos, exploratória e do ponto de vista dos procedimentos técnicos é participante. Destaco a necessidade de uma pesquisa bibliográfica e documental específica da Irmandade da Marujada de São Benedito – consultei atas de reuniões e documentos da Irmandade, bibliotecas da cidade para acesso de livros escritos por bragantinos ou estudiosos do tema, entre outros; a observação participante acompanhando os rituais que compõem a festa no ano de 2020 e 2021 de forma adaptada entrevistas e conversas com historiadores que têm a festa de São Benedito e a Marujada como seu objeto de estudo, leitura de textos de estudiosos bragantinos, conversa com marujos e marujas idosos da Irmandade, contato com outros estudiosos e pesquisadores. Utilizei entre os recursos tecnológicos, máquina fotográfica para fazer os registros através do meu olhar e aplicativo de voz no celular para captar as falas dos sujeitos velhos. A coleta dos dados foi realizada durante diversos encontros de maneira individualizada nas residências das marujas (os) para um mergulho íntimo pela busca do conhecimento.

A pesquisa deu-se em três momentos diferentes que organizei metodologicamente em 4 etapas ocorridas no período de dezembro de 2020 e janeiro a março de 2021 que tentarei descrever com a mesma intensidade a qual me propus como pesquisadora e entrevistadora a vivenciar. Segundo Alberti (2013), “[...] é preciso destinar o máximo de atenção ao entrevistado, não só pela importância do que ele diz, mas também porque essa clara demonstração de interesse concorre para que se sinta estimulado a falar” (p. 206).

A escolha pela abordagem qualitativa deve-se a uma postura científica voltada para a compreensão de processos subjetivos, sejam grupais e/ou sociais que visam o estudo de indivíduos e de grupos através de costumes, tradições, coletados através de entrevistas. Os assuntos aprofundados nas análises das falas servirão de fundamentos para a questão do estudo. A esse respeito, Minayo (1998, p. 22) esclarece que “a abordagem qualitativa aprofunda-se no mundo dos significados, das ações e das relações humanas, um lado não perceptível e não captável em equações, médias e estatísticas [...]”.

Entre as etapas previstas para a realização da pesquisa, inicialmente foi elaborado um roteiro de entrevistas semiestruturadas com 8 questões abertas, com possibilidades para outras perguntas, para ser aplicado junto aos sujeitos. A princípio foram realizadas entrevistas marcadas com as lideranças consideradas já idosas, com objetivo de sondagem. Neste período de dezembro de 2020, estávamos vivenciando um momento de muitas incertezas. O que pensavam as velhas (os) marujas (os) sobre o não acontecimento da festa de forma completa? Como seria então uma festa que acontecia há 222 anos na sua “completude” e agora acontecer de forma adaptada? Precisei ouvir a quem pudessem nos responder. Pude perceber através de algumas falas os impactos causados nas vidas dessas marujas e marujos:

*Veja bem, a cada dia aqui em dezembro, quando começa o ápice da festa, que o ápice da festa mesmo é dia 26, a cada dia a gente tem uma lembrança, poxa! ontem era dia 20 já era para eu estar Suado lá no barracão. Hoje, é dia de novena a cada dia a gente vai lembrando, da Alvorada de 5 horas da manhã, 5 horas da manhã tem uma Alvorada, eles cantam uma ave maria e tem o pipocar de foguetes, tudo isso o aqui a gente vai rememorando, porque a gente vive a gente respira a Marujada. (MARUJO TRADIÇÃO, 65 ANOS)*

Ainda neste outro relato, a dor vivida pela ausência de uma grande festa tradicional onde a devoção é indiscutivelmente vivenciada. O marujo relata que

*É! é uma situação em que todos nós bragantinos é, que somos devotos natos de São Benedito, estamos enfrentando não só em Bragança, como o Brasil inteiro essa pandemia. Mas eu sempre digo, tive duas vezes agora é a terceira que a gente seja feita a vontade de Deus, ele quis assim, então que seja a vontade dele e que São Benedito só tenha aqui nos abençoar, nos dá saúde e proteger todos nós bragantinos e não o bragantino s e fazer a festa como nós estamos fazendo, como nós estamos participando, indo lá, assistindo, tendo cuidado né! se prevenindo porque a festa de São Benedito é uma festa que é do Povo, então o povo vai, o povo não quer saber disso, né o povo vai, mas é o que sempre digo, eu entreguei na mão de Deus.(Silêncio seguido de choro). (MARUJO “O CHAMADO”, 68 anos)*

É possível notar nesta fala que a chegada de uma pandemia trouxe uma profunda tristeza aos que vivem a festa do santo preto em todas as fases de sua vida. Importante também reforçar a consciência de que não era apenas o povo Bragantino que sofria, como é enfatizado na fala a seguir

*Então para mim hoje, a pandemia me tirou tudo. Então eu acho que não é só para mim é o povo no mundo inteiro é uma grande tristeza, faz de conta que aqui para nós estamos no fundo do poço, pelo menos para mim eu perdi muitas pessoas querida dentro da Marujada, se encontra a gente estão pedindo muito a Deus pela saúde do meu compadre irmão, o careca tá.(choro) Que Deus o livre guarde, eu tô pedindo toda hora eu tô implorando aqui para ele (“ele” é São Bendito) que a minha mesa, para o meu cantinho de saber sempre eu digo aqui, meu pai derrama a benção em cima do meu irmão o que possa trabalharem em cima de você. (MARUJA COMITIVA, 62 anos)*

Ao contrário da fala da Maruja Pertencimento, a seguir, que deixa subentendida a falta de compreensão, a necessidade e importância do distanciamento social nesse período pandêmico, vejamos

*Eu achava que não era para ter parado a festa de São Benedito, não era pra ter parado, era para ter continuado, o santo esmolando e a festa continuando, que era para o Careca falar que todo mundo que fosse para igreja, fosse de máscara, eu acho que não era para ter terminado essa festa, nem o nosso círio daqui. Esse povo parece que não tem fé! Como acabou tudo minha senhora, acabou tudo [...] (MARUJA PERTENCIMENTO, 84 anos)*

Para isso, selecionei doze informantes, estabeleci relações, realizei ligações para as aproximações, mantive um diário de campo, registrei os momentos, fiz entrevistas, acompanhei rituais de forma adaptada, pensando nos encontros que seriam densos e cheios de significados, mesmo vivenciando todo esse processo no meio de uma pandemia sem previsão de acabar.

Sempre que solicitado, foi-nos permitido realizar entrevistas, bem como ter acesso às atas das reuniões, fichas de identificação dos integrantes da Irmandade e acesso aos documentos históricos existentes no Museu da Marujada. Houve uma abertura muito acolhedora para a participação durante os momentos da pesquisa e durante os rituais da Marujada.

As incertezas sobre a Covid-19, a mudança na rotina e a redução do contato físico e social com outras pessoas nos levaram a fazer adaptações em relação à pesquisa de campo e à coleta de dados. Mesmo com o projeto aprovado pelo comitê de ética com riqueza de detalhes de como seria uma metodologia criteriosamente utilizada na aproximação dos entrevistados que seriam pessoas idosas e, conseqüentemente, fazendo parte do grupo de risco desta pandemia, a realidade e a preocupação em fazer uso dos protocolos é bem maior do que imaginávamos. Acompanhar, naquele momento, os protocolos da OMS em relação ao distanciamento social, sem cumprimentos de um simples aperto de mão cordial na chegada, um abraço fraterno na saída, com o distanciamento mínimo de dois metros para iniciar uma entrevista, sem poder observar os gestos faciais por completo, de um sorriso escondido por trás de uma máscara, tudo tornou a pesquisa desafiadora. A prudência e o cuidado com as pessoas idosas da Irmandade em relação às orientações de saúde são destacados na seguinte fala [...] *por que todos 4 são de risco né e com a idade já um pouco avançada, a gente só tem que ter o cuidado, fazer o que a gente pode fazer e se ele quis assim, vamos aceitar como ele quis. (MARUJO “O CHAMADO”, 68 anos)*

Além disso, por outro lado havia uma espécie de conformação dos devotos. Foi São Benedito que quis assim, então não temos o que lamentar. Pois,

*É! é uma situação em que todos nós bragantinos é, que somos devotos natos de São Benedito, estamos enfrentando não só em Bragança, como o Brasil inteiro essa pandemia. Mas eu sempre digo, tive duas vezes agora é a terceira que a gente seja feita a vontade de Deus, ele quis assim, então que seja a vontade dele e que São Benedito só tenha aqui nos abençoar, nos dá saúde e proteger todos nós bragantinos (MARUJO “O CHAMADO”, 68 anos)*

Como também,

*Só tenho que dizer muito obrigada a São Benedito e a Deus ele vai sim, vai dar saúde para todos nós, vai dar saúde para a gente possa fazer a festa com mais fervor e com mais carinho. (MARUJO “O CHAMADO”, 68 anos)*

*O que São Benedito tá procurando para gente o dia que ele quiser tudo volte ao normal com as danças é assim que vai ser. Não é como a gente quer, primeiro Deus né? Segundo ele porque sem Deus, sem ele não somos nada. Pelo menos eu sem Deus glorioso São Benedito e Nossa Senhora de Nazaré, eu sou uma mulher perdida. (MARUJA PROMESSEIRA, 77 ANOS)*

Por outro lado, percebemos que em alguns momentos, em 2020, na tentativa de manifestar sua devoção a São Benedito, de forma simples e organizada com intuito de seguir alguns protocolos de distanciamento, devotos acabaram realizando pequenas aglomerações o que não era permitido no momento da festa. Não é por acaso que,

*Já teimamos agora que não era para fazer aglomeração e fizemos lá uma hora a chegada dos Santos e o povo não resiste a Marujada e se não resisti também, deu pessoas bastante que admirou a todos nós porque todo mundo tem medo de morrer é claro mas muita gente apareceu lá, muita gente teve presente eu ontem mesmo teve a primeira pedalada de São Benedito que aconteceu ontem, nunca tinha acontecido e foi inédito na cidade né, dia do início da festa dia 18 foi feito assim, diferente, nós fizemos uma pedalada, nós viemos do Camutá para cá de bicicleta refletindo ouvindo canções de São Benedito. (MARUJO TRADIÇÃO, 65 anos)*

Foi possível, com muita sensibilidade, ver emoção através das lágrimas, escutar a voz embargada ao relatar sentimentos através da fala, as pausas, o silêncio ao refletir sobre a pergunta, os gestos, o acolhimento com receio ao abrir as portas para uma “estranha” mesmo quando as visitas ainda não eram indicadas.

Para pensar a questão da memória, especialmente com a memória de pessoas idosas, marujas e marujos da Irmandade da Marujada de São Benedito, diálogo com Brandão (2008) em relação à experiência de narrar histórias individuais e coletivas. A autora diz que:

[...] cada memória é única, tem a marca e é constitutiva de nossa identidade, fazendo parte, simultaneamente, das comunidades restritas ou ampliadas das quais participamos; ligando-nos também às memórias comuns, sócio-históricas. Ao trabalharmos com as histórias dos sujeitos, como narrativas, ficam evidentes as lembranças individuais entrelaçadas as memórias coletivas, também como parte da memória histórica que as contextualiza (BRANDÃO, 2008, p. 16).

E no quarto momento que compreende o período de 2020 a 2021 início de fato a pesquisa de campo, mais precisamente em 19 de dezembro de 2020 e vai até março de 2021. A pesquisa, dessa vez, aguçou um olhar de pesquisadora através de registros fotográficos de alguns momentos, em alguns rituais, ampliando meu olhar sobre a tradição da manifestação, mesmo em tempos de pandemia. Tais registros poderão ser visualizados no decorrer do trabalho.

Um dos pontos importantes da pesquisa foi a escolha dos participantes dentro dos critérios que havia determinado. Sendo esse um dos pontos importantes de coleta de dados orais. Nas entrevistas, busquei os registros de histórias orais por perceber que os relatos retratam um período, partes silenciosas da história segundo Alberti (2013), “a escolha dos entrevistados não deve ser predominantemente orientada por critérios quantitativos, por uma preocupação por amostragens, e sim a partir da posição do entrevistado no grupo, do significado de sua experiência” (p. 40).

A partir desses pressupostos teóricos e metodológicos, examinamos a fala dos sujeitos velhos da Marujada de São Benedito, que é esse exercício teórico-metodológico de pensar o corpo velho na dança do Retumbão da Marujada de Bragança.

Para a escrita do texto, utilizei as falas dos sujeitos entrevistados dialogando com o texto, para dar voz a estes na construção da narrativa. Nesse caso, destaquei as falas através da fonte Lucida Calligraphy, tamanho 10 na formatação do texto.

Nesse processo de troca entre o leitor e os integrantes idosos da Marujada de São Benedito, consideramos algumas questões éticas. Sobre eles, optei por usar pseudônimos para nomear os marujos e marujas, isso obedece a um código de ética, assegurando o direito dos interlocutores de terem qualidade de vida e ainda construindo um diálogo através de consensos. Além do que decidi cumprir o que informava o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - TCLE, que foi redigido em linguagem simples e acessível, incluiu informações sobre: justificativa, objetivos e procedimentos utilizados na pesquisa; os desconfortos, os riscos possíveis e os benefícios esperados; a garantia de esclarecimentos das dúvidas das pessoas

idosas antes e durante o curso da pesquisa; a liberdade das pessoas idosas para recusar-se a participar ou retirar seu consentimento, em qualquer fase da pesquisa sem penalidade alguma e sem prejuízo ao seu cuidado; o esclarecimento de que não teriam nenhum gasto com sua participação e que não receberiam nenhum valor para participarem da pesquisa e a garantia do sigilo, assegurando a privacidade dos sujeitos quanto aos dados confidenciais envolvidos na pesquisa. O termo foi lido e explicado para as pessoas idosas por mim. Após a compreensão e o aceite das mesmas iniciaram-se as entrevistas.

Há interlocutores que ocupam cargos centrais e que inevitavelmente foram identificados (como a Capitoa, Capitão, Vice Capitão e o Presidente da Irmandade), todas pessoas idosas e lideranças na hierarquia da festa, pois suas falas são essenciais para a construção da narrativa.

A subjetividade inerente da história oral constitui a riqueza utilizada aqui como técnica procedimental. É na experiência com a fala dos sujeitos velhos que aspectos fundamentais podem ser observados e sentidos, podendo ser incorporados ao estudo.

No que se refere ao recurso bibliográfico, buscamos autores e pesquisadores paraenses, entre eles bragantinos que estudam a Festa de São Benedito e a Marujada de Bragança e que abriram os meus caminhos para pesquisa nas suas obras entre eles: Armando Bordalo da Silva (1981), Aldenor Gonçalves (1987), Dedival Brandão da Silva (1997), Ubiratan do Rosário (2000), Nonato da Silva (2006), José Guilherme Fernandes (2011), Dário Benedito e Giovanni Blanco (2018), objetivando ter um maior entendimento a fim de enriquecer as discussões.

As categorias teóricas estruturantes estudadas na pesquisa, são: “Envelhecimento”, “Dança”, “Identidade” e a “Marujada”. Para tanto, foi realizada uma pesquisa de caráter qualitativo referenciada pelos autores com comprovada relevância sobre o tema, tais como: Neri (2000), Beauvoir (1990), Bosi (1994), Simões (1998), Demo (1995), Alberti, (1989), Brandão (2009), Ramos (2012), Lima (2008) Leal & Hass (2006) dentre outros.

Efetivamente, o olhar com interesse sobre o objeto de estudo foi modificado ao longo do tempo de acordo com o envolvimento com os sujeitos pesquisados e com o tema abordado. Além das correlações feitas e existentes através do corpo velho com os rituais na Marujada.

Havia o medo de ocorrer uma falta de credibilidade pelo fato de não ser uma bragantina, houve indagações entre os envolvidos, tais como: qual o interesse de uma castanhalense ser maruja e mestrandia interessada em uma cultura que não é trazida de berço e não foi repassada por seus antecessores? Contudo, os laços de confiança acredito terem sido dados pelo fato de ter uma participação envolvente nas programações passadas e no diálogo franco e cheio de entusiasmo pelo tema.

Nesse sentido, ao investigar sobre a velhice, sua memória e identidades, nada mais coerente do que ouvir os próprios velhos, suas histórias de vida, motivações e implicações sobre a participação desse sujeito na Irmandade de São Benedito. Com isso, foi possível confrontar os relatos pessoais dos envolvidos diretos com a proposta da pesquisa. E entre tantas danças, escolhemos o Retumbão, não só por ser considerada a mais importante dança da Marujada, mas por seu complexo desenho coreográfico, pela dificuldade em acompanhar caso não haja muita observação e treino, por existir um certo “medo” relatado por pessoas idosas da Irmandade, em errar sua coreografia por parte das dançarinas (os) e ainda pelos relatos trazidos das pessoas idosas de que seria a dança mais difícil de ser executada.

A ordem seguida nesse trabalho tem por finalidade contribuir para a comunidade local, para o mundo acadêmico científico no sentido de manter e divulgar a valorização do objeto de estudo de forma que é a questão principal, ou seja, o corpo dos sujeitos velhos através da dança do Retumbão na Marujada de São Benedito. Essas memórias precisam permanecer vivas, fortalecidas e valorizadas. Destaco, ainda, como benefício a relevância deste estudo para o Município de Bragança, como meio para subsidiar projetos, programas e políticas voltadas para um melhor entendimento das questões que cercam o envelhecimento, as manifestações culturais na Marujada de Bragança-PA e o corpo velho na dança.

### 1.5 Tirando O Chapéu: As Aproximações

É um raro espetáculo  
meu velho marujo,  
um raro espetáculo  
que a tua terra te dá!  
**Marujada! Marujada!**  
deve ser tua paixão,  
tua vida, teu povo,  
tua voz, teu cantar!

(CASTRO, 2000, p. 21)



Figura 10 - Entrevista com velho marujo



Foto: Arquivo pessoal (2021).

Entre idas e vindas, contatos e escutas, as pessoas velhas estavam sempre presente e dispostas a falar. A decisão de onde gostariam de realizar a entrevista, foi respeitada de acordo com as suas necessidades. Escolher um local que o entrevistado acreditasse ser um dos cartões postais da cidade, também foi levado em consideração. Pois as memórias dos espaços, também estavam relacionadas com a manifestação.

O primeiro contato com Bragança não foi por influência da Marujada, fui apresentada a cidade em um período que não era o mês de dezembro onde tudo acontece. Porém a cidade, sua arquitetura, sua gente e sua história já me evoluíam de forma arrebatadora. Não é possível explicar a sensação de pertencimento, sentimento esse que sem dúvida detectamos nas falas

*Há! Eu me sinto grande! Me sinto numa situação muito ótima. Eu me sentia muito abraçado por todos...ei chico branco pra cá! Ei, chico Branco, pra lá, Todos me chamavam, me agarrando para dançar. Ei chico! Vum bora pra dentro desse Retumbão! E eu sou parceiro. (MARUJO DANÇA, 80 anos)*

*Eu só olhava, porque só dançava, quem tava toda arrumada de roupa né, quem tinha roupa, quem não tinha não dançava. Eu só apreciava das grades, da janela e eu olhava, olhava muito mesmo e aí eu fiquei assim, me apegando na Marujada. Até que depois que meu pai morreu, não me lembro qual foi o ano, que eu*

*disse que eu ia me arrumar e fui. (MARUJA PERTENCIMENTO, 84 anos)*

Não fazia parte daquele universo, no entanto havia a sensação de conhecer, estar, viver, ser, experimentar e sentir-se parte integrante da história. Não havia as vivências como Bragantina nascida e criada na cidade. Porém, havia “o chamado”. Alencar (2004) apresenta-nos um trecho da crônica do escritor Jorge Ramos, intitulada “O Chamado”, que através desse texto a autora compreende o chamado feito som que percorria os campos, as colônias e as praias das regiões bragantinas que também a convocava a estar em Bragança na festa do glorioso São Benedito e acrescenta com uma reflexão: é como se a autora soubesse sobre aquilo que não soubesse saber. Certamente,

*Não se sabe bem como se ouve o chamado. Nem nunca se saberá. É um mistério da alma humana, tão grande como os outros que por aí existem. Acontece que um bragantino que se preza, já recebeu o chamado em muitas épocas do ano, porém mais se acentua neste último mês, que dezembro é o mais bragantino dos meses. (RAMOS, 1952, p. 08).*

Na crônica, percebe-se que há uma demarcação das cidades estrangeiras onde “o chamado” chega em Pekin e New York e de bragantinos que exercem grandes profissões como médicos, advogados e jornalistas. Nota-se ainda que “O chamado” também chega para a classe subalterna, para os que moram no interior da região, os filhos da terra que não conseguem estar no dia 26 de dezembro, que é o mais bragantino dos meses em Bragança como diz o autor.

Mas seria possível um paraense com outra naturalidade receber o chamado? Acredito que a partir do momento que se vivencia a Marujada, seja impossível esquecer o mês de dezembro e não lembrar do “Natal dos Bragantinos”. O chamado pode acontecer também para aquele que respeitam a devoção pelo santo preto, a tradição e a memória cultural de um povo, que sentem um elo de identificação com a devoção, que se considera pertencente ao universo da Marujada.

Entendo que é natural o estranhamento por parte de uma comunidade tradicional, ver um “outro” com necessidade de fazer parte de suas vivências, saberes e fazeres culturais e tradições que são repassadas pelos seus e ser aceita pelos mesmos. Sem dúvidas,

*[...] tudo isso o aqui a gente vai rememorando, porque a gente vive a gente respira a Marujada. Tem pessoas que não estão em Bragança, mas quando chega Dezembro eles recebem o “chamado”. (MARUJO TRADIÇÃO, 65 anos)*

Dito isso,

*Eu sempre ouvia a minha mãe dizia assim: fulana não pode deixar, eu dei pra São Benedito, ela com 2 anos e ela morreu aos*

*80 anos e já era maruja do quadro, já não fazia mais o ritual porque não dava mais conta né, e eu olhava aquilo, achava bonito, mais parece assim que as pessoas que não me aceitavam, não me convidavam, porque não é chegar e entrar, é ter um motivo para poder chegar. São Benedito é que faz o chamado! (MARUJA ARTESÃ, 70 anos)*

Além do que,

*Quando me chamam pra mim, fazer as apresentações em feira de ciências aqui em Bragança, e apresentações em Belém, Castanhal, Capanema, Maranhão e Vizeu e assim sucessivamente, onde me chamam o meu conhecimento, sempre eu vou mostrar um pouquinho do que eu sei. É como se fosse um chamado de São Benedito, então não posso negar! (MARUJA COMITIVAS, 62 anos)*

As aproximações aos interlocutores da pesquisa, iniciaram por meio das participações como expectadora, depois como maruja integrante do grupo e depois como pesquisadora do tema. As pessoas velhas participantes de todos os rituais eram o segmento que mais me chamava atenção pelo fato de ser essa a minha área de atuação. Quando finalmente pude participar da manifestação, isso me fez perceber a quantidade de marujas (os) velhas (os) presentes e participantes vivos na dança e na festa.

No ano de 2000, durante uma disciplina denominada Bases Teóricas e Metodológicas do ensino do Folclore na Faculdade de Educação Física, ministrada pelo Prof. Dr. Paulo Lima, foi possível realizar, em grupo, uma pesquisa de campo na cidade com o objetivo de pesquisarmos sobre os rituais da Marujada, entre eles: as ladainhas, a cavallhada, o almoço dos juízes, a procissão, as danças, o leilão, entre outros. Houve um interesse imediato na manifestação que ali se apresentava. A grandiosidade da festa chamou-nos a atenção e a necessidade de saber e ouvir os velhos tornou-se uma constante, mesmo que no início de forma descompromissada, apenas fazendo escutas respeitadas.

A princípio, a quantidade de pessoas idosas, por muitas vezes de pés descalços com temperaturas elevadas e com sorriso no rosto, pessoas idosas dançando livremente e alegremente, de joelhos no chão durante as ladainhas e missas, no caminhar durante a procissão em vários momentos nos deixou atônitos. Essa foi minha primeira aproximação com o tema e com os sujeitos da pesquisa.

Somando-se a isso, as reflexões sobre o papel da pessoa idosa inserida na sociedade, que são frutos de inquietações compartilhadas e dialogadas com outros estudiosos do envelhecimento humano com os quais tive a oportunidade de discutir durante toda a vida

acadêmica. A condição da pessoa idosa na história e na atualidade, e diante da consciência de que as velhas e velhos estiveram e/ou ocuparam lugares marginalizados no decorrer da história, pensar outra sociedade onde é possível dar visibilidade à voz e à presença dos mais velhos no processo de construção sociocultural.

Durante esses anos em que manteve contato com as/os sujeitos da pesquisa, foi possível conhecer melhor a festa da Marujada e criar vínculos afetivos com algumas bragantinas e bragantinos. Também pude reafirmar os laços já existentes construídos desde 2000. Pensando na festa como uma possibilidade de grandes encontros, busco, a partir da festa da Marujada de São Benedito uma compreensão do universo das pessoas com suas memórias, a participação da Marujada, sendo este o principal ritual dessa festa que tem seu ponto de culminância em dezembro.

Um estudo situando as pessoas idosas historicamente com suas falas, a partir das autopercepções de sua vivência na dança do Retumbão de marujas e marujos velhos de Bragança, pouco aparece na literatura. Fazer um recorte que privilegie suas histórias, suas falas e seus pontos de vista, enquanto produtoras e organizadoras dessa manifestação é nosso desafio.

Das conversas informais em 2000, a partir de entrevistas estruturadas, coleta de dados, observações com olhar que se iniciava de pesquisadora, fazendo registros e de forma mais intensa acompanhando vários rituais no período de 2008 a 2019, à pesquisa de campo de 2020/2021 para depois finalizar a coleta de dados, cujo resultados são apresentados neste texto.

### 1.6 A “Pérola do Caeté”, o Santo Preto e seus velhos devotos

Quem é essa gente  
 assim tão festiva  
 Esbanjando beleza,  
 Marujo, me explica!  
 -As vistosas mulheres  
 que tão bem descreveste,  
 os homens de branco  
 de quem falas também,  
 são a força mais viva  
 na nossa cultura,  
 tão rico folclore  
 que outros não tem  
 Pois essas mulheres  
 esbanjando beleza  
 iguais a estes homens  
 vestidos assim,  
 são Marujas, Marujos...  
 é a **Marujada!**  
 A nossa Irmandade,  
 nosso orgulho, enfim!

(CASTRO, 2000, p. 20-21)

Figura 11- Imagem de São Benedito



Fonte: Hildeana Nogueira (2021)

Não é possível falar da cidade de Bragança no Pará, sem falar em São Benedito, que não é o padroeiro da cidade, mas que devido a criação de uma Irmandade religiosa, fundada por negros escravizados, tornou-se indiscutível a identificação do povo bragantino com o Santo Preto, popularmente chamado. São Benedito era filho de pais escravizados, cujo nome significa “o abençoado”, o qual, segundo uma das diversas versões da sua história, era um homem negro e analfabeto. Nasceu em 1524 em Sicília, Itália, e aos 21 anos recebeu o convite de um frei eremita para viver em um mosteiro, aceitando prontamente. Lá, ele assumiu a função de cozinheiro e fez da cozinha um santuário de oração e fervor. São Benedito era um líder nato, caridoso e humilde. Os escravizados simpatizavam com ele talvez pelo fato de ser um homem simples, preto e pobre.

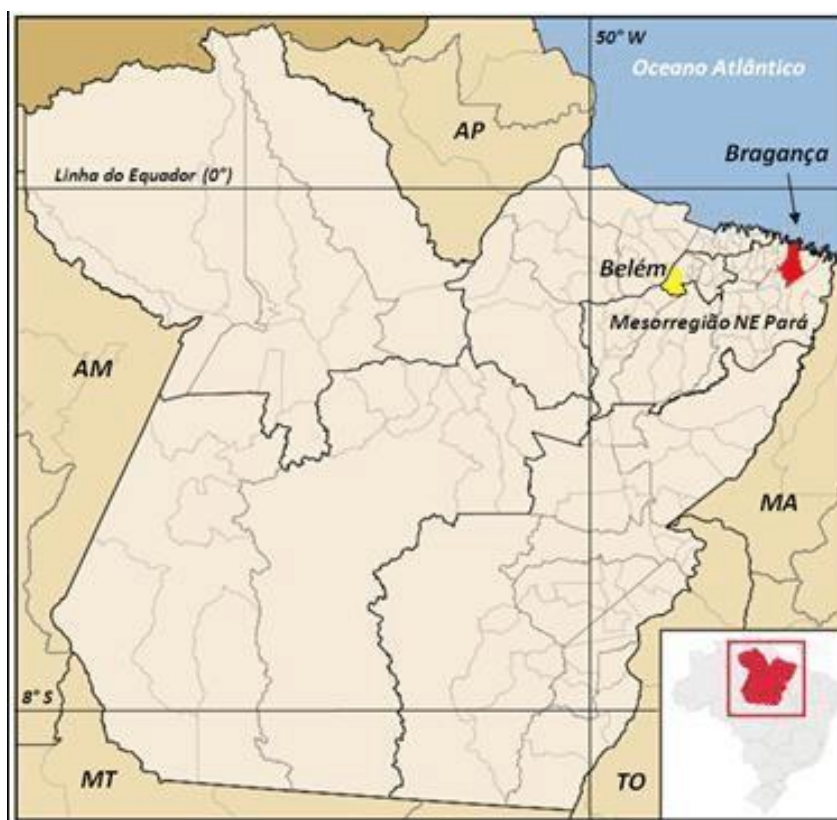
“Bragança” é um termo de origem Portuguesa e a palavra “bragantino” designa o habitante do lugar e as coisas relativas ao município (NASCIMENTO, 1987, p. 4-5). A cidade de Bragança se localiza à margem esquerda do Rio Caeté, no nordeste do estado do Pará, inicialmente habitada por índios tupinambás, era uma Vila, chamada Vila de Souza do Caeté que data do século XVII, se situava à margem direita do Rio Caeté, talvez por esse motivo é conhecida como “Pérola do Caeté”. Bragança é uma das cidades mais antigas do estado do Pará,

quem habitava a região era a nação indígena dos Caetés, da grande tribo Tupinambás que habitava boa parte do Brasil, pré-colonial.

Segundo o historiador, professor e pesquisador da festa de São Benedito, Nonato Silva (2006), a origem da palavra caeté é de origem indígena, fato esse muito comum na Amazônia. Deriva de caité = caa + y + eté, que significa mato bom, verdadeiro, na língua tupi. É uma das cidades mais antigas do Estado do Pará, com mais de quatro séculos de história, porém, a sede da capitania do Caeté foi transferida para a outra margem, onde atualmente é a cidade de Bragança, a antiga vila é uma comunidade conhecida como Vila Cuera ou Vila-que- Era. Segundo Silva (1997), no ano de 1634, foi inicialmente colonizada por açorianos, os primeiros portugueses a povoarem a então Vila de Nossa Senhora do Rosário de Bragança. Os negros têm imensa participação na formação sociocultural, em Bragança, o autor destaca a criação da Irmandade de São Benedito, constituída pelos negros como a gênese de uma ordem sociocultural, vigente na atualidade, como pode-se observar em

A presença de portugueses na região, introjetou a necessidade de mão de obra escrava, o negro surge para suprir a demanda que os índios não suportavam. A lavoura precisava de braços; o índio era hostil ao trabalho escravo; a introdução do negro tornava-se necessária ao trabalho agrícola e pastoril. Com a presença destes novos elementos étnicos e pautas culturais diferentes, fundiram-se três culturas: a indígena, a branca e a negra (SILVA, 1974, p.161).

Mapa 1 - Mapa de Localização Geográfica do município de Bragança-PA



Fonte: IBGE (2014)

Ao chegar à cidade de Bragança, o visitante logo percebe o acolhimento do seu povo e o clima, a beleza da orla enfeitada com palmeiras e barcos multicoloridos enchem os olhos. Da orla é possível avistar o mirante de São Benedito do outro lado do rio, é um convite a uma visita. A arquitetura, por meio dos antigos casarões e diversos prédios como igrejas tombadas que se transformaram em Patrimônio Cultural da cidade, chama atenção para a certeza de estar em uma cidade histórica. Região de mangue, região turística de praias exuberantes e ilhas de fauna e flora de incontestável beleza. A Igreja de São Benedito era onde se encontrava o “pessoal da roça” ou ainda das circunvizinhanças bragantinas, que eram os representantes desse catolicismo popular, que a Igreja agora combatia, mas que já estava consolidada através da devoção a São Benedito e a Marujada, dentre outros.

A Igreja de São Benedito é o território demarcado do sagrado cristão, da subordinação como representação do discurso predominante do Catolicismo, que detém o poder. O lugar da memória de Cristo e dos santos, onde se ritualiza oficialmente os anseios da festividade de São Benedito.

Figura 12 - Igreja de São Benedito



Foto: Hildeana Nogueira (2020)

Em se tratando da Igreja de São Benedito desencadeia-se um poder em disputa entre a Irmandade e a própria igreja Católica. Por muitos anos, a igreja foi alvo de diversas pendências, por um longo período, os padres não celebravam as missas em louvores a Festividade da

Marujada, e até hoje, a Igreja não possui uma Paróquia própria, sob a argumentação de ser próxima da Paróquia de Nossa Senhora do Rosário, da igreja matriz de Bragança. Como esclarece Fernandes (2011, p. 103), no tópico que trata sobre a igreja e o barracão, existem discursos contraditórios sobre a origem da igreja, os devotos dizem que foi construída pelos negros, enquanto os padres dizem que a igreja foi construída por jesuítas.

Rosário (2000) divide a história de Bragança em três fases, a pré-ferroviária, a ferroviária e a pós-ferroviária. Na primeira fase, há a formação de uma “Sociedade Caeteurara” ou “Sociedade da farinha”, que emerge em função da produção agrícola, que se opõe à “Sociedade do Látex”, atrelada ao processo de formação da sociedade amazônica, caracterizada pelo cultivo da mandioca, no que chamamos de roça tradicional, se desenvolveu a lavoura na região do Caeté, baseadas em hábitos e conhecimentos indígenas e portugueses, somando-se a isso o trabalho dos negros escravizados.

A farinha torna-se o grande produto da zona bragantina – muitas marujas e marujos são agricultores. A atividade agrícola também é uma das características da economia, principalmente na produção da farinha de mandioca que desfruta de grande prestígio por possuir técnicas especiais. É a mais apreciada do Estado, inclusive com fama internacional. Atualmente, a farinha de Bragança ganha registro e indicação geográfica. Aliás,

O Instituto Nacional de Propriedade Industrial (INPI) concedeu o pedido de registro de Indicação Geográfica para a farinha de Bragança por meio da RPI 2628, de 18 de maio de 2021. Com isso, o produto fabricado em cinco municípios do nordeste paraense terá reconhecimento no mercado pela sua procedência e pela tradição regional, não podendo seu nome ser usado por outros produtores. (PINHEIRO, 2021).

A valorização dos produtos agrícolas possibilitou o surgimento de uma elite com forte poder aquisitivo, assim como uma elite intelectual fazendo circular muitos jornais e revistas. Essa era a ‘gente de primeira’ como definiu Rosário (2000, p. 36), além desses, havia “os habitantes dos campos, das colônias e das praias, dos chamados sítios, vivenciadores de uma cultura folclórica que vinha sendo amalgamada desde o século XVIII, quando nasceram concomitantemente a Marujada, a Irmandade de São Benedito e o Retumbão”.

A fase Ferroviária, nos anos 50, foi o auge da economia bragantina, baseada na produção de farinha e do tabaco, a Estrada de Ferro teve importante papel econômico, social e cultural, a produção agrícola abastecia os extratores do látex no período do ciclo da borracha. Além da economia, a formação cultural também sofreu influência desse período, conhecido como Belle Époque, o auge da economia amazônica. Principalmente no cultivo de hábitos no modo de agir, de vestir, de pensar, nas danças etc. que a sociedade paraense passou a imitar dos europeus. Esses traços ainda estão presentes no conjunto arquitetônico da cidade, como no



coreto Antônio Lemos, que data de 1910, ou ainda o Mercado Municipal de 1911. Outra influência foi a expansão do catolicismo erudito, através da presença dos Padres Barnabitas, que não aceitavam concorrer com o catolicismo popular, expresso pela Marujada.

Segundo Rosário (2000), em Bragança não teve latifúndio. Os caboclos do sítio seriam na verdade os mais autênticos portadores do rico folclore bragantino, da Cavallhada à Marujada, do Boi-Bumbá ao Xote. A Sociedade Caeteuara amalgamara as múltiplas influências negra, branca e amarela, acrescentando depois a mestiça nordestina, vindo pela parte leste, cruzando o rio Gurupi. É nessa fase, que essas práticas culturais, tidas como folclóricas, passam a circular como temas nas revistas, como poesias, contos, têm como tema de inspiração a Marujada, a Festa de São Benedito. Além disso, a Marujada aparece como tema na pesquisa de Bordallo da Silva (1981), que também foi responsável por levar Bragança à I jornada Paraense de Folclore em dezembro de 1958. Com a extinção da estrada de ferro, a economia bragantina sofreu um declínio, mas pelo aspecto cultural, um período de grande tensão entre a Igreja e a Irmandade, os guardiões e guardiãs da cultura popular bragantina mantiveram-se resistentes.

A abordagem de Bordallo da Silva (1959, p. 1) trata das manifestações culturais em Bragança como “folclóricas”, o autor não faz interpretação dos fatos folclóricos, ele propõe-se a identificar “os hábitos, os costumes e credices dessa gente”, situando as manifestações culturais como hábitos e “credices” dos bragantinos.

Na atualidade, economicamente, a cidade se movimenta em torno da intensa atividade pesqueira, os muitos barcos de pesca que ficam ancorados no cais do Rio Caeté dão uma cor especial à orla. Além disso, os setores de comércio e serviços também movimentam a economia; as feiras, os mercados, as lojas, bancos, hotéis, Igrejas, etc. se concentram no centro de Bragança, exatamente por onde se encontram os traços da arquitetura mais antiga. É a área pulsante de Bragança, por onde circulam pessoas dos mais diversos lugares, é onde há um encontro entre a Bragança urbana e Bragança das praias, das colônias. Segundo informações da Prefeitura, na última divisão territorial em 2005, o município ficou constituído de seis distritos, além de Bragança, os distritos do Almoço, Caratateua, Nova Mocajuba, Tijoca e Vila do Treme.

Figura 13 – Barcos na orla de Bragança



Foto: Hildeana Nogueira (2020).

Esses núcleos também são abrangidos pela devoção a São Benedito, que não se restringe apenas ao núcleo urbano do Município, e inclusive se estende ao Estado do Maranhão. Além do patrimônio material e cultural, Bragança também tem um patrimônio ecológico que abriga paisagens naturais do estado como a praia de Ajuruteua, a Ilha do Canela, belos campos naturais, dentre outros atrativos.

Desta forma, Silva (2019, p. 10), afirma que

Por conta, principalmente, da Marujada, a cidade de Bragança se tornou uma localidade de extrema vocação turística. Alguns pontos turísticos foram criados tendo como motivador a festividade, como por exemplo, o Mirante de São Benedito, uma espécie de Cristo Redentor de Bragança. Ao final de uma longa escadaria, existe a imagem gigantesca de São Benedito com o menino Jesus no colo. Outro exemplo que reforça a apropriação da Marujada pelo Turismo é o fato de no Museu da Marujada e na própria Igreja de São Benedito existir estantes com imagens e fitas do Santo Preto, para serem vendidas principalmente aos turistas. Muitos turistas que frequentam a festividade se vestem de marujos apenas para sair na procissão, são os chamados marujos por ocasião. A partir daí, podemos notar alguma perda no valor simbólico da festa, visto que essas vestimentas se transformam quase como em abadás.

Figura 14 – Orla da cidade de Bragança



Foto: Hildeana Nogueira (2020).

A estimativa da população da cidade de Bragança em 2021 é de 130.122 habitantes (IBGE, 2021). Conta com uma área territorial de 2.124.734 km. Está distante de Belém, capital do Pará, 221 km.

Em relação à fundação de Bragança, Fernandes (2015, p. 126) no livro *Interculturalidade e saberes*, organizado pelo autor, no capítulo que fala dos 400 anos ou a invenção da tradição Bragantina, revela-nos

[...] o caso da “invenção” dos 400 anos da cidade de Bragança, pois construiu-se um discurso oficial, inclusive pela prefeitura, da origem da cidade no século XVII, o que é unicamente corroborado pelo efeito midiático do poder público e por algumas “personalidades” extremamente comprometidas com a manutenção de uma tradição oligárquica tupiniquim: vale lembrar que essa “identidade” bragantina, ao forjar o discurso de outras classes, estas subalternas. [...]

Pelo aspecto socioantropológico, constitui-se como uma sociedade plural que concentra uma ‘elite intelectual e econômica’ a qual pertencem as pessoas de “famílias tradicionais” ou ainda empresários, médicos, políticos, advogados, artistas e professores. e que gozam de prestígio e fama diante da sociedade. São esses os ocupantes de lugares de destaque na festa de

São Benedito como juízas (es), são os que carregam o andor, estão geralmente em posição privilegiada em relação ao Santo e habitam as áreas centrais de Bragança.

A série, Minha história, nossa cultura, com o título Festividade de São Benedito e Marujada de Bragança, organizada por Sarquis (2018, p. 25) nos diz,

Boa parte dos resultados deu conta dos registros desse catolicismo popular (de caráter leigo), imbricado pelo catolicismo tradicional (da igreja), quando costumes e práticas são transmitidos de uma geração a outra, realizados no meio urbano, entre **sujeitos mais pobres e muitas vezes iletrados, com grande abrangência no meio rural do município de Bragança.** (grifo nossos)

Por outro lado, a cidade também concentra as trabalhadoras (es) do comércio, da pesca, autônomos e na zona rural e praiana, as agricultoras (es), produtor (es), lavradores, pescadores, etc. dos quais muitos são devotos de São Benedito. Ou seja,

O ritual de devoção a São Benedito de Bragança inicia em meados de abril, quando três comitivas de esmoladores se dirigem, respectivamente, a partir da cidade de Bragança, para leste, norte e nordeste – comitiva do santo da praia; para oeste e noroeste – comitiva do santo dos campos; e para o sul, sudeste e sudoeste – comitiva do santo das colônias (FERNANDES, 2011, p. 65-66).

A Esmolação é um rito muito antigo. Trata-se de peregrinações realizadas por devotos de São Benedito que levam três imagens do santo para visitas em casa de fiéis na zona rural e zona urbana, realizadas por comitivas. É um ritual coletivo de pessoas de segmentos e faixas etárias diferentes que empunhando estandartes, bandeiras do santo e instrumentos musicais que acompanham ladainhas e cânticos de louvores, realizam a arrecadação de donativos para o santo, como pagamento de graças alcançadas pelos promesseiros. Por isso,

*[...] a minha realidade dentro da Marujada e dentro das comitivas, sou a única maruja, não tem capitoa, não tem vice capitoa, não tem cabeça de linha, não tem uma maruja para fazer o que eu faço! reconhecimento é do Maranhão aos campos. (MARUJA COMITIVAS, 62 anos)*

Para essa velha maruja, com sua fala empoderada e que reconhece o seu lugar como autoridade no ritual das esmolações e comitivas, mesmo sem ser uma autoridade oficialmente reconhecida pela igreja ou pela Irmandade, existe um reconhecimento dos esmoladores e o respeito pela sua história na tradição do ritual.

A entrevistada ainda reforça,

*[...] meu pai principalmente que foi um dos fundadores da comitiva de São Benedito. Então para mim hoje, a pandemia me tirou tudo. Então eu acho que não é só para mim é o povo no mundo inteiro é uma grande tristeza, faz de conta que aqui para*

*nós estamos no fundo do poço [...] (MARUJA COMITIVAS, 62 anos)*

É notório, nas falas, o sofrimento trazido pelos acompanhantes das esmolações, que saem em comitivas desde o dia 30 de abril. Vale frisar que no período de abril de 2020 e 2021, os santos não saíram, por conta dos protocolos de segurança exigidos durante a pandemia da Covid-19. O termo “estamos no fundo do poço”, utilizado pela entrevistada, significa dizer aquele período mais crítico, onde além do distanciamento social, também foi vivenciado um *lockdown*, ou seja, com significado em português, confinamento. Há séculos a cidade de Bragança, prepara-se o ano todo para viver o chamado “Natal dos Bragantinos”, existe uma grande expectativa para a organização e realização da festa de São Benedito. Bragança “respira a Marujada”, o comércio se prepara, a economia do local é movimentada. Neste período atípico, os devotos, viram-se sem saída para reagir a algo que não tinham controle, era sobre um vírus que avassalava o país. A tradição pede que as imagens saiam da cidade no mês abril durante o ano. Em relação a chegada, os santos da colônia e dos campos, retornam em novembro e o da praia, no mês de dezembro. A esmolação é um ritual que envolve o canto e a reza em vários processos, especialmente em três: a chegada, a permanência e a despedida. Isso justifica o não acontecimento por conta dos protocolos de distanciamento.

Vejamos neste relato,

*Aí eu entrei para irmandade, participo da missa, da novena, quando o Santo sai a gente vai na comitiva, no santo dos Campos, o santo da praia, o santo da colônia, nós vamos nas comitivas e eu me sinto muito feliz e quando chega o mês de dezembro, esse ano que não teve foi uma grande tristeza para todos nós marujos bragantinos. (PROMESSEIRA, 77 anos)*

Figura 15 - Os três Santos das comitivas: santo da praia, santo dos campos e santo das colônias



Foto: Hildeana Nogueira (2021).

Entre as pessoas idosas, percebe-se um apreço especial durante os ritos que fazem parte da esmolação, são a reza e o canto. As ladainhas são cantorias de louvação ao santo Preto. Como podemos ver, de acordo com Nonato da Silva (2012) no seu post no blog sobre Esmolação de São Benedito, aponta,

O ritual mais importante da Esmolação é a Ladainha, rezada numa espécie de latim arcaico aprendido de geração em geração (chamado por alguns teóricos de latim caboclo, devido à predominância desse idioma nas celebrações religiosas dos séculos XVIII e XIX). No passado a ladainha era toda em latim, por ser a língua oficial da Igreja Católica Apostólica Romana, passava a ter poderes extraordinários para evocação ou chamamento do sagrado. A forma desse latim foi se modificando com o passar do tempo e hoje já contém muitas palavras em língua portuguesa. O ritual da reza se caracteriza por ser predominantemente noturno e por ser um dos pontos altos da Esmolação. Todos esperam ansiosos por este momento, pois a presença do Santo e sua comissão quebram a rotina da comunidade e da casa, sendo um momento de encontro e renovação da fé.

Os santos são recebidos com grande festa em cada comunidade. As famílias se preparam para receber a imagem, assim como é preparado um altar com flores, toalhas brancas rendadas e o melhor lugar da casa. Normalmente a presença dos vizinhos é garantida nas ladainhas. Às comitivas são oferecidas alimentação e hospedagem. A comunidade e os promesseiros se alegram.

Diferente das imagens que ficam expostas na igreja de São Benedito e a que sai em procissão no dia 26 de dezembro, as imagens carregadas pelas comitivas se diferem das tradicionais por carregarem apenas cestos de flores, fitas de cetim e ornadas com um arco de flores e elas diferem no tamanho e no tipo de material produzido. Sobre esse fato Alencar (2014, p. 35) acredita que “Diante desses elementos fazem a denotação da simplicidade de suas origens, através deles a resistência negra se integra aos símbolos sagrados com maior propriedade e aproxima o excluído, seja o escravo seja o colono pobre da região bragantina”.

Ainda segundo a autora,

Dentre as outras representações de São Benedito, as que carregam flores se destacam por serem atuantes nas três Comitivas que trabalham na Esmolação: Comitiva de São Benedito dos Campos que percorre toda a região dos campos naturais de Bragança e Tracuateua, chegando até o município de Salinópolis, Comitiva de São Benedito da Colônia que percorre a região das antigas colônias destinadas aos imigrantes espanhóis, chegando até o município de Ourém, e Comitiva de São Benedito das Praias que percorre as regiões próximas ao oceano Atlântico na Baía do Caeté, chegando até o estado Maranhão. São três imagens de São Benedito em tamanho reduzido, cerca de 20 cm a 30 cm, sendo duas de madeira e uma de gesso (ALENCAR, 2014, p. 35).

Conforme Fernandes (2011, p. 8), sobre a relação do povo com a imagem do santo, entendendo como o principal objeto que deu origem a crença: A origem da imagem do santo tem suas amarras na história ancestral que se constitui em autêntica lenda, pois sua aparição, nas águas do rio Caeté, atesta uma procedência maravilhosa, mas ancorada em um determinado período histórico, o século XVIII. Essa origem meio desconhecida, mas marcadamente circunscrita a um meio familiar – ou seja, o São Benedito é de Bragança – fez com que o santo passasse a ser considerado como “alguém” próximo, adquirindo, assim, a sua imagem um teor animizado em relação aos devotos.

[...] a animização do santo não é apenas para o ‘bem’, quando atende aos pedidos dos devotos. Também é o santo que ‘castiga’. [...] que faz com que o santo seja mais humanizado ainda, porque ele não é visto como uma entidade que quer o mal, quer castigar, mas que ensina pelo exemplo. (FERNANDES, 2011, p. 86-87).

Em relação à imagem do santo de forma “humanizada” como se refere o autor, pode estar relacionada à necessidade de ser atendido por um milagre. Os pedidos são feitos pedindo que São Benedito interceda junto a Deus para que a graça seja alcançada. Podemos perceber neste relato,

*Meu moreno, meu pai, meu filho, tem noite que eu venho converso com ele, olha! Ontem esse aqui tava, eu pensava que ele fosse morrer. Ele é devoto de São Benedito ele é marujo de carteirinha doente, que eu cheguei lá na casa dele que esse irmão veio trazer ele na moto que ele desceu ali com as pernas*

*cambaleando, eu não sei nem como eu fiquei, eu disse assim: Poxa meu pai! não deixa o teu filho chegar a morrer. ( MARUJA COMITIVAS, 63 anos)*

E continua,

*Eu disse pra ele mesmo, eu converso muito com ele de noite: vai lá na casa do meu irmão, ver o que meu irmão tá precisando e vem me dizer, por favor meu pai, não deixa ele cair, levanta ele! Tu que podes levantar eu não posso levantar. (MARUJA COMITIVAS, 63 anos)*

Durante a visita de campo, no dia 27 de fevereiro de 2021, a entrevistada havia acabado de receber seu irmão muito doente em sua residência. Na oportunidade, presenciei o doente, muito debilitado sendo medicado com soro em uma cama próximo ao local da entrevista e em meio a pandemia. Ainda não tinham o diagnóstico exato, só tinham a certeza de que não era Covid-19. Lembro-me de ter sugerido o seu retorno a um hospital para ser internado e assim acompanhado melhor pelos profissionais de saúde. A sua resposta foi com perguntas: *Pra que? Pra morrer? Os hospitais estão um caos, gente doente, gente morrendo.* E continuou... *aqui eu cuido dele, remédios caseiros, muita oração e São Benedito está olhando por nós.* Soube que 11 dias depois, ele não resistiu e veio a falecer.

No entanto, ainda existe falta de compreensão com informações distintas em relação a esse momento crítico que assola a saúde de um país por uma doença infecciosa, que se espalhou em populações inteiras e atingiu todo o planeta terra.

Podemos perceber essa falta de compreensão sobre a real situação em se manter os protocolos na fala de uma entrevistada quando diz,

*Olha, eu tenho para mim, que esse povo tem pouca fé, que eles não têm coragem de sair com o santo mês de abril para esmolação, porque se não tiver o dinheiro dessa esmolação não tem a festa, porque eles arranjam muito dinheiro na esmolação, dinheiro e coisa que vem para leilão para tudo né. Porque tem um que anda pra cá pros campos e tem um que vai pra cá pro Maranhão (MARUJA PERTENCIMENTO, 84 anos)*

Vemos ainda, que para o devoto, o fato de não ocorrer todos os rituais na sua completude, causa uma ruptura com a ideia da festa em sua plenitude.

*Não teve a dança né! Só teve a missa e só. Ave maria, fiquei tão triste. Já 2 anos né! E esse ano acho que não vai sair o santo de novo, porque até agora né. (MARUJA PROMESSEIRA, 77 anos)*



De acordo com Fernandes (2011, p. 54),

O ritual da devoção, os papéis sociais, se assumem em duas manifestações, a esmolação e a Marujada; no momento ritual há a aparência de comunhão, com intensa percepção de comunidade e aparente igualdade social, união e solidariedade, quando perceptivelmente se dá o sentimento de pertença, pois a devoção é marcada por um caráter de identidade/identificação, notadamente o que se intitula de bragantidade; por isso, neste particular, é um momento intensamente simbólico.

A devoção, a tradição, o envolvimento que a festa traz, fazem com que não somente as pessoas ditas “mais novas” sintam-se envolvidas, mas também as marujas e marujos velhos. O sentimento de pertencimento, realização em poder fazer parte no coletivo, de respeito e valorização da cultura bragantina é possível ser percebido nesta fala. Com efeito,

*Eu vejo assim, por eu ser já uma pessoa idosa e gostar eu me sinto realizado. Porque realizado? porque tô fazendo aquilo que eu gosto. Aquilo que eu aprendi a gostar. Então quando chega dezembro, a gente já fica pensando, vai começar a festa, as esmolações, então é uma tradição que sei lá! Mexe com o bragantino, não só com o bragantino, aliás, tem muitas pessoas de fora que ligam, por exemplo: agora, agora, agora, Já ligaram para saber se o santos vão sair, já estão perguntando, nós vamos sair? então eu vejo assim, o bragantino gosta da tradição, então eu sou uma dessas pessoas que gostam da tradição. (MARUJO “O CHAMADO”, 68 anos)*

O bragantino devoto percebe, aceita e entende que a festa não poderia acontecer em toda a sua magnitude e agradece. De fato,

*O momento é de agradecimento aqui por estarmos vivos por termos a chance a honra de celebrar mais uma festividade com restrição. Mas, mas estamos aqui graças a Deus para esse momento de agradecimento com todas as graças alcançadas por intercessão de São Benedito. (MARUJA INDUMENTÁRIA, 77 anos)*

Pelo aspecto religioso, apesar da grande influência do catolicismo na cidade, existem outros grupos religiosos como os evangélicos, que não têm muita proximidade com o Santo que podem manter uma relação de conflito com os católicos, ou ainda os umbandistas, dos quais alguns mantêm relação próxima com o Santo Preto – que não foram aprofundados para esta pesquisa.

Existe uma espécie de algo “sacro” da manifestação em que as raízes com ritos religiosos africanos são negadas de uma forma impetuosa e censura. Nesta perspectiva, percebo que embora a Marujada não saboreie plenamente os processos contemporâneos de diferentes culturas, justamente pela proibição às modificações, reconheço que as chamadas práticas

discretas, sobretudo os ritos afrodescendentes, são renegados da história da manifestação. Essa desambiguação em destacar as origens africanas, talvez possa ser explicada pelo vigoroso processo de marginalização que essas manifestações historicamente sofreram. Se no passado a Marujada podia ser vista como adjacente, hoje ela desfruta de estar centrada na religiosidade do município de Bragança, sendo a principal festa religiosa do município, a festividade em homenagem à São Benedito.

Na fala da maruja entrevistada é possível perceber uma sensação de liberdade ao falar abertamente sobre sua religião com orgulho de sua educação religiosa.

Dito isso, ressalta a maruja

*[...] então na minha família, eu não vou negar, meu pai era daqueles índio caiapós, que escutava o chão e dizia assim: “Vai que fulano tá em perigo!” Então, eu sou umbandista, meu irmão é Umbandista, meu neto é umbandista, aquele bonito dançador que você ver, ele é umbandista. Então eu não vou negar tá!  
(MARUJA COMITIVAS, 63 ANOS)*

Na marujada, mesmo que o povo bragantino tenha um reconhecimento que o santo é preto e que teve suas origens com africanos escravizados, existe uma certa negação na origem e na religião africana, principalmente com a Umbanda. Percebe-se certa prioridade nas questões que envolvem a devoção católica e acabam negando que existem marujas (os) ligados à Umbanda. Por um lado, para muitos integrantes da marujada é tolerável essa participação. Por outro lado, sabemos que ainda existe a intolerância religiosa. Durante algumas entrevistas, alguns interlocutores, em voz baixa, quase sussurrando diziam: “*Nós sabemos que tem gente da macumba lá dentro*”. Existe algo velado, de tudo o que lembre outra religião que não sejam os rituais católicos.

Não tem como falar da festa de São Benedito, sem falar da Marujada. Não há como falar de Marujada e não falar da louvação a São Benedito por meio de suas danças. Não há como falar de Marujada e não associar ao Retumbão. São mais de dois séculos de Marujada e conseqüentemente de memórias de um povo.

### **1.7 Sujeitos velhos da pesquisa: entre o esquecimento e as lembranças.**

- Não é canto afinado,  
Meu branco, eu sei;  
são pobres cantigas,  
são rudes toadas!  
Só sei que eles vêm  
Dos meus antepassados:  
Louvação de marujo,  
pra dançar **Marujada!**

(CASTRO, 2000, p. 22)

Figura 16 – Marujas velhas de São Benedito



Foto: Hildeana Nogueira (2020).

A ideia da pesquisa sempre foi investigar marujas e marujos, pessoas idosas da Irmandade da Marujada de São Benedito de Bragança no Pará. A pesquisa se restringiu a doze participantes, oito mulheres e quatro homens idosos.

Acrescento que mesmo vivenciando esse período tão atípico e incerto, foi possível através de contatos com os sujeitos envolvidos, que são do grupo de risco, um *feedback* positivo para dar continuidade a pesquisa com todos os cuidados necessários de prevenção que o momento exigia.

A Irmandade, nesse período de pandemia, teve as suas atividades presenciais suspensas, a presidência da Irmandade também é uma pessoa idosa, no entanto, neste período, apenas a secretária cedida pela prefeitura de Bragança que presta expediente no museu da Marujada, cumpria seu horário. Pude perceber, na fala dos entrevistados, o impacto negativo da falta de convívio em Irmandade e o planejamento para a realização da festa à vida das marujas e marujos idosos. Desse modo “[...] *Ontem, eu tava aqui botando aqui CD de Retumbão, chorado, essas coisas, parece que a gente tá lá no barracão dançando. É essa a tristeza da gente!*” (MARUJA AUTORIDADE, 63 anos).

A ausência deste convívio foi notada também em outras falas,

*Sim, nós estamos com esse cuidado né, inclusive antes fizemos uma reunião da Irmandade com uma secretária de saúde e ele nos orientou de como era pra gente fazer, ter cuidado, usar a máscara, o álcool em gel, ficar um pouco distante um do outro né para que a gente tem algum cuidado e como eu lhe disse, ainda mais o pessoal da Marujada que são pessoas de idade né, então aí que tá mais o cuidado né. (MARUJO “O CHAMADO”)*

E ainda,

*Eu conheço a Irmandade como uma família. Eu amo muito eu tando lá, para mim é como se fosse minha família, eu tenho respeito eu gosto muito, bastante, esse ano que a gente não foi por conta dessa doença né! Mas eu sinto falta, muita falta, eu acho, me acho muito completa lá eu me sinto muito feliz na irmandade. (IRMANDADE,69 anos)*

A escolha dos sujeitos estudados, deu-se pelos critérios de idade, ou seja, ter a partir de 60 anos e ser efetivo no quadro da Irmandade. Diante dos critérios de seleção adotados, pesquisamos dentre as fichas de associados da Irmandade, entre os 12 idosos marujas e marujos, 8 mulheres velhas e 4 homens velhos, entre eles estão as autoridades da diretoria como: presidente, capitão, vice capitão e capitoa. Então,

<b>Sujeitos participantes da Pesquisa</b>		
<b>Participante</b>	<b>Gênero</b>	<b>Idade</b>
Maruja Autoridade	Feminino	63 anos
Maruja Comitivas	Feminino	62 anos
Maruja Dançarina	Feminino	74 anos
Maruja Promesseira	Feminino	77 anos
Maruja Indumentária	Feminino	78 anos
Maruja Irmandade	Feminino	69 anos
Maruja Pertencimento	Feminino	84 anos
Maruja Artesã	Feminino	70 anos
Marujo “O chamado”	Masculino	63 anos
Marujo Tradição	Masculino	65 anos
Marujo Ladainha	Masculino	64 anos
Marujo Dança	Masculino	80 anos

Durante o levantamento nas fichas cadastrais da Irmandade da Marujada de São Benedito de Bragança, encontramos, dentre os associados com mais de 60 anos, ou seja, pessoas idosas da Irmandade, 82 marujas, número esse muito superior aos dos homens idosos que é representado por apenas 18 marujos. Diante deste fato, confirma-se os estudos sobre a feminilização da velhice.

O Plano de Ação Internacional para o envelhecimento justifica o aumento do número de mulheres que superam a dos homens. Segundo ele:

As mulheres idosas superam os homens idosos e cada vez mais à medida que a idade aumenta. A formulação de políticas sobre a situação de mulheres idosas deveria ser prioridade em todas as partes. Reconhecer os efeitos diferenciados do envelhecimento nas mulheres e nos homens é essencial para se chegar à plena igualdade entre ambos e para formular medidas eficazes e eficientes para fazer frente ao problema. Consequentemente, é decisivo conseguir a integração de uma perspectiva de gênero em todas as políticas, programas e leis (2013, p. 27).

Ainda segundo os dados da pesquisa para o Plano de Ação, atualmente, a proporção média nos países em desenvolvimento é de 88 homens para 100 mulheres entre as pessoas de 60 e mais anos, e se projeta uma ligeira mudança dessa cifra, que cairá para 87 em meados do século XXI.

Os sujeitos voluntários da pesquisa foram nominados, na análise de suas informações, por pseudônimos, seguindo a ordem de citação das falas na análise dos dados investigados, como forma de resguardar a identidade de cada colaborador (a). No documento assinado por todos os entrevistados, o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - TCLE, no seu texto, claramente faz referência ao sigilo, que diz: As informações fornecidas por meio da entrevista foram confidenciais e de conhecimento apenas dos pesquisadores responsáveis. Dessa forma, em nenhum momento, você será identificado. Os resultados da pesquisa serão publicados e ainda sim a sua identidade será preservada. Justifica-se assim a decisão de não identificação dos atores sociais desta pesquisa.

O contato inicial com os sujeitos entrevistados aconteceu por meio de ligação telefônica e via WhatsApp. Nessas ligações e mensagens, foi apresentado o tema da pesquisa e o interesse da mestranda, após o aceite de participação, eram acordados a data, horário, cuidados preventivos e tempo estimado/limitado da entrevista, em respeito à condição de grupo de risco dos participantes, no que se refere à COVID-19. As entrevistas foram realizadas em sua maioria nas residências (casas) dos sujeitos investigados, apenas uma deu-se em lugar público, ao ar livre, a solicitação do entrevistado e logo no primeiro encontro presencial achamos necessário reforçar a questão da importância em manter a distância mínima entre nós (entrevistadora e entrevistado), e referenciar o quanto estava sendo difícil naquele momento não poder fazer uma apresentação e cumprimento mais caloroso com apertos de mãos. Usava-se então um rápido toque com os cotovelos (movimento esse muito utilizado durante o período). Antes da entrevista em si, como forma de acolhimento, resolvemos fazer uma escuta respeitosa das falas dos sujeitos e procurar compreender como estava o seu sentimento em relação a não realização por completo de uma festa tradicional, já que pela primeira vez a festa, depois de 222 anos, não acontecia da mesma forma, com a realização de todos os rituais. Após essa escuta de forma acolhedora à fala dos sujeitos, foi solicitada a permissão para o uso do gravador de voz. Além

disso, foi explicado sobre o caráter voluntário da entrevista. Caso o participante se sentisse desconfortável, tinha a escolha de desistir a qualquer momento, sem existência de pena.

As elocuições das pessoas entrevistadas foram transcritas de acordo com as normas gramaticais da Língua Portuguesa, como forma de correção de alguns vícios de linguagem e/ou desvios gramaticais.

Os entrevistados desta pesquisa serão chamados por nomes fictícios, nomes, sentimentos e rituais, que fazem parte do vocabulário e cultura bragantina. Maruja Autoridade, Marujo Tradição, Maruja Ladainha, Maruja Artesã, Maruja Pertencimento, Maruja Comitiva, Maruja Dançarina, Marujo Dança, Maruja Promesseira, Maruja Indumentária, Maruja Irmandade e o Marujo “O chamado”, seguindo a ordem de realização da análise dos dados.

No que se refere aos quesitos éticos, submetemos a pesquisa ao Conselho de Ética em Pesquisa (CEP), sob o Certificado de Apresentação de Apreciação Ética (CAEE): 40360920.9.0000.0018, e obtivemos aprovação por meio do parecer nº 4.468.093 (Anexo A).

## 2 POR QUE PESSOAS VELHAS? VIVÊNCIAS E EXPERIÊNCIAS ATRAVÉS DOS ANOS

- Esse rústico tambor,  
Meu velho marujo,  
que mãos ritmadas  
estão a bater;  
o tosco violino  
aninhado aquele ombro,  
- de sons delicados-  
eu quero saber.  
O modesto violão  
De sons tão faceiros;  
A batida afinada  
Desse velho pandeiro;  
Aquele bandolim  
Tocando animado,  
Me conta marujo:  
São todos pra que?

(CASTRO, 2000, p. 22)

Figura 17 – Maruja no altar da igreja de São Benedito



Foto: Arquivo pessoal (2020).

A incumbência de escrever sobre minha trajetória exigiu-me uma ação complexa de rememorar, cujos movimentos relatados me levaram a refletir sobre mim mesma, sobre minha subjetividade. Redigido em plena maturidade como mulher, mãe de quatro filhos, esposa, pesquisadora, profissional e ativista do envelhecimento humano. O memorial busca identificar uma etapa concreta de minha história vivida nas fases que passam pela infância, adolescência, juventude e a fase vivida atualmente de uma adulta envelhecete, o percurso profissional na área do envelhecimento humano e para tanto assinalo, no transcurso da escrita, as situações que julguei mais significativas.

Nasci no dia 13 de abril de 1977, na cidade de Castanhal – Pará, na Maternidade do Povo, em uma terça-feira às 13h, de parto normal, pelas mãos de uma das parteiras da casa, uma mulher, velha, negra chamada Carolina (*in memoriam*). Dona Carolina tinha uma auxiliar, mulher também negra, que lhe ajudava no ato de partejar. Esta mulher, que me deu o 1º banho ainda na sala de parto, 40 anos depois veio a ser minha aluna.

Estudos de Santiago (2019, p. 195), esclarecem-nos sobre a função de partejar que estava relacionada ao ato de prestar assistência ao parto

As parteiras eram mulheres, geralmente, viúvas ou casadas, que adquiriam experiência no dia a dia a partir do contato com trabalhos de parto na medida em que auxiliavam as parteiras mais experientes. Ou seja, para um trabalho de parto, as parteiras levavam consigo uma pessoa de sua confiança, uma mulher, e assim, as ajudantes das parteiras aprendiam com elas, na prática, os conhecimentos e aprendizados tradicionais das mulheres parteiras. E assim, substituíam, em dado momento, as parteiras mais idosas e reproduziam as experiências adquiridas às próximas mulheres parturientes.

Filha de Oscarina da Conceição Nogueira Dias, funcionária pública estadual castanhalense e Opílio Dias Neto, professor de Educação Física, mineiro da cidade de Carlos Chagas. Filha primogênita, primeira neta e primeira bisneta, fui criada no seio de uma família amorosa, a qual os valores mais importantes eram o amor, o respeito ao próximo e a honestidade.

Os meus cuidados eram divididos com mulheres que moravam na casa de minha avó materna, que lá estavam vindas do interior para estudar e trabalhar e que ajudavam minha mãe nessa tarefa, pois sempre trabalhou fora, passando horas longe de casa. Uma dessas mulheres, tornou-se minha madrinha de crisma e sempre considerei minha mãe de criação. Hoje ela é uma mulher velha e deficiente visual e recebe cuidados de duas irmãs, que também são mulheres velhas. Quem cuidou tanto, hoje, felizmente, pode ser cuidada.

De acordo com Collière (1989, p. 385),

A prática das mulheres no exercício do cuidar de membros da família tem raízes históricas. O sentido original do desempenho de papel de cuidadora nas práticas das mulheres, no âmbito familiar, se traduziu em diferentes modos de identificação à



medida que os tempos evoluíam. Essas práticas começam com a fecundidade e são modeladas pela herança cultural do cuidado a cargo da mulher para prover proteção, nutrição e abrigo para garantir a manutenção e a continuidade da vida do grupo e da espécie.

Fui orientada dentro de uma educação e princípios religiosos católicos da família materna e com todos os cuidados e amor que uma criança precisaria para crescer com um desenvolvimento saudável. A família paterna só me conheceu quando fui até Minas Gerais e já havia completado 2 anos. Com esta família o contato foi pequeno, porém a distância de mais de 3.500 km não nos impediu de estar próximos pelos contatos telefônicos.

Acredito que foi uma infância feliz, meus pais me permitiram ter uma infância com liberdade para brincadeiras na rua, férias na colônia na casa da bisavó, banhos de igarapé, muitos banhos de chuva, frutas colhidas no pé de um verdadeiro pomar que tinha em nosso quintal, aventuras na mata e amigos de infância. Sei exatamente os significados e memórias de “cheiro de casa de avó” e “gosto de comida de vó”. De um tempo em que “pedir a benção” dos mais velhos era regra de educação e obediência.

Lembranças de novenas e terços rezados na vizinhança e nas igrejas, de missas sagradas aos domingos, sempre em companhia de minha avó. Lembranças de aventuras em um pau de arara, que nos transportava no início e no final das férias da cidade para o interior e vice-versa. Recordo-me de ser acordada pela minha avó às 5h da manhã, com o dia escuro ainda, era uma rotina em época de provas para revisar o conteúdo estudado, pois ela dizia: “pela manhã bem cedo você vai estar com a cabeça fresca para aprender melhor”. De um tempo que assistir TV era perda de tempo e que celulares e redes sociais não existiam como vilões de um tempo tão precioso que não podiam ser desperdiçados.

Aos 4 anos iniciava minha vida estudantil no Centro Educacional Pequeno Polegar, escola atualmente desativada. Em seguida, fui estudar em uma escola de freiras, muito conceituada na cidade. Por lá, estudei todo o meu ensino infantil e fundamental. Na escola eu era bolsista e conhecida como a neta da secretária, a Professora Hildée Lameira. Os que não eram filhos de funcionários (bolsistas) eram filhos e netos de famílias de classe média e classe média alta da sociedade castanhalense. Não me sentia livre nessa escola para ser quem eu verdadeiramente era, pois por muitas vezes fui silenciada para ser o exemplo, a neta da funcionária, aquela que tinha que se comportar até nas aulas de educação física. A aluna que não podia falar alto, não podia correr, a aluna que não podia fazer palhaçadas, mas que devia estar com a saia plissada, sapatos escovados e cabelos bem presos.

Na época, não se falava em *bullying*, porém hoje tenho convicção que sofri e não foi pouco o bullying racial, são marcas trazidas até os dias atuais. Sentia-me, impotente, inferior,

reprimida. Era apelidada de “mucura”, até hoje desconheço o motivo do apelido. Meus cabelos crespos eram motivos de piadas, quando soltos, nele eram escondidos régua, borrachas, lápis e o interessante era esconder de modo que eu não percebesse. Criavam músicas com meu nome para “caçoar” de mim.

Acredito que por não conhecermos como deveríamos a nossa história e todos os problemas vividos no nosso país, ao longo da colonização, sempre tivemos muito receio de lidar com este tema publicamente e é por isso que muitos professores se mostram incapazes de lidar com temáticas como a do racismo em sala de aula. Contudo, sabemos que práticas racistas fazem parte do dia a dia das escolas. Conscientes ou não, professores, alunos e funcionários se vêem em situações preconceituosas. Diminuir essas práticas racistas e construir valores que envolvam respeito, nunca foi tão urgente.

Segundo o PCN (2021, p. 21), ainda é preciso

Mudar mentalidades, superar o preconceito e combater atitudes discriminatórias são finalidades que envolvem lidar com valores de reconhecimento e respeito mútuo, o que é tarefa para a sociedade como um todo. A escola tem um papel crucial a desempenhar nesse processo. Em primeiro lugar, porque é o espaço em que pode se dar a convivência entre crianças de origens e nível socioeconômico diferentes, com costumes e dogmas religiosos diferentes daqueles que cada uma conhece, com visões de mundo diversas daquela que compartilha em família. Em segundo, porque é um dos lugares onde são ensinadas as regras do espaço público para o convívio democrático com a diferença. Em terceiro lugar, porque a escola apresenta à criança conhecimentos sistematizados sobre o País e o mundo, e aí a realidade plural de um país como o Brasil fornece subsídios para debates e discussões em torno de questões sociais. A criança na escola convive com a diversidade e poderá aprender com ela.

Em uma das aulas de educação física, cheguei a urinar na roupa com medo de uma bola que veio em minha direção em uma partida de voleibol. Quem diria que anos depois me tornaria uma professora de educação física, por exatamente odiar estas aulas e entender tempos depois, no ensino médio, que pretendia fazer o curso e ter a certeza de que a educação física poderia não ser aquilo que vivenciei na prática. Reinventei-me quando decidi ser livre e estudar o meu ensino médio em uma escola pública.

Lembro-me do quanto foi difícil e a luta que tive que travar para conseguir convencer minha família de que gostaria de estudar na Escola Estadual Lameira Bitencourt. Depois de muito diálogo, permitiram, apesar da situação financeira de meus pais ser favorável ao estudo em escolas particulares. Considero que foram os 3 anos mais maravilhosos da minha vida escolar. Foi libertador! Lá tive chances de poder finalmente falar, expor meus pensamentos, soltar os cabelos, dar gargalhadas, me comunicar com segurança, enfim ser eu mesma, ainda que com uma autoestima baixa por conta de tanta repressão do passado. Eu era tímida ou era silenciada? Hoje, entendo que fui silenciada por muitos anos.

Corroboramos com o pensamento de Gomes (2012, p. 86), quando nos fala sobre a liberdade de expressar-se corporalmente, visto que

Através do movimento corporal-gestual formativo, essa “disciplina” pode revelar e/ou reforçar padrões de pensamento, valores e crenças, bem como demonstrar a pertença cultural do indivíduo, quando ele se serve do corpo para aprender e ensinar. Assim, no caso da escola, um espaço privilegiado de aprendizado de expressão corporal, os movimentos constroem-se na cultura do grupo, num movimento complexo, fazendo conjugar as expressões de uma “cultura do corpo”.

Tudo foi possível graças aos professores que até hoje são referências na minha vida e na vida de centenas de estudantes que foram seus alunos. Fui estimulada e incentivada a lutar por meus interesses e acreditar que tudo era possível quando se quer conquistar o que se almeja. Tinha o respeito de meus colegas, me sentia igual a eles e não inferior, era conhecida como Hildeana e não como a neta da secretária. Após os dois anos no CB (Ciências Biológicas) do ensino médio, fui convencida a fazer o convênio em uma escola particular e de renome. A Escola Modelo, hoje desativada, era uma escola de referência na época para estudos voltados aos processos seletivos para entrada nas universidades públicas. Tinha 17 anos quando frequentei esse convênio e paralelo ao que seria minha primeira tentativa de entrar na universidade, engravidei do meu namorado da época, nos casamos e eu tive que adiar esse sonho.

Após estudos, a OMS, apresentou um relatório, em 2008, para mostrar um dado importante, revelando que “a cada mil adolescentes brasileiras entre 15 e 19 anos, 68,4% ficaram grávidas e tiveram os seus bebês”.

A menina a quem haviam depositado expectativas em relação aos estudos, aquela que acreditavam que seguiria seus estudos sem interrupções, agora se encontrava grávida e um tanto desacreditada pela família. Em 1996, nasceu meu primogênito Marcos Vinícius. Foi um período de muitos desafios. Era “mãe de primeira viagem”, muito jovem e imatura. Acontece que aquela menina mãe sempre acreditou que um filho não seria um empecilho e lutou bravamente em busca de seus sonhos. Diferente da situação de muitas adolescentes que abandonam os estudos, não têm apoio da família, são desacreditadas e desistem dos estudos.

Segundo um levantamento sobre o assunto publicado no site de Notícias G1,

O estudo mostra que as mães adolescentes que não trabalharnemestudamapresentamos piores índices de escolaridade entre a população de 15 a 17 anos fora da escola. A maioria delas (55,4%) não chegaram a completar o ensino fundamental. Considerando todos os jovens dessa idade que não trabalharnemestudam, a porcentagem média dos que não têm instrução, ou têm fundamental incompleto, cai para 47,2%. (2015)

Continuei tentando por três anos consecutivos, sem sucesso. Depois desse período bem turbulento, já muito cansada, porém com a esperança de que chegaria esse dia, meu filho já

estava com 3 anos de idade e após 3 tentativas, enfim ingressei no curso de Licenciatura Plena em Educação Física na Universidade Federal do Pará, no ano de 2000.

Nesse período, pude escolher em qual faculdade iria estudar, pois havia passado também na Universidade do Estado do Pará – UEPA. Hoje, guardo em minha memória, o resultado do vestibular como um dos acontecimentos mais importantes de minha vida. O ano de 2000 seria o ano que me marcaria para sempre, com a certeza de que quando se quer conquistar algo, você precisa focar e ter determinação, acreditando que obstáculos podem ser superados e que você é capaz quando tem foco e metas a serem alcançadas. Tudo só foi possível porque a parentalidade funcionou perfeitamente em relação aos cuidados com meu filho. Neste período também tive ajuda de uma mulher negra, de nome Joana D’arc, na época cuidadora de minha avó e hoje amiga da família, mais uma mulher que passou por nossas vidas e mesmo sem obrigação nenhuma, se disponibilizou e ajudou-me na tarefa árdua de cuidar do meu filho, deixando - me livre para seguir os desafios da vida acadêmica. Talvez de forma inconsciente, não percebesse da importância de deixar que uma outra mulher seguisse em busca de seus ideais. Hoje, entendo esses gestos dessas mulheres para com outras mulheres, recebidos desde o meu cuidado e depois com meus filhos, como **Sororidade**, união e solidariedade entre nós.

Ultimamente o termo sororidade tem sido muito usado, e esta palavra está cada vez mais presente em nossa língua e na mídia escrita, mas o seu significado ainda é ausente em dicionários clássicos da língua portuguesa. Apesar disso, o termo não é tão novo. Estudos mostram que em 1970, o uso do termo foi proposto pela escritora Kate Millett, líder feminista daquela época, propôs essa palavra com o intuito de construir uma ideia para lutar em seu dia a dia como ativista e obter a união social entre mulheres sem que haja diferença de classes, de religiões ou de grupos étnicos. A palavra está relacionada a simpatia, fraternidade, irmandade feminina.

Diante dessa questão, trago dois conceitos de acordo com a etimologia da palavra , segundo a Academia Brasileira de Letras, sororidade é o

Sentimento de irmandade, empatia, solidariedade e união entre as mulheres, por compartilharem uma identidade de gênero; conduta ou atitude que reflete este sentimento, especialmente em oposição a todas as formas de exclusão, opressão e violência contra as mulheres. [Do latim *soror*, ‘irmã’ + -(i)dade.]

E ainda enfatizando o feminismo,

Relação de irmandade, união, afeto ou amizade entre mulheres, assemelhando-se àquela estabelecida entre irmãs. [Por Extensão] União de mulheres que compartilham os mesmos ideais e propósitos, normalmente de teor feminista, sendo caracterizada pelo apoio mútuo evidenciado entre essas mulheres. (Dicionário Online de Português).

Minha vida acadêmica iniciou no ano de 2000, quando ingressei na Universidade Federal do Pará – UFPA, para cursar Licenciatura Plena em Educação Física. Quando iniciei a graduação, já estava convicta de minhas escolhas, pois me especializaria na área da dança. De todas as questões, sempre tive uma certeza de que jamais permitiria que um aluno meu passasse por situações de *bullying*, medo e/ou constrangimentos em uma aula ministrada por mim. Antes da graduação, era dançarina profissional, passando por grupos folclóricos, bandas, cia de dança e professora de dança, ministrando aulas em academias, associações e escolas. Após um ano de graduação, mais precisamente em 2001, ainda apaixonada por todas as disciplinas até então, foi ofertada a disciplina “Bases Teóricas e Metodológicas do Ensino do Folclore aplicadas à Educação Física”. Fui arrebatada pela disciplina e pela oportunidade de fazer estudo de campo em Bragança/PA, podendo pela primeira vez ter contato com a “Marujada de São Benedito”.

No mesmo ano, pude observar o entra e sai, o sobe e desce de escadas, de velhos e velhas livres, sorridentes e aparentemente com muita vontade de viver. Após procurar saber quem era aquele público, descobri que se tratava de idosos participantes do projeto: Grupo de Educação da Terceira Idade – GETI, da Universidade Federal do Pará, idealizado pelo Professor Luís Otávio, Professora Neila Reis e Professora Cosma Cunha, na época, projeto de extensão, hoje, Programa. Nesse período, após a busca por informações com o coordenador do Campus de Castanhal de como poderia conhecer melhor o projeto e ajudar dentro de minhas possibilidades, me candidatei como voluntária, oferecendo minha experiência como professora de dança. Foi então minha primeira experiência com alunos velhos. Fui voluntária durante 3 meses, logo em seguida participei do processo seletivo, passei e por lá fiquei por quase 4 anos. Experiência única que possibilitou, assim, meus estudos na área do envelhecimento humano.

O Projeto foi minha escola, nele tive orientações e supervisões muito importantes como a professora Ildete Falcão, pedagoga e estudiosa do envelhecimento humano, atuando até os dias atuais no programa. Após o término da graduação, dediquei-me por quatro anos ministrando aulas de Ginástica e Danças Folclóricas na Associação da Terceira Idade do Campus de Castanhal – ASTICCA, cuja presidente era uma idosa, dona Terezinha Vitorino de Souza. Na oportunidade criamos um grupo de Danças da Marujada. Minha pesquisa iniciava neste momento. Naquele período já tinha a certeza da área que queria trilhar e pesquisar, sem dúvidas, danças folclóricas da Região Norte e o Envelhecimento Humano.

Em 2004, engravidei novamente, uma gravidez difícil, não planejada e em meio a uma crise conjugal, vivenciando uma separação, tentando conciliar o último ano do curso e pesquisando para o Trabalho de Conclusão de Curso. Finalizei meu TCC ainda no resguardo do parto, apresentando e defendendo o trabalho com minha filha Maria Eduarda com 40 dias

de nascida. Graduada, tinha uma única certeza, não iria parar por ali, com dois filhos, divorciada, porém com muito apoio familiar, prossegui nos estudos. Ainda em 2004, fui convidada a coordenar um polo do Programa Esporte e Lazer na Cidade - PELC, programa do Governo Federal, no maior e mais populoso bairro do município de Castanhal, o Bairro do Jaderlândia. O polo se chamava “Santa Terezinha”, associando o nome ao espaço onde as atividades eram realizadas, as dependências da congregação católica das Irmãs de Santa Terezinha. Essa seria a minha primeira experiência de trabalho após a Graduação. Após essa experiência, decidi em 2005, iniciar duas pós-graduações, uma em Gerontologia e outra em Pedagogia da Dança, assim, conciliaria as minhas duas grandes descobertas com expectativas para a pesquisa.

No ano de 2006, fui contratada pelo Serviço Social da Indústria – SESI, na função de Técnico Esportivo, com o objetivo de ministrar aulas de natação e hidroginástica, atuando na instituição até 2007. No início do ano de 2008, me inscrevi no processo seletivo para a Titulação da Sociedade Brasileira de Geriatria e Gerontologia – SBGG e após todas as etapas, consegui a Titulação, podendo assim me considerar uma Gerontóloga, estudiosa e pesquisadora do envelhecimento humano.

Durante esse processo, cheio de etapas, em uma delas, na entrevista, me deparei com três dos meus referenciais teóricos na minha frente, segurando o meu currículo. Foi muito difícil segurar a emoção, havia treinado para não deixar a emoção tomar conta de mim e responder de forma técnica todas as perguntas feitas pela banca de avaliadores. Mas tudo foi em vão quando me fizeram a primeira pergunta: “Por que velhos?” E em seguida: “O que fez uma moça jovem iniciar uma trajetória na área do envelhecimento sem interrupção? O que te afeta nesse trabalho?” Como eu iria conseguir responder a essas perguntas sem emoção? Iniciei a fala relatando sobre minha inspiração e de onde ela vinha. Falei por 40 minutos, tempo que tinha para responder a 1ª pergunta, relatando que minha bisavó e avó, duas mulheres velhas, negras, independentes, trabalhadoras e professoras me inspiravam, e que aprendi com elas a admirar e respeitar pessoas velhas, pois sempre traziam algo com sua sabedoria a nos ensinar. A educação salvou a minha Bisavó e a minha Avó. A educação me salvou!

Paulo Freire, em sua obra *Pedagogia do oprimido*, nos faz refletir sobre essa transformação com sua frase “Educação não transforma o mundo. Educação muda as pessoas. Pessoas transformam o mundo” (1987, p. 87).

Venho de uma família de professoras e mulheres independentes que foram educadas a conquistar o seu espaço, ir em busca de conhecimento e alcançar seus objetivos de vida. No entanto, mesmo com muito apoio da família, era questionada se esse caminho era promissor ou

se daria retorno financeiro e ainda me traria sucesso profissional. Não tinha as respostas, porém nesse período eu já tinha certeza que era isso que queria para minha vida: ser Gerontóloga, estudar e pesquisar sobre o processo de envelhecimento. Desde o início direcionei meu currículo apenas na área do envelhecimento, quando a monografia da graduação se intitulou "Expressão, dança e atitude da pessoa Idosa", pesquisei sobre quais os possíveis fatores que limitavam a pessoa idosa às práticas da dança e expressão cultural.

Trabalhei com a linha da pesquisa-ação, foram seis meses de pesquisa e com a criação de um projeto para chegar a um resultado final denominado “Expressão, Dança e Atitude na terceira idade – EDATI: Relatos de experiências”.

Nas especializações, foram dois artigos. Na especialização em Gerontologia, intitulado “Expressão, dança e atitude da Pessoa Idosa” e na Pedagogia da Dança, intitulado : "Corporeidade e Terceira Idade: Relatos de Experiência do projeto EDATI”.

Durante a experiência com a ASTICCA, pude desenvolver a dança folclórica da região norte, mais especificamente as danças da Marujada. Na oportunidade, conseguimos criar um grupo de marujas e fazer uma adaptação para dançar e apresentar nos eventos. O grupo existe até hoje, está vivo e atuante, mesmo sem minha presença. O protagonismo e autonomia são fundamentais no processo de envelhecer. Tornei-me uma maruja da Irmandade de São Benedito. Essa entrada, me permitiu um olhar de dançarina e também de pesquisadora, várias reflexões e inquietações. Os corpos velhos constroem processos identitários a partir da dança, marcados por memórias corporais que os direcionam para uma determinada expressão de dança, vinculado diretamente ao folclore da Amazônia que conjuga arte, religião e corporeidade que, historicamente, se reorganizam e se mantêm com maior força na região bragantina, no estado do Pará.

Após minha saída da ASTICCA, trabalhei por 5 anos, exercendo o cargo de professora no PROAI - Projeto de Ação Interdisciplinar para Idosos e no projeto "Cuca Legal", trabalhando com pessoas na faixa etária de 17 a 70 anos, em sete ginásios e em bairros diferentes do município de Castanhal.

No Serviço Social do Comércio – SESC, no ano de 2008, participei de um processo seletivo para o cargo de Assistente Técnico. Na Atividade Trabalho Social com Idosos – TSI, exercendo a função e coordenando o Grupo de Idosos denominado Grupo Plenitude até os dias atuais. Neste período de 12 anos em uma única Instituição, foi oportunizado a mim a realização de muitos projetos importantes, formação profissional, reconhecimento pessoal e profissional, em uma instituição que é referência e pioneira no Trabalho Social com Idosos no Brasil. Uma trajetória profissional na área do envelhecimento que inicia em 2001 e permanece até a

atualidade, com 20 anos, estudando, refletindo, participando, travando lutas, levantando algumas bandeiras do envelhecer não só para eles, mas com eles. Hoje me considero uma Ativista do Envelhecimento Humano.

Dentre as produções mais relevantes na área, destaco no ano de 2011, a idealização de um documentário, intitulado "Contado por eles", que se tratava de relatos de experiências de velhos em grupos de idosos. Em 2012, a organização de um livro intitulado: "Castanhal 80 anos: escritos e vividos por idosos do Grupo Plenitude do Sesc de Castanhal". Em 2014, organizei um livro intitulado: "Velhas Receitas: Sabores da Vida". Em 2012, idealizei um quadro para um programa de uma rádio local, denominado "Viva Longa vida" que tem como conteúdo assuntos sobre o envelhecimento e está no ar até os dias atuais, completando quase 10 anos. Ainda em 2012, tomei uma decisão muito importante em minha vida. Casei pela 2ª vez e após essa união vivenciei momentos dolorosos com meu companheiro, que foi a interrupção de duas gravidezes por abortos espontâneos.

Após tanta tristeza, vieram as compensações e a alegria voltou a fazer parte de nossas vidas com o nascimento de mais dois filhos: Miguel, em 2015, e Gabriel, em 2017. A família aumenta e com ela a tarefa de ser mãe de 4 filhos de gerações tão diferentes e como consequência a responsabilidade de cuidar, proteger e encaminhar para educação. Tomei a decisão de "parar" (em relação a estudos e pesquisas) por 5 anos e ser mãe.

Essa foi a resposta para um dos avaliadores na banca do mestrado quando ele percebeu que tinham poucas participações em eventos científicos ou publicações no meu Currículo Lattes. "Por que você 'parou' por 5 anos? O que você fez nesse período?" Respondi: "Decidi ser apenas mãe".

Participando de um evento sobre envelhecimento no final de 2019, através de uma conversa despreziosa, fui instigada pelo Prof. Dr. Dário Azevedo (*in memoriam*) da Universidade Federal do Pará, a continuar meus estudos e fazer o processo seletivo do mestrado. Ele dizia: "Hildeana, as pessoas querem saber quem você é, a academia precisa de sua disposição para pesquisar!" Ao mesmo tempo que sentia o interesse em seguir com os estudos, me acovardava por achar que não teria capacidade e nem "tempo" para tal desafio. Afinal de contas, já era mãe, dona de casa, esposa e profissional e não saberia se acrescentar neste currículo as funções de estudante e pesquisadora seria suportável. Logo em seguida, me deparo com o edital do processo seletivo para 2020. Encorajei-me e fiz minha inscrição. Após todas as etapas realizadas, finalmente ingressei no mestrado. E com essa oportunidade busco a realização de mais uma etapa a ser vencida. Só que agora o desafio será maior.



Atualmente desempenho um trabalho voluntário, na linha da literatura, o projeto se chama "Do fundo do baú", criado em 2017, com o objetivo de reunir através de rodas de conversa, velhos e velhas, para ouvir e contar histórias, que são depositadas em um baú antigo, pelos participantes, sobre fatos vividos na sua infância, adolescência, juventude, adultez e velhice e compartilhando essas histórias com outros segmentos. Após as leituras, fazemos uma relação da história contada com os tempos atuais e refletimos com as questões do envelhecer nos tempos de hoje. Muitas dessas histórias estão ligadas à minha proposta de pesquisa para o mestrado.

Neste contexto, a proposta de pesquisa surgiu da convivência com velhos e estudos sobre envelhecimento humano, no qual me encontro já há 20 anos, com o trabalho social com idosos no Município onde resido. Pude perceber uma realidade que até então não conhecia, ou seja, principiei uma prática que me deu sustentabilidade para iniciar este projeto, e até então despertar o desejo de pesquisar e explorar a questão da memória e identidade do corpo velho na dança do Retumbão da Marujada em Bragança/PA. Acredito que o fato de ser maruja (dançarina da Marujada) e além de participante, o olhar de pesquisadora, foi decisivo para minhas escolhas.

A Memória e o Envelhecimento são temas muito pertinentes na atualidade. Temas envoltos em questões como exclusão sócio familiar, angústias, medos, dificuldades na vida cotidiana, negação de direitos sociais e cidadania. A maioria dos idosos não teve oportunidade de praticar a dança ou atividades com práticas corporais durante algumas fases da vida, entre elas, a infância, juventude e adultez.

No cenário atual, apresenta-se o seguinte problema: Que memórias constroem/sustentam a identidade de pessoas velhas a partir do Retumbão na Marujada de Bragança?

E entre nossos objetivos específicos: Refletir sobre a identificação e identidade do corpo velho com as danças e manifestações culturais de nossa região, nesse caso especificamente a dança do Retumbão da Marujada de Bragança; Identificar/compreender os aspectos/fatos mais importantes nas histórias de vida dos idosos, resgatados nas memórias de suas trajetórias da Marujada, possibilitando com esse movimento uma possível ressignificação e atualização da identidade; Realizar um recorte que privilegie suas histórias, suas falas e seus pontos de vista, enquanto produtoras e organizadoras dessa manifestação.

Na minha trajetória, nos passos da minha caminhada até aqui, pode-se perceber claramente quantos outros passos foram dados comigo. À minha família, aos velhos alunos, aos professores e aos profissionais, só me resta a GRATIDÃO. Ao mesmo tempo, se fui capaz de

voar, de conquistar meus sonhos, colher meus objetivos, é porque lá estava meu companheiro, meus filhos, minha velha avó, meus velhos pais e meus velhos alunos, sempre tudo por eles. Quanto às minhas perspectivas profissionais futuras, pretendo continuar desenvolvendo projetos de pesquisa na área do envelhecimento humano. É minha intenção também redigir livros e artigos relatando os resultados de minhas pesquisas.

### 3 PERSPECTIVAS TEÓRICO-CONCEITUAIS SOBRE O ENVELHECIMENTO, VELHICE, CORPO VELHO, DANÇA, IDENTIDADES E CULTURA POPULAR

- São eles meu branco,  
que a soma dos anos,  
dão vida a estas danças  
que nós todos dançamos,  
se pouco eles têm  
de modernos ou ricos  
nos basta a riqueza  
de tocar nosso ritmos!

(CASTRO, 2000, p. 22)

Este capítulo destina-se a apontar alguns conceitos necessários para contextualização da pesquisa em questão. Esta contextualização é importante para entendermos o complexo fenômeno o qual estamos abordando, o envelhecimento e o corpo velho nesse processo.

Entendo o processo de envelhecimento como um processo natural, a velhice como fase da vida e o velho como sujeito desse processo. Portanto, as considerações que serão apresentadas permitem-nos pensar que tratamos de velhices, não de velhice, pois o envelhecimento se dá de forma plural de culturas e experiências o que não nos permite reduzir a um único e simples conceito. Sendo assim, para explicá-lo, devemos lançar mão de conceitos, teorias e práticas de diferentes áreas do conhecimento que se propõem a construir um novo paradigma sobre a velhice e o envelhecer.

Arnaldo Antunes em sua música intitulada “Envelhecer”, logo na primeira frase diz: “A coisa mais moderna que existe nessa vida é envelhecer”. É atual falar sobre envelhecimento, pois o mundo envelhece, nós estamos envelhecendo. Antiquado é achar que vamos ficar jovens até o final. Na própria letra da música ainda diz: Pois ser eternamente adolescente nada é mais modé. Nesta linha de reflexão, nos provoca a pensar que é necessário e urgente discutir o envelhecimento humano em todas as perspectivas biopsicossociais, principalmente para uma grande parcela da população que nega esta fase da vida.

Falar de envelhecimento incomoda, falar de velhice incomoda, falar do sujeito velho pode parecer desvantajoso, porém nunca foi tão fundamental não só falar sobre, mas sim escutar sobre o envelhecer das pessoas, do que querem as pessoas velhas. Esse incômodo também vem de um processo que surge dos primórdios.

Kamkhagi (2008) no seu livro *Psicanálise e Velhice: sobre a clínica do envelhecer*, faz um breve relato do processo histórico da velhice. Para realizar o percurso, a autora guiou-se pelo texto do historiador francês Georges Minois, na sua obra *História da Velhice no Ocidente* (1987) que traz numerosos dados e reflexões que mapeiam a velhice ao longo do tempo. Muitos estudos apontam que nos primórdios os velhos eram vistos como bruxos e feiticeiros e até hoje,

se formos analisar as histórias infantis, as bruxas feias e más, são representadas pelas mulheres velhas. Ora eram reconhecidos como “sábios” por tribos, por outras “velhos inúteis”, ora também, como guardiões do conhecimento, de onde vinham os conselhos e os melhores ensinamentos. O povo nômade, os massagetas, tinham o hábito de cozinhar e comer o corpo velho. Para os turcos mongóis, só os velhos saudáveis eram bem tratados, os velhos doentes eram abandonados e desprezados. Para os judeus, a pessoa idosa era vista como a coroa do seu povo, para os Hebreus a velhice era vista como recompensa de uma obediência a Deus, como uma virtude. Segundo a sociedade Hebraica, uma família que não possuía um ancião, não era abençoada.

A partir do séc. X a. C., a literatura começa a apresentar os primeiros escritos sobre o fardo natural da velhice: a dor física e a diminuição das capacidades. Na cultura grega, o velho representa um ser impossibilitado de corresponder aos ideais de beleza e juventude e por esse motivo eram completamente desvalorizados. Em relação à mitologia, a literatura mostra, com frequência, a necessidade de os jovens ocuparem os lugares dos velhos e relata a luta titânica entre os filhos e a geração mais velha.

No Direito Romano dava-se aos velhos o poder, na figura do “pater família”, aspecto fundamental na sociedade Romana. Diante da Lei, o pai envelhecido é exaltado com poder e força, mas diante da família vê-se desprezado e odiado. Nesse sentido, existia uma profunda raiva com relação aos velhos, pois os homens já adultos eram sempre obrigados a prestar obediência incondicional ao pai. Nesse período, a mulher velha que vive sozinha é igualmente detestada e desprezada.

Na alta idade média e segundo a visão dos povos bárbaros uma pessoa deveria viver apenas até a idade em que estivesse apta a lutar, depois disso nada valia aos olhos da sociedade, ou seja a pessoa velha e com limitações não possuía mais o seu valor. Na baixa idade média, o velho tem ainda um papel muito apagado, pois o administrador do feudo deveria ser forte, rápido e estar apto a defender seu espaço com uma espada.

A autora, na mesma obra também faz um passeio pelos séculos e revela-nos que nos séculos XII e XIII, de forma geral, encontram-se poucas informações acerca da velhice. A sociedade da época não se interessava muito pelo assunto. Os textos escritos no período, falavam sobre o declínio da velhice, ou seja, dos aspectos negativos.

Com o Renascimento, a condição do velho começa a se modificar e eles podem se tornar poderosos a partir do acúmulo de riquezas e há novamente mais espaço para a velhice. No decorrer do século XIX, a longevidade aumenta consideravelmente nas classes favorecidas e a presença de pessoas muito idosas na família e aposentados já é muito frequente.

Os mais velhos tornaram-se sinônimo de sabedoria, respeito, prudência e virtude; e o discurso oficial sobre velhice tornou-se mais respeitoso, tratando-se dos mais ricos. Contudo, nesse período ainda prevalecia a crescente de idosos pobres.

Na passagem do século XIX para o XX, as relações entre a velhice e a população jovem se mantêm tensionadas ao longo de toda a história, até os dias atuais. Para a maior parte dos indivíduos, o envelhecimento representa o período em que se “deixa” de ser produtivo e, no cotidiano os velhos improdutivos eram socialmente percebidos como um estorvo.

Trazendo um pouco mais para contemporaneidade, nos anos 1970 aos anos 1980, uma crise econômica afetou fortemente o lugar conquistado pelos idosos da classe média e dos estratos superiores do operariado. No final dos anos 1990, somaram-se a essa dificuldade as transformações tecnológicas, ideológicas e econômicas.

No dia 4 de janeiro de 1994 foi sancionada a Lei nº 8.842, que dispõe sobre a Política Nacional do Idoso, cria o Conselho Nacional do Idoso e dá outras providências. A partir daí as redes foram se fortalecendo, pessoas idosas iniciaram a luta para a conquista de uma velhice mais digna e anos depois, surge um dos documentos mais importantes em se tratando de proteção integral e prioridade absoluta a pessoas idosas a serem garantidos pela Lei. Fruto de mobilização da sociedade e das pessoas idosas, falamos da Lei nº 10.741/2003 de 1º de outubro de 2003, que dispõe o Estatuto do Idoso e dá outras providências. O estatuto do Idoso é um marco de direitos da pessoa idosa e completou a maior idade exatamente no dia em que se celebra o Dia Mundial do Idoso, 1º de outubro de 2021. 18 anos se passaram, houve avanços desde a promulgação da Lei e muitos desafios ainda pela grande parcela da população.

Apesar dos avanços na conquista de direitos, no período de 2003 a 2021, falou-se muito sobre essa Lei que prioriza a garantia de direitos dos idosos, mais conhecida apenas por Estatuto do Idoso, porém, grande parcela da população idosa, se quer tiveram acesso a essa Lei. Muitos ouviram falar, tiveram oportunidade de ver os escritos, no entanto, não leram ou estudaram. Ainda falta divulgar, disponibilizar, falar e discutir sobre e sobretudo conhecê-la.

No dia 14 de dezembro de 2020, em Genebra, houve uma assembleia geral das Nações Unidas e na oportunidade foi declarado o período de 2021 a 2030, como a década do “Envelhecimento Saudável”. Esta declaração foi um anúncio para que se iniciem de forma urgente as reflexões em rede, para que os profissionais que trabalham com o segmento idoso possam proporcionar o seu aumento na qualidade de vida na comunidade e em sua casa.

No Brasil, segundo projeções do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em 2030, o Brasil será o quinto país mais velho do mundo. Os dados retratam uma realidade próxima e, ainda, neste contexto, a Organização Mundial de Saúde (OMS), revela-nos após

estudos que o número de pessoas com idade superior a 60 anos chegará a dois bilhões de pessoas até 2050 e isso representará um quinto da população mundial.

Os dados apontam que em uma realidade não tão distante, seremos um país envelhecido. Vejamos, o índice de envelhecimento aponta para mudanças na estrutura etária da população brasileira. Em 2008, para cada grupo de 100 crianças de 0 a 14 anos existem 24,7 idosos de 65 anos ou mais. Em 2050, o quadro muda e para cada 100 crianças de 0 a 14 anos existirão 172,7 idosos. Contudo, é necessário entender como deu-se o início dos estudos na área do envelhecimento.

Os estudos sobre o envelhecimento tiveram início com Elie Metchnikoff, em 1903, e Ignatz Nascher, em 1909, pioneiros nas áreas da Gerontologia e Geriatria (Ciência que estuda o envelhecimento humano), respectivamente. Brandão e Mercadante (2009), em uma análise mais recente, consideram que o envelhecimento e a longevidade vêm sendo tratados como um dos assuntos prioritários do século XXI e, atualmente, estão no foco e na agenda dos países em desenvolvimento. As estatísticas apontam para dados referentes ao crescimento da população idosa em um futuro bem próximo. A Organização das Nações Unidas (ONU) considera o período de 1975 a 2025 a Era do Envelhecimento.

Conforme indica Cançado (1996), o aumento do número de idosos também tem sido acompanhado por um acréscimo significativo nos anos de vida da população brasileira. A expectativa de vida, que era em torno de 33,7 anos em 1950/1955, passou para 50,99 em 1990, chegou até 66,25 em 1995 e deverá alcançar 77,08 em 2020/2025. De acordo com esses números, os profissionais das áreas da saúde e da educação têm buscado novos conhecimentos, técnicas e modos de lidar com esta parcela emergente da população, uma vez que a mesma possui demandas específicas para a obtenção de adequadas condições de vida. Netto (2006) afirma que o processo de envelhecimento e as suas consequências naturais são uma preocupação da humanidade desde o início da civilização e que o século XX marcou os avanços da ciência do envelhecimento por meio dos estudos realizados em uma centena de anos.

Brandão e Mercadante (2009, p. 21) consideram o envelhecimento como processo vital – natural e inerente à condição biológica de todo ser vivo – do nascimento à morte, ciclo que foi sendo acrescido de número de anos, devido ao desenvolvimento das sociedades e das ciências. Os autores ainda nos alertam que apesar de muito discutido ultimamente, o termo envelhecimento ainda assusta por seu desconhecimento, resultante de preconceitos e por seus diferentes usos e significados.

Neste momento, faz-se importante a discussão destas bases para melhor entendimento sobre o processo de envelhecimento. Para Beauvoir (1990, p. 148), “a velhice é particularmente

difícil de assumir, porque a consideramos uma espécie estranha: “será que me tornei, então, uma outra pessoa, enquanto permaneço eu mesma?”. De acordo com a autora, esta é uma relação dialética entre meu ser para outrem – tal como ele se define objetivamente – e a consciência que tomo de mim mesma através dele. Em mim, o outro que é idoso, isto é, aquele que sou para os outros: e esse outro sou eu (p. 148).

Evidentemente, queiramos ou não, somos tentados, em algum momento, a assumir essa condição de envelhecer que chega, algumas vezes, pelos outros. “O indivíduo sente-se velho através dos outros, sem ter experimentado sérias mutações; interiormente, não adere à etiqueta que se cola a ele: não sabe mais quem é” (BEAUVOIR, 1990, p. 358) Esse fato traz-nos um conflito entre a visão do externo (envelhecer) e o que se deseja internamente (ser sempre jovem).

Pensando nessas questões, temos falas que apontam esta negação,

*Não! eu me sinto muito elegante sim, sempre fui assim, coisa mais difícil, tu me ver e me pegar desarrumada na minha casa. É levantar, ir ao banheiro, escovo meu dente, e me arrumar. Eu não tenho preconceito da velhice, porque minha mãe sempre dizia que nós não somos velhos. Velho é um calçado, uma blusa, uma bolsa. ela dizia: Nós samos é só usadas (MARUJA COMITIVAS. 62 anos).*

Acredito que hoje o pré-conceito em relação a pessoa velha é um grande problema social e cultural. Ouvem-se os jovens, ouvem-se os adultos, e quem ouve os velhos? Historicamente nossa sociedade não dá voz e vez aos velhos. A construção desses sujeitos socialmente participantes e protagonistas de suas vidas é uma questão atual e que se dá em passos lentos. Ainda existe uma grande maioria da sociedade brasileira que marginaliza os velhos, tornando-os menos importantes para os grupos sociais aos quais eles pertencem.

Como diz Gaiarsa,

Ser velho, além de um fato, é um conjunto de convenções sociais da pior espécie. Não sei o que pesa mais sobre os velhos, se a idade ou a ideia que eles fazem de si mesmos, movidos pelo modo como são tratados, levados pelas ideias tantas vezes vingativas que orientam o comportamento da maioria frente a eles (1989, p. 7).

A invisibilidade da pessoa velha ainda nos traz grande preocupação, a forma como ainda é vista a velhice, geralmente apenas por suas limitações ou visto o seu envelhecer apenas com aspectos negativos, poderá trazer consequências desastrosas às gerações que ainda irão vivenciar essa fase da vida. Como podemos ver em Kamkhagi (2008, p.48) “O velho é visto como obsoleto, lerdo, desinteressante, frente à expectativa de jovens promovendo constantemente o novo”. Nesta mesma linha de reflexão a autora ainda nos provoca

Ser velho hoje não significa apenas poder envelhecer bem, mas também correr o risco de não morrer no ritmo natural e agonizar por décadas, oferecendo a si mesmo e aos circundantes uma visão terrificante da velhice e onerando financeiramente e psicologicamente seus entes queridos (2008, p. 48).

Simões (1998) observa que os pré-conceitos em relação ao idoso são bem definidos em uma estrutura social que privilegia a produção e requer para isso corpos rentáveis, possuidores de grande agilidade e que não percam tempo, pois a máxima “tempo é dinheiro” deve ser respeitada e seguida.

Ainda de acordo com a autora, o idoso, cujo corpo não se inclui mais nesse padrão, tem seus anseios anulados gerando a sensação de impotência enquanto organismo ativo na sociedade.

Corroboramos com o pensamento de Simões (1998, p. 82) quando diz que:

O trabalho com os idosos, em nosso entender, deve focar a conscientização deste ser-idoso-no-mundo. O idoso deve ter certeza que seu corpo ainda pode realizar e participar de muitas atividades e ações que produzam vida e, sem dúvida, a melhor forma de contribuir para a conscientização do fenômeno corporeidade.

É necessário falar de que corpo estamos falando. Perguntamos o que “pode” um corpo velho fazer? Remete-se logo a “potência” quando a resposta é dada com outra pergunta. Será que ainda pode? Percebo que este corpo aponta possibilidades e vislumbra os movimentos através da dança. Não temos prazo de validade! Se dançamos é porque existimos.

Sobre o que “pode” ou não “pode um corpo”, tendo em vista as inúmeras e desconhecidas potencialidades do corpo, Spinoza elaborou, em seu livro *Ética III*, o entendimento que:

Ninguém, na verdade, até o presente, determinou o que pode o corpo, isto é, a experiência não ensinou a ninguém, até ao presente, o que, considerado apenas como corporal pelas leis da Natureza, o corpo pode fazer e o que não pode fazer, a não ser que seja determinado pela alma. Efetivamente, ninguém, até ao presente, conheceu tão acuradamente a estrutura do corpo que pudesse explicar todas as suas funções, para já não falar do que se observa frequentes vezes nos animais e que ultrapassa de longe a sagacidade humana, nem do que fazem muitas vezes os sonâmbulos durante o sono, e que não ousariam fazer no estado de vigília. (1974, p. 186)

Entendo que o corpo é finito, porém muitas coisas que o corpo velho é capaz de fazer através do movimento nos traz admiração e reflexão. Posso arriscar em dizer que tudo pode um corpo velho, desde que se permita fazê-lo. Na dança existem possibilidades e a pessoa velha quando motivada, põe-se a dançar.

Quem são os corpos velhos da marujada? São pessoas velhas dançantes que não aposentaram seu corpo na dança. Corpos que envelheceram acompanhando a manifestação e dançando o Retumbão. Apenas se afastaria um corpo porque ele envelheceu dançando ou seria mais viável acolher o dançarino que tanto contribuiu para a tradição? Acredito que eles não têm



prazo de validade e a eles seja dada a oportunidade até o momento em que acharem que são capazes.

Ao ver marujas (os) velhas (os) dançando o Retumbão, eles me fazem rever, repensar o construído, permitindo-me construir novos pensamentos sobre o corpo velho, ainda que esses corpos tenham possibilitado a desconstrução de muitos discursos preconceituosos em relação ao envelhecimento, a velhice e o sujeito velho. Quando se dança, afirma-se a vida desses sujeitos, o corpo se conecta e se mantém conectado com outros corpos e com o mundo. É possível ressignificar a vida, a cada momento que nós voltamos para ela e nos recordamos o vivido.

Quando se aceita o copo envelhecido como um processo natural do envelhecer, parece significar uma mudança de perspectiva em relação à vida. Acredito que nós seres humanos envelhecentes criamos diversas estratégias para retardar o envelhecimento e nos é negado a viver com ele e como exemplo disso temos os asilamentos das pessoas idosas, ou quando usar os procedimentos estéticos para mascará-lo. Tudo isso porque muitas vezes se nega o corpo que não é mais tão ágil ou jovem como antes, enquanto o corpo jovem é muito cultuado. Talvez porque a velhice, como última fase da vida, aproxima-se mais ao momento da finitude.

Ainda é possível pensar em um corpo velho a partir de sua natureza biológica. No processo de envelhecer, existem fatores biológicos, psicológicos, intelectuais, culturais, hereditários, raciais, dentre outros que fazem ver a velhice ou o corpo velho como uma fase inconvertível, cheia de transformações e limitações que inevitavelmente irá ocorrer mais cedo para uns e mais tarde para outros que irão viver.

Corroboramos o pensamento de Blessmann (2004, p. 21) a qual relata que

Ainda é preciso considerar que o corpo está em processo de constantes alterações biológicas no sentido do envelhecimento, um processo constante que nem sempre está ligado a perdas ou declínios e em processos de envelhecimento sofre uma ambivalência pelo fato de ele representar a vida e suas possibilidades infinitas, e ao mesmo tempo, proclamar a morte futura e a finitude existencial. São duas as faces do corpo: de um lado, a face dinâmica, ávida de desejos; de outro, a face da temporalidade, da fragilidade e do desgaste.

Falamos dos corpos velhos dinâmicos que dançam, mesmo diante das limitações e que lá estão por desejarem estar dançando, louvando, agradecendo, pagando promessa através da dança e ao mesmo tempo falamos de velhas e velhos que a fragilidade e o desgaste, a falta de energia, estão presentes, que ali estão apenas porque não abrem mão de estar presentes em uma festa tradicional e se sentem no dever de sua presença até o final de sua vida.

Segundo Souza Vieira (2016, p. 161)

[...] passar do é corpo jovem para ao corpo maduro na dança é ter que habitar este espaço intervalar do entre domínios, do que não é totalmente isto ou aquilo, do que está nesta operação da conjunção “e”, lá onde proliferam encontros e composições, onde se opera novas danças, novos fazeres e novos olhares para comessa arte efêmera.

Corroboramos o pensamento de Neri (2000, p. 14) quando a autora sugere que

[...] É melhor usar a palavra “velho” ou “Idoso” para designar pessoas idosas, “velhice” para falar da última fase do ciclo vital, e “envelhecimento” para tratar do processo de mudanças físicas, psicológicas e sociais que se acentuam e se tornam mais perceptíveis mais ou menos a partir dos 45 anos. (NERI, 2000, p. 14)

Sobre essas questões, a comissão dos Direitos Humanos da Pessoa Idosa, composto por parlamentares de estados diferentes, aprovou o Projeto de Lei nº 151/21 que substitui o termo “idoso” por “pessoa idosa”. Projeto de lei da Deputada Tereza Nelma com recomendação da Deputada Leandre Dal Ponte que considera que: “[...] As mulheres estão prejudicadas pelo termo “idoso” que entende ser “extremamente excludente”. Já a expressão “pessoa idosa” engloba as mulheres e homens sem discriminação”.

Segundo Morrin (2003, p. 210), a expressão “Terceira Idade”, é um “eufemismo antidepressivo para designar a velhice”. Portanto, durante o decorrer do texto, iremos utilizar os termos pessoa idosa ou velha (o) para tratar os nossos entrevistados. Por entender que na atualidade existem vários termos para designar as pessoas que estão vivendo a última fase da vida. Os termos mais comuns são “terceira idade” e “melhor idade”, porém acreditamos que esses termos apenas servem para mascarar o termo velha ou velho.

Entendemos que há um equívoco quando pessoas velhas se dizem viver a “melhor idade”, como pode estar na ou viver a melhor idade, quando somos sabedores de que junto com o envelhecimento vem também as perdas e as inúmeras limitações, além de um preconceito latente da sociedade em relação aos mais velhos, vítimas das mais diversas formas de violência. Acredito que se pode sim, estar nesta fase da vida a velhice, tendo oportunidades únicas que nunca foram possíveis serem concretizadas até então, por esse motivo, as realizações e conquistas fazem com que a sensação de estar vivendo “a melhor idade” acabe mascarando esta nomenclatura.

Oliveira (2012, p. 23), fala que a expressão “melhor idade”, vem sendo utilizada como substituição da palavra velhice, mas que se trata de um conceito equivocado, pois supervaloriza o idoso, exacerbando os ganhos e negando as perdas.

Gaiarsa (1989, p. 27) aponta que a velhice não é um processo único, mas uma soma de vários outros, assaz distintos. “Não basta ter vivido muito para ter “experiência de vida”, mas o fato é que, em poucos anos, ninguém pode ter a mesma experiência que se tem em muitos anos” (GAIARSA, 1989, p. 41).

Bosi (2003) reafirma que, diante da nossa experiência de vida, temos o estreitamento e a possibilidade do novo. Em contato com os aspectos do real nós cedemos à condição da

facilitação e da inércia, nos entregamos ao processo de estereotipia. Neste processo de estereotipia, os padrões correntes interceptam as informações no trajeto rumo à consciência, e o estereótipo nos é transmitido com tal força e autoridade que pode parecer um fato biológico. Assim, torna-se necessária uma mudança de atitude que exige uma reorientação intelectual, um rompimento com os vínculos sociais e uma reestruturação da experiência passada.

Paiva (2011) aponta que

As rugas, os cabelos brancos, o corpo mudado, as formas de ser e de estar no mundo, o uso da sabedoria. Assim se aproxima a velhice, pouco a pouco, silenciosa e branda. Marcas denunciadas pelo espelho, espelhos externos e internos. Espelhos que velam e desvelam o objeto de estudo que escolhemos para estudar: a velhice”. (PAIVA, 2011, p. 12).

Segundo Ângela Mucida, “a velhice não é um amontoado de doenças. O surgimento de doenças não é determinante para se definir se um corpo é ou não velho” (MUCIDA, 2006. p. 23). Há muitos meios de se prevenir doenças e preservar a saúde física e mental, é sabido que existem sim doenças que se manifestam na velhice, porém algumas são adquiridas na infância, se manifestam e se agravam ao longo da vida. A maioria das pessoas idosas não têm limitações, nem sua vida é negativa e dependente. Se continuarmos tendo uma sociedade que valoriza unicamente o vigor físico, com toda certeza o velho ficará em desvantagem. O importante em uma sociedade democrática é o respeito a este segmento, a sua história, sua experiência, conhecimento de vida, tudo isso em equilíbrio e intergeracionalmente falando em equilíbrio e a capacidade de inovação, criatividade, iniciativa e vitalidade dos jovens e adultos. A velhice não é uma etapa totalmente negativa como pensa a maioria das pessoas que “convivem” com velhos.

Mesmo na atualidade, o envelhecimento aparece associado a doenças e perdas, e é na maioria das vezes entendido como apenas um problema médico. Para Neri e Freire (2000), o envelhecimento ainda está ligado à deterioração do corpo, ao declínio e à incapacidade. “Na base da rejeição ou da exaltação acrítica da velhice, existe uma forte associação entre esse evento do ciclo vital com a morte, a doença, o afastamento e a dependência” (NERI & FREIRE, 2000, p. 8).

Neste ponto acrescento que é possível envelhecer com consciência de suas limitações para assim, se tornar mais fácil a busca por alternativas de autonomia até o final da vida. O envelhecimento não pode estar relacionado apenas às perdas.

Porém, Simões (1995) explicita que a maioria das produções científicas que falam sobre o idoso o entende somente como símbolo de perdas e privações. Isto é, como aquele que, ao longo do tempo, vê atenuadas suas capacidades, habilidades e percepções, e cujo corpo já não

é mais “perfeito”. Aliás, essa visão de “corpo perfeito” está posta na sociedade, e ao corpo idoso só resta o anonimato.

Kamkhagi (2007, p. 5) sugere que o sujeito deve ser capaz de diferenciar as perdas naturais do envelhecimento da noção e do conceito de doença, o que nem sempre é tarefa simples de ser realizada. O envelhecer aumenta a probabilidade de adoecimento, mas não é sinônimo desse processo.

Ao conviver com pessoas velhas, nota-se as dificuldades vividas nessa fase da vida, muitas vezes os relatos das experiências vividas nos levam a muitas reflexões. Seria então a fase mais difícil de ser vivida?

Goldenberg (2013, p. 121) ressalta que não é nada fácil pensar em risadas, bom humor e leveza na velhice. Para muitos, é uma fase, de doenças, graves ou não, de problemas financeiros ou crises de relacionamentos. Pode ser uma fase de solidão, de medos, de insegurança, de perdas.

Ao mesmo tempo a autora em seu livro “A bela velhice”, diz que a bela velhice é o resultado natural de um “belo projeto de vida”, que pode ser construído desde muito cedo, ou mesmo tardiamente, por cada um de nós. Reforça dizendo que “Não existe um modelo de ‘bela velhice’ a ser imitado”. Existem inúmeras maneiras de experimentar a beleza da própria velhice.

Goldenberg, coloca em destaque no seu texto, que foi necessário ler por várias vezes e tentar interpretar Simone de Beauvoir, em seu livro “A Velhice” (1990) a ideia da “bela velhice”. Pois a ideia de Beauvoir era justamente denunciar a conspiração do silêncio e revelar como a sociedade trata os velhos: eles são ignorados, desprezados, estigmatizados, abandonados. Após aprofundar a reflexão, descobri nas entrelinhas do livro A velhice, um possível caminho para a construção de uma “bela velhice”: o projeto de vida.

Entendemos também que muitas pessoas idosas são superprotegidas por suas famílias e desta forma chegam até a atrapalhar a autonomia dessa pessoa tornando-o dependente. Por outro lado, temos idosos negligenciados, abandonados à própria sorte e vivendo sem dignidade a última fase da vida.

Kamkhagi (2008, p. 13) faz-nos refletir sobre essa questão quando nos diz que,

A percepção que a sociedade pós-moderna tem do envelhecer ainda é um caminho no qual se transita entre a idealização “da velhice”, seguida de seu afastamento. Duas faces de uma mesma moeda: a supervalorização do velho e, em contrapartida, na outra face, a total desvalorização.

Com base nisto, é possível dizer que a percepção da velhice já se modificou ao longo do tempo e na sociedade atual convive-se com os diferentes tempos. Definem o momento em que as pessoas são consideradas velhas. Desta forma, a velhice é uma fase da vida de construção

cultural e social sempre sustentada pelo preconceito de toda uma sociedade que em sua maioria, quer ter vida longa, porém negam sua velhice e tão pouco querem ser velhos.

Compartilhar o vivido no passado e trazer para o presente possibilita ao idoso compreender antigas experiências e modificar formas atuais de sentir e lidar com o dia a dia. “Lembrar não é reviver, mas refazer. É reflexão, compreensão do agora a partir de outrora”. (BOSI, 1999, p. 20-21).

Tal realidade desponta, assim, outro problema: se o preconceito do corpo velho é latente pela sociedade atual que supervaloriza o corpo jovem, o que dizer do corpo velho que dança?

Desconfiamos que há um grande estranhamento em ver o corpo velho se movimentando com liberdade, afinal, acredito que não há idade para começar a dançar ou para terminar de dançar.

De acordo com Tavares (2005, p. 93) “Existem indícios de que o homem dança desde os tempos mais remotos. Todos os povos, em todas as épocas e lugares dançaram. Dançaram para expressar revolta ou amor, reverenciar ou afastar deuses, mostrar força ou arrependimento, rezar, conquistar, distrair, enfim, viver!”.

De acordo com Verderi (2009, p. 5),

A dança sempre esteve presente na vida do ser humano, como várias formas de expressão, “O homem primitivo dançava por inúmeros significados: caça, colheita, alegria, tristeza. O homem dançava para tudo que tinha significado, sempre em forma de ritual. Supõe-se que se desde os primórdios a dança esteve presente, ela acompanha o desenvolvimento do homem no decorrer do tempo.

Marques (1999, p. 54) fala que “A dança e a sociedade estão sempre imbricadas. Não há como falar da dança sem percorrer a grandeza de sua trajetória ao longo dos anos, nem deixar de falar do homem, da sua corporeidade e necessidades”.

Oliveira (2001, p. 14) menciona que “Uma das atividades físicas mais significativas para o homem antigo foi a dança. Utilizada como forma de exibir suas qualidades físicas e de expressar os seus sentimentos, era praticada por todos os povos, desde o paleolítico superior (60.000 a. C.)”.

De acordo com o autor, a dança tinha tanto características lúdicas como ritualísticas, em que havia manifestações de alegria pela caça e pesca ou dramatizações pelos nascimentos e funerais.

Para Stokoe (1987, p. 57) “[...] a dança faz parte da história do mundo e do homem. Fala das lutas, descobertas, alegrias e tristezas das inúmeras formas de relação do homem mundo e homem-homem. Todo um processo construído através dos tempos”.

Mendes (1987, p. 88) traz que “[...] antes mesmo de procurar se expressar ou comunicar-se através da palavra articulada, o homem criou, com o próprio corpo rítmicos de movimento [...] que são um meio de expressão privilegiada”.

De acordo com Bertoni (1992, p. 17) “[...] no início que se refere à dança, mesmo entre os povos primitivos encontrar esta atividade exercendo um papel educacional, de modo que sua prática visasse possibilitar uma diversidade de experiências de movimentos”.

Nanni (2003, p. 7) confirma isto quando cita que

As danças, em todas as épocas da história e/ou espaço geográfico, para todos os povos é representação de suas manifestações, de seus ‘estados de espírito’, permeios de emoções, de expressão e comunicação do ser e de suas características culturais." Portanto, o conhecimento de si mesmo e da dança passa pela necessidade de conhecer sua própria história e manifestações culturais de seu povo.

Gariba (2005, p. 1) sugere que, neste sentido, a dança sempre visou o mesmo fim: a vida, a saúde, a religião, a morte, a fertilidade, o vigor físico e sexual, também permeando os caminhos terapêuticos e educacionais, estabelecendo assim, uma diversidade interessante para esta manifestação.

Suponho que o corpo velho, quando desejar, pode romper com preconceitos e estereótipos de uma sociedade e mostrar que pode dançar, expressando-se com liberdade e com toda bagagem corporal que traz, não necessariamente atuando com técnica exigida.

Gariba (2002, p. 2) reforça que é fundamental para este homem, que partiu de nômade a sedentário, ainda oprimido pelo tempo e espaço, pelas situações cotidianas, vislumbrar - se com uma dança que possa ser democrática, rompendo com a ideia de que a dança "é privilégio de alguns"; e de que é necessária uma técnica específica. Entende-se que o mais importante é ser capaz de compreender a dança como "um modo de vida, de existir" (GARAUDY, 1989, p. 7).

Ao fazer alusão ao movimento consciente, Oliveira (2001, p. 96) aponta que:

É importante que as pessoas se movimentem tendo consciência de todos os gestos. Precisam estar pensando e sentindo o que realizam. É necessário que tenham a 'sensação de si mesmos', proporcionada pelo nosso sentido sinestésico [...]

Desta forma, esta consciência situa o homem como um ser no mundo e esta interação de acordo com Nanni (1998, p. 8), é "imprescindível para que o ser humano se torne sujeito de sua práxis no desvelar a sua realidade histórica, através de sua corporeidade."

Buscar uma prática respeitando sua liberdade em se expressar através da dança consiste em possibilitar ao indivíduo expressar-se criativamente, sem exclusões, tornando esta linguagem corporal transformadora e não reprodutora. A dança para a pessoa idosa, então, pode

ser uma ferramenta preciosa para o sujeito lidar com suas necessidades, desejos, expectativas e servir como instrumento para seu desenvolvimento individual e social.

Segundo Laban (1978, p. 44), “Quando criamos e nos expressamos por meio da dança, interpretamos seus ritmos e formas, aprendemos a relacionar o mundo interior com exterior”.

No Brasil e no mundo a dança vem ganhando cada vez mais espaço pelos benefícios comprovados que de acordo com Gariba (2002), vão desde a melhora da autoestima, passando pelo combate ao estresse, depressão, até o enriquecimento das relações interpessoais.

O fato é, que compreender o corpo através da dança como possibilidade de estabelecer múltiplas relações com outras áreas do conhecimento analisando, discutindo, refletindo e contextualizando seu papel na contemporaneidade, passa a ser condição para quem trabalha com seres humanos.

Compreendo que no decorrer da história, a dança sofreu várias modificações até ser o que ela é hoje: uma forma de atividade física da qual o homem se utiliza por prazer ou por performance. No caso, na Marujada, como manifestação cultural, sugiro acrescentar que também se dança por devoção a um santo, dança-se em agradecimento às graças alcançadas, dança-se para pagar uma promessa, dança-se para sentir-se pertencente a uma irmandade, dança-se quando novo e quando velho, com ou sem limitações e com muitas possibilidades.

Nesta linha de reflexão, Lima (2008, p. 3) provoca-nos ao afirmar que,

O importante é refletir sobre o corpo mais velho na dança e que dança esse corpo faz. Questões das limitações corporais podem ser levantadas, mas se consideramos que fazem parte de qualquer corpo, independentemente da idade que tenha, elas tornam-se, no caso das bailarinas e dançarinas veteranas, novas possibilidades de criação.

Neste ponto a autora acrescenta,

[...] é possível envelhecer dançando, mas há que se ter coragem. Também é necessário o desejo de continuar a expressar-se através do corpo, independentemente de sua forma ou idade. Assim, instaura-se a necessidade de discutir e ampliar novos olhares para a dança, reformular conceitos e antigos valores que permeiam o seu universo (LIMA, 2008, p. 3).

Nesta perspectiva Ostrower (1995, p. 6) aponta que “Somente nos encontros com a vida, nas experiências concretas e nas conquistas da maturidade, poderemos saber quem é a pessoa e quais os reais contornos de seu potencial criador”. Tomo aqui a discussão de que o corpo velho pode ser criativo, pode expressar-se com liberdade quando se oportuniza a ele experimentar a dança. Através dela, o corpo pode conectar-se com seus pensamentos e movimentos, pode se trazer memórias e sensações que estavam adormecidas, proporcionando a esse sujeito um reencontro consigo.

Nesse sentido, corroboramos com Lima (2008, p. 4) quando nos chama atenção às possibilidades do corpo velho e leva-nos a refletir sobre essas questões

Entendo que o corpo mais velho na dança é um corpo comunicativo, aberto a mudanças, e que os olhares para essa dança em um corpo mais maduro, um corpo real, devam ser olhares abertos a novos encontros. Os encontros com a vida não possuem prazos de validade, há alguns que duram para sempre. O encontro da dança em um corpo com mais de 40 anos é o encontro da dança em sua mais pura essência, sem supérfluos ou virtuosos.

Entendemos também que quando a autora se refere a um corpo com mais de 40, é pertinente reforçar que estudos mostram que hoje é possível ter esse encontro do seu corpo na dança aos 60, 70, 80 ou 90, quando assim já são consideradas pessoas idosas. O lugar do corpo velho na dança é o lugar onde quer estar. Quanto mais velha (o), maiores são as limitações que surgem com o passar dos anos, desta forma, a dança tem surgido como instrumento potencializador para melhorar a qualidade de vida em idosos.

Sobre o papel que a dança exerce na sociedade e na vida das pessoas idosas Silva; Mazo, (2007, p. 26) reforçam que “Ela pode exercer vários papéis na sociedade: válvula de escape social segura, agente de controle social, iluminadora espiritual, transmissora de valores e heranças, educadora, definidora de divisas territoriais e sociais e guardiã de rituais”. Vejo marujas e marujos como guardiões da marujada, guardiões da cultura bragantina. Através dela repassam o conhecimento para outras gerações, perpetuando assim a tradição de mais de dois séculos.

Nos últimos anos percebe-se a grande procura por parte de pessoas idosas em atividades que ofereçam a prática da dança. A dança é muito bem aceita por eles. Muitas dessas pessoas, não tiveram a oportunidade de vivenciá-la em várias etapas de sua vida, e acabam experimentando esse prazer apenas na velhice.

Silva e Mazo (2007, p. 30), abordam os diversos benefícios, bem como diferentes espaços os quais a dança pode ser vivenciada nesta fase da vida,

Em se tratando de pessoas idosas, a vivência de dança pode ocorrer em diversos espaços como clubes, igrejas, domicílios, centro de eventos e outros, de forma espontânea e ou coreografada. A dança é uma atividade física bem aceita pelos idosos, pois favorece os relacionamentos, as recordações pessoais, apresenta uma grande riqueza de gestos e movimentos, contribui para a expressividade e criatividade, além de trazer benefícios para a saúde.

Ser velho e ter um lugar no mundo é possível a qualquer tempo e a qualquer momento. É sabido que não é fácil, porém a prática do empoderamento precisa ser exercitada para que se viver a velhice seja no mínimo um período de dignidade. Reforço o pensamento do bailarino



Antônio Galdes quando diz “Todos têm o direito de dançar: gordos, altos, baixos, velhos... a dança é um patrimônio de todos, não só dos que têm corpos maravilhosos”.

Nesse ponto de vista Neri (2000, p. 134) chama-nos atenção para a necessidade de acompanhar as questões atuais acerca do envelhecimento humano quando aponta que

Envelhecer em tempos modernos pode significar um presente da alta tecnologia, de produção e renovação e conhecimentos. Mas, para vislumbrarmos um futuro em que possamos viver como pessoas felizes, como cidadãos dignos e atuantes, é preciso não desprezar as vivências do passado. Boas ou ruins, que deram certo ou não, pois elas podem gerar a força necessária para vivermos o amanhã. Além disso é necessário olhar para dentro de nós mesmos e para as pessoas à nossa volta, a fim de resgatarmos as relações interpessoais e a confiança em nós mesmos e nos outros. (NERI, 2000, p. 134)

Afirmção a partir da qual estamos estudando para assegurar a nossa defesa de que as velhas e os velhos têm potenciais, têm memória, ocupam lugares na sociedade e nas manifestações culturais, desde que lhes possibilitem a escuta, o direito de voz e respeitem e valorizem os aspectos da velhice humana. Ser velho e ter um lugar no mundo é possível a qualquer tempo e a qualquer momento. Com base nisso, é possível dizer que a percepção da velhice já se modificou ao longo do tempo e na sociedade atual convive-se com os diferentes tempos. Definem o momento em que as pessoas são consideradas velhas. Não são necessárias mais leis. Temos a Lei nº 10.741/03, do Estatuto do Idoso, a necessidade é de que se faça valer a lei que claramente no seu Art. 2º apresenta sobre a proteção integral da pessoa idosa e a não violação de direitos, conforme dispõe o artigo,

O idoso goza de todos os direitos fundamentais inerentes à pessoa idosa humana, sem prejuízo de proteção integral de que trata esta Lei, assegurando-lhe, por lei ou por outros meios, todas as oportunidades e facilidades, para preservação de sua saúde física e mental e seu aperfeiçoamento moral, intelectual, espiritual e social, em condições de liberdade e dignidade.

Desta forma, a velhice é uma fase da vida de construção cultural e social sempre sustentada pelo preconceito de toda uma sociedade que em sua maioria, quer ter vida longa, porém negam sua velhice e tão pouco querem ser velhos. Convidamos então aos leitores a admirar e a nos surpreender com as possibilidades do envelhecer dançando. **O corpo velho dançando é um ato de resistência.** Então vamos resistir!

#### 4 O CORPO VELHO NA DANÇA É UM ATO DE RESISTÊNCIA: OS DEVOTOS DO SANTO PRETO

- Meu velho marujo  
de olhar tão feliz,  
entendo teu orgulho,  
teu valor cultural,  
mérito que ostentas  
com as mulheres marujas  
traduzido em troféu  
da sua terra natal.  
Meu velho marujo,  
Me lembra te ouvir  
Com teu jeito cortês,  
Teu modesto falar;  
Me deixa ir mais longe  
Nestes rastros de história:  
Que danças são essas que estás a dançar?

(CASTRO, 2000, p. 23)

Figura 18 – Marujas (os) dançando no museu da Marujada



Foto: Hildeana Nogueira (2020).

Nas discussões que envolvem a área da gerontologia é possível perceber que a sociedade contemporânea tem dificuldade em lidar com o envelhecimento; na maioria das vezes, a discriminação e o preconceito fazem com que os idosos não se permitam vivenciar sua velhice de forma plena, expressiva e prazerosa. É notório que grande parte dos idosos, em geral, demonstram ter vergonha de seu corpo e timidez para colocá-lo em movimento; muitos chegam a experimentar a dança após um longo caminho de esquecimento e desencontros com seu próprio corpo, com uma história de sedentarismo, com posturas que os distanciam cada vez

mais da flexibilidade natural, com tensões relacionadas à saúde mental, preconceitos e medos enormes de se mostrar naturalmente as potencialidades e possibilidades que seu corpo traz. Descobrir a dança, por vezes, é algo novo, porém a história da dança revela-nos que já se dança desde os primórdios.

Tavares (2005) assinala que

Existem indícios de que o homem dança desde os tempos mais remotos. Todos os povos, em todas as épocas e lugares dançaram. Dançaram para expressar revolta ou amor, reverenciar ou afastar deuses, mostrar força ou arrependimento, rezar, conquistar, distrair, enfim, viver. (2005, p. 93)

São inúmeros os motivos que levam um indivíduo a experimentar a dança, entretanto a dança pode ter sido vivenciada e permitida como um ato natural da cultura familiar, repassada por gerações e com liberdade para se expressar durante as fases da vida da infância a velhice. Além disso, *“Sempre foi uma das coisas minhas principais é a dança. Desde criança, na juventude, casei, não perdi, tô viúva agora (RISOS), eu nunca perdi, não vou perder só quando morrer adoro a dança”.* (MARUJA ARTESÃ, 70 anos)

Leal e Haas (2006), identificam seis funções importantes na dança. São elas: autoexpressão, comunicação, diversão e prazer, espiritualidade, identificação cultural, ruptura e revitalização da sociedade. Segundo esses autores, a dança tem ainda um caráter sociabilizador e motivador.

Ao vivenciar e perceber a autoexpressão, a pessoa idosa consegue também perceber sua consciência corporal aliada aos benefícios da musicalidade. Portanto, acredita-se que a dança é capaz de produzir mudança nas pessoas. Através do movimento, a dança pode possibilitar a pessoa a se conhecer melhor, a entrar em contato com partes profundas de si mesma, com sentimentos muitas vezes difíceis de serem expressos verbalmente, e a explorar novas formas de ser e de sentir. Desta forma inicia-se, na etapa da velhice, uma modificação do ser de forma fluída, que passa a se escutar sem julgamentos. A dança pode, assim, contribuir para a qualidade de vida e para um melhor envelhecer. Como é observado nas falas dos marujos a seguir,

*[...] porque é o momento único para quem tá naquele momento realmente dançando, eu considero assim, na hora que nós estamos dançando, na hora que eu tô dançando ali, parece que não tem ninguém me observando, eu fico tão envolvido com a dança que naquele momento ali, é como se fosse um momento único, como se não existisse ninguém ali me observando e eu tô muito à vontade, tô concentrado naquilo que estou fazendo e aqui e acolá, passa aqueles relâmpago na vida da gente, na*

*mente da gente de momentos vividos ali dentro né, porque é muita história muita coisa eu acredito que sim, acredito que eu tenho outras pessoas também né que possa acontecer assim. (MARUJO TRADIÇÃO, 65 anos)*

*Coisa mais linda é a Marujada, onde tu for, pode ter a melhor música, mas o da Marujada, ela chama ela flutua. Eu não danço, eu flutuo com as danças da Marujada. (MARUJA COMITIVAS, 63 anos)*

Dançar e expressar-se livremente por sentir prazer em dançar, essa é a sensação que a maioria das pessoas velhas da Irmandade sentem quando estão se apresentando na marujada. Como podemos ver,

*Quando eu tô com a minha velha, eu puxo ela para dentro do forró e nós cai pra dentro do forró. Não tem jeito não. (risos), porque lá na nossa dança (se referindo a Marujada) lá ninguém escolhe a cara não! Nós dançamos com novos, dançamos com senhoras de idade e dançamos com mocinhas novas. (MARUJO LADAÍNHA, 64 anos)*

Dançar com o objetivo de louvar ou agradecer ao santo preto. A espiritualidade pode ser percebida, “A Marujada e as danças é uma coisa muito importante pra gente, porque faz muitos anos que eu danço na Marujada e eu tenho muita fé em São Benedito. (MARUJO DANÇA, 80 anos)”. Além disso, a partir do momento que se tem a consciência de suas limitações é possível se redescobrir nas suas potencialidades “[...] eu fiquei três anos lá olhando, olhando, observando e quando eu desci daquele banco para salão (risos) já foi pra dançar. Tudo isso me marcou muito. (MARUJO TRADIÇÃO, 65 anos)”, da mesma forma, outras marujas também relatam essa observação,

*E até hoje eu gosto de dançar, eu digo para ele aqui, aí a gente tá precisando ir numa festa dançar (risos) como eu era acostumada a dançar a outras danças eu não tive dificuldade de aprender as danças da Marujada. (MARUJA AUTORIDADE, 63 anos)*

*Há minha amiga, pra mim aprender as coisas basta eu olhar, aí eu tive uma aula também. Turma da aula né eu e essa minha neta aqui, participamos da aula de dança, foi 20 dias e agora nós temos nosso diploma. (MARUJA INDUMENTÁRIA, 77 anos)*

Falar sobre a questão do processo de aprendizagem inclusivo pelos sentidos, ver, aprender e depois experimentar. A grande maioria das velhas e velhos marujos passaram por esse processo até a autorização das autoridades no sentido de estar apto a participar. Outro momento considerado muito importante de preparação para a festa são os ensaios, que são organizados nos dias que antecedem o dia 25 de dezembro. Durante os ensaios é percebida uma grande troca intergeracional, onde nesta hora, os mais velhos ensinam os mais novos que nunca participaram ou até mesmo os que não se sentem seguros por terem pouca experiência. Em relação a essa questão, nota-se, na fala dos marujos, a importância de começar observando, para, assim, ganhar experiência e participar de fato das apresentações,

*Foi assim, eu comecei porque sempre tive a vontade de participar, eu morava no interior e vim pra cá para Bragança com 42 anos, eu trabalhava na lavoura e aqui comecei a trabalhar como marreteiro. A Marujada saía e eu só olhava e não dançava, até que um dia eu falei assim: quer saber, eu vou entrar na Marujada e comecei com aquela vontade mesmo. E danço por muitos anos. (MARUJO DANÇA, 80 anos)*

*o Grande Mestre que eu tive lá dentro, foi o Najá, tanto é que não é querendo ser melhor do que ninguém, **mas o único passo que o Najá fazia, quem faz lá sou eu. Na dança da mazurca, ninguém faz igual comigo, pode ver, só eu. Eu visualizei muito ele, fiquei focado, esse camarada dança diferente todo mundo.** (MARUJO TRADIÇÃO, 65 anos grifo nosso)*

*[...] Eu comecei com 12 anos só observando e chegando e quando eu comecei a dançar eu estava com 15 anos. **Eu fiquei três anos observando**, eu sempre digo para as pessoas que chegam agora, **eu fiquei três anos observando, vendo como se fazia, porque se respeitava a antiga tradição** [...] (MARUJO TRADIÇÃO, 65 anos, grifo nosso)*

Dançar por motivação, por se sentir pertencente e incluído através da dança, por respirar cultura. Certamente,

*[...] a festa, ela mexe com todos nós né. Você vê que eu me emociono, porque já é uma parte de mim, eu danço a 52 anos, a gente sente aquela falta. Eu disse para minha esposa que eu nunca passei um ano, com uma virada de ano fora de Bragança por conta da Marujada. (MARUJO TRADIÇÃO, 65 anos)*

Percebe-se na fala de nossas interlocutoras, o preconceito, discriminação e etarismo por parte de jovens e até mesmo de alguns marujos idosos. Assim como,

*Quando é no tempo da festa, agora juntou um monte de mocinha de rapazinho essas coisas e aí eles escolhem. Aqueles pequeno, rapaz, chamam as moças para dançar e as idosas fica tudo ao redor lá e não chamam nós pra dançar e aí de vez em quando nó se mete por lá, mulher com mulher né, e vamos dançar, mais de coisa é isso. As idosas ficam lá sentadas, encostadas. (MARUJA DANÇARINA. 74 anos)*

Diante desta fala, existe algo de contraditório em relação ao posicionamento das autoridades da festa diante a esta questão reveladas durante a entrevista. Para as autoridades que são pessoas idosas, o fato das idosas ficarem sentadas, significa que estão cansadas e que durante as apresentações, elas não dançam porque não querem. Durante as apresentações, existe uma dança de ritual de circularidade, que inicia e finaliza todas as apresentações e denominada Roda, em que apenas as mulheres dançam, além do mais não dançam em par, ou seja, não é necessária a participação dos homens. Nesta hora, vemos uma grande participação das mulheres velhas no salão. Quando se trata de danças onde é necessário um acompanhante, as mulheres velhas, que não estão acompanhadas, sentam-se e muitas vezes a única oportunidade de voltar a dançar é justamente na última dança que finaliza a apresentação, justamente a Roda.

Neste ponto, gostaríamos de chamar atenção para o fato de que para muitas marujas idosas, existe uma espécie de seleção por parte dos homens novos e velhos em relação a escolha de seus pares na ocasião. Talvez preferir dançar com as mais novas do que com as mais velhas pode significar não estar sendo filmado, fotografado, espetacularizado. Mesmo assim, isto não chega a ser um empecilho para que as pessoas idosas vivenciem esse momento, como é relatado por uma maruja,

*Aí enche minha irmã, enche aquele barracão de marujo e eles vão dançar só com as jovens e as velhas vão ficando né, aí as idosas mesmo tá difícil né. Quem dança mais, é o Capitão com a mulher, a vice capitão com a marido e outras e outras que tem o marido. As que não tem os companheiros vão ficando, ficam lá beirando. E assim mesmo que é as coisas. Mas, mesmo assim eu acho bom! (MARUJA DANÇARINA. 74 anos)*

Neste ponto acrescentamos ainda que parte das velhas marujas não se intimidam e se impõe convidando outras mulheres para dançar. Podemos chamar essa atitude de sororidade. Como não existe nenhuma regra na Irmandade que o par precisa ser de sexos opostos, então não há barreiras para dançar quando se quer. Nesse momento podemos considerar um ato de resistência.

Como podemos ver na fala da entrevistada Maruja Indumentária,

*Olha, geralmente os novos não querem dançar com as idosas né, é difícil porque tem muita jovem, agora tem muita jovem, elas já querem dançar diferente, elas já querem se aparecer. As danças de antigamente era uma dança direita né, na época da minha avó ela dançava o Retumbão que parece é como se ela flutuando no salão e hoje esses jovens não querem saber, mais eu não quero nem saber, eu meto a cara assim mesmo e vou pro salão, ainda mais o Retumbão. (MARUJA INDUMENTÁRIA, 77 anos)*

Conseguimos perceber, também, certa indignação sobre o não convite às mulheres velhas para bailar pelo salão

*[...] quando é no tempo da festa, agora juntou um monte de mocinha de rapazinho essas coisas e aí eles escolhem. Aqueles pequeno, rapaz, chamam as moças para dançar e as idosas fica tudo ao redor lá e não chamam nós pra dançar e aí de vez em quando nó se mete por lá, mulher com mulher né, e vamos dançar, mais de coisa é isso. As idosas ficam lá sentadas, encostadas. (MARUJA DANÇARINA, 74 anos)*

Nesta outra fala existe um outro pensamento que diverge dos anteriores, no qual a entrevistada acredita que nas danças da Marujada, durante as apresentações, as pessoas idosas têm a oportunidade que encontram em outros espaços que não sejam o da Marujada. Bem como,

*A pessoa idosa dentro da Marujada é uma pessoa muito importante, ela dança, porque se tu chegar numa festa que não é da Marujada, Tu chegas e ficas ali, tu não dança, ninguém liga pra ti. Já na Marujada, logo na entrada tu já tem a roda que tu vais dançar todas as dançam, vem o xote, todas danço né, todas as músicas de todas as idosas dança, então a gente se sente uma pessoa importante né, então é onde as idosas se divertem. (MARUJA AUTORIDADE, 63 anos)*

No entanto, por acreditarem na importância de manter a tradição, as (os) marujas (os) idosas (os), acabam também sendo preconceituosas quando escolhem seus parceiros (as) para dançar e acabam não tendo “paciência” para repassar o que sabem para os mais jovens. Ademais,

*[...] Amor, para se dançar é preciso escolher de dedo, não é todos e nem todas que sabe. É como eu falei no princípio, hoje o jovem não dança, pula. O caso de nós dançar pulado, nós apanhávamos de varada nas pernas, é que minha mãe, dava varada nas nossas pernas, aquela varinha de foguete, olha, tu veio pra cá foi pra ti dançar e não pra tá pulando, três varada. (MARUJA COMITIVAS, 62 anos)*

Sendo assim, ensinar aos mais jovens as danças da Marujada poderá ser um caminho para que seja mantida a tradição que tanto prezam. A função das marujas mais antigas que não fazem parte da hierarquia, mas que se dispõem a ensinar e cuidar desses ensinamentos com responsabilidade é fundamental. Existe um autorreconhecimento de sua função que podemos chamar de guardião da tradição. É possível observar na fala dos interlocutores

*No caso, eu posso puxar a nova para dançar comigo, porque eu sou mais de idade. Tem também aquele diálogo de dentro e o Careca me passa, você vai fazer a abertura ou então você vai dançar depois que a capitoa e a vice capitoa sair, você vai com a cabeça de linha e depois você pode pegar qualquer uma que queira aprender. (MARUJA COMITIVAS, 62 anos)*

*Aí quando chega no barracãozinho, a capitoa faz assim, ela pega uma maruja que sabe dançar e uma que não sabe dançar e diz: “Você vai pegar essa maruja aqui para ensinar ela, porque ensaio é pra isso, é para pessoas que não sabe dançar, para aprender você também já passou por isso, não sabia dançar mais aprendeu, então aquelas que não sabe dançar, elas fica olhando, para que elas vão aprendendo e aí você vai dançar com as pessoas que não sabem que é para ensinar. (MARUJA IRMANDADE 69 anos)*

Se há ideia de que determinadas pessoas idosas não têm habilidade para estar incluídas em todo o processo que envolve as apresentações das danças, pode também existir um sentimento de incapacidade caso não percebam suas limitações no processo de aprendizagem. Pois,

*[...] se você não souber todas, você não tem participação direta, porque tem muitas Marujas que elas compartilham da missa, da procissão, então elas ficam muito mais na parte da igreja né, do que na dança né, **porque elas não dão mais conta e não faz mais aquele empenho.** (MARUJA ARTESÃ, 70 anos grifo nosso)*

Fazemos aqui uma reflexão, da fala de uma mulher idosa sobre a fala de outras mulheres idosas “*porque elas não dão mais conta*” Neste sentido, não seria mais prudente substituir por: não são escutadas, olhadas, percebidas ou estimuladas? Nota-se, nesta fala, além de carregada de preconceito, uma reação comum de invisibilidade à pessoa velha. É sabido, por parte de todos os associados da Irmandade de São Benedito, que nenhuma maruja ou marujo podem recusar um pedido de dança por parte do dançarino podendo até mesmo sofrer punição por parte da Capitoa. A punição vai de uma simples advertência verbal ou até mesmo a sugestão



para que se retire do local. Entretanto só existe um motivo pelo qual a maruja ou marujo possa recusar a dança, caso qualquer uma das partes estiver alcoolizada (o). Embora,

*Ele até dançava com outra, porque na Marujada a gente não pode enjeitar ninguém, mas ele dizia que só ficava satisfeito quando era comigo, porque eu já sabia dançar. Eu vou continuar minha tradição, mas não vai ser a mesma coisa. (MARUJA IRMANDADE, 69 anos)*

Nem sempre se dança por espontaneidade. Existe uma frase popular muito recorrente utilizada pelas pessoas que precisam de uma motivação para se expressar através da dança como “depois de “umas na cabeça” eu danço tudo! A motivação é a bebida alcóolica. Geralmente temos relatos de marujos que fazem dessa prática, uma necessidade para o sentimento de coragem fluir e assim enfrentar um grande público. A fim de,

*Olhe, eu vou te dizer uma coisa, quando eu ia pra festa, depois de assim, umas duas cervejas, eu dançava tudo (RISOS) Eu nunca encarei uma dança que não soubesse dançar. Era tudo! Era chorado, samba, passado, xote. Tudo isso eu gostava muito do Retumbão. (MARUJO DANÇA, 80 anos)*

Surgem no meio desse contexto de festa a ideia também da importância da dança como meio de bem-estar e saúde física e mental. Além do que,

*Olha, pra eu ser bem sincero, o que me faz mais feliz é quando eu danço as danças da Marujada, as outras danças complementam porque faz bem para saúde, faz bem pra mente, faz bem para o coração, mais meu foco mesmo é a Marujada. (MARUJO TRADIÇÃO, 65 anos).*

#### **4.2 O corpo velho no Retumbão: a resistência que permanece**

- Verdade meu branco,  
Foi assim que ouvi;  
É tudo o que sei  
E o que posso dizer.  
Essas danças festivas  
dançadas assim,  
esses ritmos alegres  
de forte expressão,  
aqui nós chamamos  
de Xote, Mazurca,  
Valsa, Chorado,  
Lundu ou Retumbão.  
(CASTRO, 2000, p. 23-24)

Figura 19 – Casal de marujos da festa na Marujada de São Benedito



Foto: Acervo pessoal (2019).

Alguém ensinou a dançar o povo de hoje, então significa dizer que existe uma transmissão geracional e com essa transmissão, existem questões importantes que se ganham, como é a questão da experiência e talvez também existam problemas como olhares preconceituosos sobre isso, a perda da beleza física, a juventude da pele, da aparência jovem.

Ao escolher falar sobre o corpo velho e ao falar de velhice percebo que aquilo que suponho saber não é suficiente para defini-la, e mais ainda, verifico que esse saber precário é produto de uma visão parcial estabelecida na prática por cada pessoa interessada em estudar o envelhecer e de preconceitos fortemente enraizados no cultural.

Então, de quem realmente falamos quando existe a presença de um corpo velho dentro de uma manifestação cultural? Quando falamos da velha maruja ou do velho marujo, falamos do marujo reivindicativo que briga com todo mundo e por tudo, propositivo, questionador, autoritário, autônomo, ativo, sonhador e saudosista. Ou do passivo que aceita seu destino sem reclamar aceitando do seu Capitão e Vice-Capitão e apenas obedecendo às ordens e às normas. Das velhas marujas engajadas, ativas e divertidas, que se enfeitam, que são vaidosas por natureza, que volteiam pelo salão com suas saias longas e suas anáguas rendadas e com seus chapéus imponentes e coloridos ou da maruja deprimida e solitária que não dança, que permanece sentada, que está cansada, desmotivada, apática mesmo com uma indumentária multicolor, que não é convidada para bailar simplesmente porque é velha e por alguém acreditar que por algum motivo ela ou ele não precisava mais estar ali.

Afinal de contas, lugar de idoso não é em casa? Levamos a crer que não. Daquele que vive e convive em família, em Irmandade ou do que não lhe é oportunizado a convivência ou a participação dos eventos. Da maruja velha que estudou e que elegante chega em seu carro, com sua blusa rendada e seus colares dourados ou da promesseira analfabeta e devota do santo preto que vem a pé ou trazida de bicicleta, já em clima de festa e oração que ainda ajuda a criar os netos e bisnetos, mesmo com seu salário-mínimo ainda consegue guardar um pouquinho para seu lanche comprar. Das pessoas velhas que trabalham lado a lado para tudo organizar e a festa começar ou daquele que renunciou a lutar e em casa resolveu ficar.

Dos que renunciaram à sexualidade e o prazer de dançar ou dos que reivindicam seu direito e o prazer de falar, reivindicar e lutar. Dos que vemos nos bares a beber no intervalo de uma ou outra dança ou no banco da praça a conversar e dos que estão no barracão a dançar e cantar. Da velha maruja, do velho marujo, das velhas doentes ou dos velhos saudáveis, das aposentadas, dos sem renda ou dos agricultores, pescadores, catadores, ambulantes, marreteiros, vendedores de açaí. Dos velhos poderosos, empresários, políticos que estão no poder ou dos marginalizados, violentados e violados pela sociedade? Dos descendentes de escravizados e dos indígenas, dos caboclos amazônicos, paraenses, bragantinos e dos nordestinos. Dos pretos, brancos, católicos, evangélicos e umbandistas. Dos devotos e promesseiros. Das autoridades velhas, presidente, capitão, capitoa, cabeça de linha, ou das simplesmente marujas e marujos, filhos do santo preto e membros de Irmandade de São Benedito.

Falamos de todos eles, já que são personagens conhecidos na nossa cultura; marujas e marujos, não falamos de um velho em particular, falamos de velhas e velhos e da velhice como a última fase da vida. Ou existe outra fase após a velhice? Entendemos que não. Mas fundamentalmente, através de todos eles, falamos da velha (o) que temos dentro de cada um de nós, das pessoas velhas de nossa família, das pessoas velhas da nossa sociedade, daquele que entrou muito cedo na nossa história e que direciona nosso olhar para todos os outros. Falando de todas as velhices (dos outros) sempre falamos de uma velhice (a nossa) e das muitas velhas (os) que poderemos chegar a ser. Da velhice que desejamos e da que tememos. Mas se cada sujeito tem sua velhice singular, as velhices são incontáveis e incontestáveis. Que suas memórias nunca sejam esquecidas, que sejamos veículos para fazer ressoar uma voz que já existe, mas que muitas vezes não é ouvida.

Neste contexto, o corpo velho tem muito a revelar através das expressões. Suas memórias gravadas no corpo e na experiência do dançar serão registradas nesse texto. Dançar

não apenas para louvar, mas com outras possibilidades além do exercício para o físico, também exercício para a alma, como uma espécie de terapia. Dito isso,

*[...] o nosso Retumbão traz é uma terapia não só no momento para mim que tô na idade que eu tô, como pros mais idosos de que. Eu no tempo que eu entrei, eu era bem dizer criança. Hoje, no entanto já estou nessa de idade de 63 anos. Então para mim é uma terapia porque a minha mãe com 104 anos, dançava um Retumbão lindo e maravilhoso que ia buscar mesmo lá mesmo no centro do Barracão. (MARUJA COMITIVAS, 62 anos)*

Constato também que parte dos mais antigo acreditam que os jovens não se interessam pela tradição, existe uma certa resistência na dança, nas participações em outros rituais. As danças mais ritmadas, são as mais preferidas pelos jovens, o Retumbão por uma dança mais clássica, que exige postura, seriedade e concentração, talvez seja esse o desinteresse. Mas, sobre essa questão, desponta aqui outro problema. Se os velhos não têm jovens para o repasse de conhecimento, ou se os mesmos não se interessam em aprender, ao morrerem, como se dará a perpetuação da tradição? Nesse sentido,

*Hoje o jovem não dança mais como era como a antiguidade, nosso Retumbão, tá aqui (aponta para a cama e mostra seu irmão que na oportunidade estava enfermo), para que um pé de Retumbão aqui se encontra hoje aqui numa cama ,mas já fez muita gente sorrir, já ensinou muita gente a dançar, já ensinou o rico o pobre o adolescente que hoje o adolescente não procura ir lá junto conosco porquê o motivo o mundo da droga se acha envolvido e ainda diz assim eu vou para lá só tem é velho! Isso é pra velho! Eles não sabem o que eles perdem. (MARUJA COMITIVAS, 62 anos.*

*Olha! No meu ver o Retumbão é a dança mais esperada. Agora se você tiver numa festa, lá assistindo, os jovens fogem, eles não querem dançar o Retumbão, eles não gostam de dançar o Retumbão. Eles gostam de dançar xote, mazurca, gostam de dançar valsa, né! Essas coisas eles gostam de dançar, um chorinho, uma arrasta pé, um samba ele gosta de dançar, mas o Retumbão e o chorado eles não gostam. E eu sempre digo pra eles, gente! Vocês têm que entrar para pelo menos se vocês não dançarem, pelo menos assistir a gente dançando (MARUJO TRADIÇÃO, 65 anos)*

No decorrer das entrevistas, as falas nos revelaram uma questão que nos chamou muita atenção, que é o medo dos sujeitos pesquisados em dançar especificamente o Retumbão em alguma fase de sua vida na Marujada. Seja no início de sua entrada na Irmandade ou até mesmo atualmente. Vejamos, então, este medo relatado pela maruja entrevistada,

*Eu tinha um nervoso, eu me escondia atrás das outras para não dançar o Retumbão. Aí, quando foi um dia, dia de São Benedito, eu tava despercebida conversando com uma maruja, que eu dei fé, me tiraram, aí eu fiquei gelada mais continuei. E acertei! Depois disso, pronto! (MARUJA IRMANDADE, 69 anos)*

Ao acompanhar as apresentações do Retumbão, percebe-se uma grande pressão não só da presidência e das autoridades da festa para que o execute bem, mas com o argumento de que tudo está sendo registrado e divulgado nos meios de comunicação televisiva e redes sociais. Lembramos que existe uma espetacularização da Marujada. Ou seja, não se é permitido passar uma imagem de displicência ou desorganização no processo das apresentações.

Pois,

*Eu acho assim: Eles têm medo de entrar e não acertar, errar, eles ficam com aquela vergonha. Na Marujada desde o ensaio é muita gente olhando né aí eles falam que tem aquela vergonha. Já os novo é eles querem aprender ou errando ou não eles querem aprender, eles querem é aprender a dançar o Retumbão, quando ele toca, faz aquela fila enorme porque todo mundo quer dançar o Retumbão. (MARUJA AUTORIDADE, 63 anos)*

Outro motivo percebido é a dimensão da exposição das marujas(os) nas apresentações. São inúmeros olhares, de admiração, contentamento, curiosidade, alegria, mas também de julgamento e avaliação. Portanto, existe uma autocobrança na execução perfeita. Não se é permitido errar. Não é por acaso que,

*[...] eu sentia medo de errar né. Porque todo mundo olhando para gente, então eu fazia todo jeito de não olhar para ninguém, porque se eu olhasse eu sabia que ia errar (risos) e eu fazia aquilo mesmo quando era a minha vez de eu ia pegar na beira da saia e baixava a cabeça e ia mesmo, e assim para não olhar para ninguém, mas graças a Deus eu nunca passei esse sufoco, porque é triste né! (MARUJA PROMESSEIRA, 77 anos)*

A confiança nos mais velhos persiste. Para muitas marujas e marujos, acredita-se que para ter um aprendizado de qualidade, é necessário se aprender com os mais antigos na tradição. A experiência no que pode se chamar de “saber dançar corretamente” vem deles. Existe uma prática da presidência em sempre direcionar as ditas marujas novatas para bailar e aprender com as marujas antigas.

Sendo assim,

*Eu sempre digo assim quando você for fazer parte da Marujada você tem que aprender dançar o Retumbão, o Retumbão e o chorado são coisas que você tem que aprender, você sempre tem*

*que ter o cuidado. Eu sempre tenho cuidado de pegar uma maruja já antiga uma maruja nova para aprender. (MARUJO “O CHAMADO”, 68 anos)*

*Não! Eu não me sinto sem energia, eu sinto aquela preocupação, de não ter aquela confraternização, que nós não podemos organizar para os que vem de fora. Porque nós não faz a Marujada pra nós, nós faz pro público. (MARUJO LADAÍNHAS, 64 anos)*

É possível observar a reflexão feita na fala de uma pessoa idosa que se sente apta a ensinar e disposta fisicamente capaz, mas percebe o fato de não procura pelas mais experientes, pois procuram as marujas mais novas, conforme a fala a seguir,

*Na verdade, eu pela minha idade eu sempre me sinto bem, agora só que é assim, aquelas pessoas mais novas, dificilmente eles procuram as senhoras de idade para dançar, eles procuram já as mais novinhas. É quando eles se enganam, porque eles deveriam procurar as pessoas de idade, que já são acostumadas a dançar a anos e anos né, aquelas que são profissionais pra dançar a mazurca o Retumbão, e vão procurar aquelas novinhas que ainda nem sabem bem dançar (MARUJA IRMANDADE, 69 anos)*

*É porque aqueles novatos não procuram as pessoas de idade para dançar, só querem procurara as novinhas, só que tem muitas pessoas de idade que reclamam porque ficam só lá no banco triste, o tempo todo sentada né, porque não vão tirar elas para dançar, porque elas chegam lá e ficam lá sentadas até a hora de sair, sem as vezes dançar nem se quer uma música, então elas se sentem triste né, não são enxergadas pelos rapazes, tem uns que tiram as pessoas de idade para dançar, porque elas dançam bem né, mas tem muitos que não. Tem umas que chegam e só dançam a roda e ficam lá e levantar de novo na hora da roda para encerrar e vão embora. Tem umas que nem vão mais para o ensaio por causa disso, porque passa o tempo todo sentada sem ter ninguém para tirar pra dançar. (MARUJA IRMANDADE, 69 anos)*

### 4.3 Tradição repassada entre as gerações: dos velhos aos envelhecetes

Foi assim que herdamos  
influente cultura,  
do passado ao presente  
com brilhos de glória;  
se não somos da Pátria  
o mais rico folclore,  
do Pará e Bragança  
enriquecemos a história...  
é isso que temos  
como rara beleza;  
assim já disseste  
e tanto me agrada.  
Meu velho marujo,  
muito atento te ouvi  
descrever **Marujada**  
com a tua emoção,  
quisera eu ficar  
mais tempo te ouvindo,  
fiel aprendiz  
da tua tradição.

(CASTRO, 2000, p. 24)

Figura 20 - Avós Marujas com seu neto nos braços



Foto: Hildeana Nogueira (2019).

Compreendo que a Marujada não seria nada, hoje, se ela não fosse também uma transmissão geracional. Se não morremos ainda jovens, nós vamos envelhecer, por isso a necessidade de transmitir os rituais dessa grandiosa manifestação cultural. Alguém ensinou a

dançar o povo de hoje. A festa de São Benedito é predominantemente uma festa feminina. Boa parte das mulheres velhas que ali estão vestidas de maruja, são as fazedoras de roupas, feirantes, agricultoras, as lavadeiras, vendedoras ambulantes, as mingauzeiras, as donas de casa, as domésticas. Porém, no momento daquela festa elas são as “Rainhas de Bragança”, nomenclatura essa sempre presente na fala do historiador Dário Benedito. Muitos não conseguem reverenciar a Capitoa como autoridade máxima da maruja, quando não está com seu traje de maruja. O reconhecimento em relação a tudo que já foi construído, as histórias precisam ser contadas, os rituais precisam ser transmitidos, a tradição precisa ser repassada de geração em geração. O passado não se acabou, o passado e o presente estão conectados pelo tempo, pelas experiências e pela memória. O homem velho e a mulher velha viu mais.

Segundo Sarquis (2018, p. 86), o reconhecimento da manifestação cultural Festividade de São Benedito como parte indissociável da história do município de Bragança e da zona Bragantina, suscita questões como pertencimento, identidade, memória e afetividade, tanto como parte da igreja católica, como do visitante da cidade que participa do evento. E nessa miríade de termos, que por si só traz muito sobre as festividades e rituais, e ainda assim pode não traduzir toda a dimensão do sentimento e da devoção rendidos ao santo afrodescendente pelo povo católico bragantino, destacamos que é preciso se deixar envolver pelos ritos desta festa, pela personagem e suas danças, pela musicalidade e ao santo preto.

Corroboramos com o autor quando diz que não é possível traduzir a dimensão da devoção e dos rituais vividos e repassados a cada geração. Posso dizer que não se pode contar como acontece a Marujada, é necessário vivê-la para só assim entendê-la. Na fala de nossos interlocutores é possível compreender a importância de se manter a tradição cultural de um povo, assim como o repasse dessa tradição. Outrossim,

*[...] nós estamos repassando justamente toda a tradição. Tem muitas crianças que já estão aprendendo já estão dançando Justamente que é para gente passar os cargos. (MARUJA (DANÇARINA, 74 anos)*

*É de geração em geração. Aqui em casa muitos não ficaram, mas eu tenho um neto, e ele já acompanha a gente, e ele sabe, ele vai de sandália até a igreja, na igreja quando chegar lá ele tira a sandália e bota numa sacola. As vezes o pai dele diz: meu filho vai doer o teu pé! Ele diz: não! Marujo é descalço! ele mesmo diz isso, então a criança vai se criando já naquilo. (MARUJA AUTORIDADE, 63 anos)*



Kamkhagi (2007, p. 7) diz que o sujeito deseja nesse momento da vida, em que há mais tempo livre, transmitir seu conhecimento e sua sabedoria às outras pessoas, para ter a consciência de que algo dele permaneceu no mundo. O orgulho no conhecimento repassado com possibilidade de transmissão de um legado deixado é revelado na fala do interlocutor ao se expressar. Portanto,

*O meu pai, foi 41 anos presidente da tradição dessa Marujada. Nós somos 7 irmãos eu tive aí eu tive o privilégio de ser assim, de acompanhar, gostar, porque é assim, se você não gostar de uma coisa, não adianta você querer insistir que não vai dar certo. E eu não, meus irmãos eles iam participavam, mas não gostavam né, daquela tradição de acompanhar ele quando ele ia para uma por exemplo com uma ladainha, ele me convidava, então eu gostava daquilo, então eu participava e fui me criando dentro da Marujada né, eu tive esse privilégio de assim, gostar da tradição e ter o carinho que eu recebia das marujas dos marujos né, todos eles me tratavam muito bem eu tive assim o gosto, a palavra mais certa de continuar. (MARUJO “O CHAMADO”, 68 anos)*

Sobre a ladainha citada por um dos entrevistados logo acima, é importante saber que se trata de um ritual da festa de São Benedito que ainda acontece por ser repassada por gerações no decorrer dos anos. Segundo Silva (1981, p. 78), as ladainhas, nas residências de nossos caboclos do interior, ou são feitas pela presença de uma comissão de esmoladores ou em dia de santo da devoção da família em dias fixados anualmente. A ladainha assim como os demais rituais não pôde acontecer no ano de 2020 e timidamente com os protocolos dos cantadores munidos de máscara puderam rezar e louvar ao santo preto. Na oportunidade, na casa de uma das entrevistadas ocorria uma ladainha próximo de sua casa. Era possível ouvir os fogos, mesmo assim o filho de São Benedito não se alegrara. Como pode-se observar na fala a seguir,

*Como eu te digo com todas as letras, olha! (BARULHO DE FOGOS) agora tá acontecendo a ladainha na casa de um cabo. Já sentiram falta de mim, Já mandaram me chamar para mais de 500 vezes, só que eu não tava aí. Meu irmão de criação ele reza ele é vice encarregado dos santos do campo. Ele tá lá, ele já mandou me chamar ele aqui chegou (o neto), disse: vouó o tio mandou dizer que é para ti ir lá com ele que a turma tão tudo esperando. tá escutando? Eu não fui e nem eu vou lá. Eu não me sinto bem. Estou muito triste. (MARUJA COMITIVAS, 62 anos)*

Figura 21 – Rezadores da ladainha na quadra de esportes



Foto: Hildeana Nogueira (2020).

Para Freire (1989, p. 42), uma cultura é uma expressão da visão de mundo fazer homem, de como este o compreende e como ele se percebe como sujeito neste mundo. Neste conceito de autonomia e liberdade enquanto ser e estar sem fazer sujeito consciente é que Freire fala: “Cultura é o tambor que soa pela noite adentro. Cultura é o ritmo de fazer tambor. Cultura é o gingar dos corpos fazem Povo ao ritmo dos tambores”. Neste ritmo, pulsando em movimentos, a cultura vai se construindo, pois,

Todos os povos têm cultura, porque trabalham, porque transformam o mundo e, ao transformá-lo, se transformam. Uma dança do Povo é cultura. Uma música fazer Povo é cultura, como cultura é também a forma como o Povo cultiva a terra. Cultura é também uma maneira que o Povo tem de andar, de sorrir, de falar, de cantar, enquanto trabalha. (FREIRE, 1989, p. 42)

#### **4.4 Identidade e memória de marujas e marujos que envelheceram**

Figura 22 – Teatro Museu da Marujada



Foto: Hildeana Nogueira (2021).

O sujeito deve valorizar a si mesmo e obter o reconhecimento do grupo social. A identidade se consolida na percepção que tem o sujeito de seu poder sobre si, sobre os outros e sobre os acontecimentos. Logo, o sentimento de ser rejeitado, desvalorizado pelo grupo social pode atingir a imagem de si, em resumo, a identidade pessoal. Tudo se passa como se fossem as duas faces da mesma moeda: realidade objetiva e realidade subjetiva (Berger e Luckman, 1973). Bem como é possível observar,

*[...] antigamente tinha muita idosa na Marujada, agora tem muitos jovens né! Tem aqueles rapazinhos que já não vão tirar as idosas né, mas tem os senhores de idade que vão procurar as idosas para dançar.*

*Olha! Tem uma parte grande de idosas né! Mais, tem muitos jovem agora, as pessoas mais de idade vão parando, vão se acomodando, outros vão falecendo né! Mas eles já vão deixando netos, bisnetos né, que você vê na Marujada aquelas criancinhas. (MARUJA AUTORIDADE, 63 anos)*

E o que querem os velhos? Essa pergunta fazemos quase que diariamente. As respostas são surpreendentes. Entre elas estão: *queremos ser respeitados, direito de ir e vir ter autonomia, tomar nossas próprias decisões, fazer o que tenho vontade, ser livre, estar entre amigos, viajar, namorar, estudar, dançar, ser feliz, realizar meus sonhos*, entre outras. Sim, eles podem. Sabe-se que é impossível negar as perdas que cada um experimenta com o envelhecimento, porém, partindo das leituras de Goldenberg (2013, p. 120-121) a autora reforça sobre as limitações

vividas na velhice, no entanto, reforça também as possibilidades em enxergar aspectos positivos nesta fase da vida

[...] são inegáveis os aspectos belos e positivos da última fase das nossas vidas. Não é nada fácil pensar em risadas, bom humor e leveza na velhice. Para muitos é uma fase de doenças, graves ou não, de problemas financeiros ou crises de relacionamentos. Pode ser uma fase de solidão, de medos de inseguranças, de perdas.

Em relação a todas essas questões,

*olha por incrível que pareça, eu sou uma pessoa doente, tenho muitos problemas, mas quando chega a festa o meu filho que diz, deixa chegar a Marujada que a senhora vai ficar boa! (risos) porque eu acho assim que da gente gosta muito e São Benedito dá aquela força para gente né (MARUJA AUTORIDADE, 63 anos)*

De acordo com as leituras dos estudos de Simões (1998, p. 30) destacamos,

A velhice pode ser entendida como um fator individual, onde determinantes do dia a dia e hábitos de vida são fatores extremamente significativos no processo de envelhecimento. Neste momento é possível enxergar poque alguns , aos 30 anos, já se sentem “velhos”, sedentários, ou apresentam características de introversão, enquanto outros, aos 80 anos, sentem-se extremamente lúcidos, ativos, felizes, capazes de muita produção. Salientamos que esses indivíduos, embora já idosos, carregam consigo toda a experiência de vida.

A afirmação deixa para nós a convicção de que ninguém envelhece igual, nesse sentido,

*Eu me sinto forte ainda, me sinto é bem. O meu marido ainda me “ralha” porque eu ainda vou para o sítio, fazer serviço ainda. O meu neto fala: vô! A senhora ainda vai pro sítio uma hora dessa trabalhar? Eu digo: eu vou! Me sinto feliz. (MARUJA DANÇARINA, 74 anos)*

*Vou lhe dizer uma coisa, eu nunca dancei a maruja “esmorecido”, toda vida eu tive coragem, era assim mais novo e mesmo agora. (MARUJO DANÇA, 80 anos)*

Em contrapartida, nesta fala temos uma visão mais negativa da velhice. Assim,

*Olha! Eu já tô de idade né, então eu queria ser mais nova, porque queria mais tempo, porque a gente já tá de idade, as vezes a gente adocece, já não pode mais dançar e tem muitas idosas que adoeceram né, muitos morreram (MARUJA PERTENCIMENTO, 84 anos)*

Entendo que as pessoas idosas são capazes de fazer suas próprias escolhas. Sugiro então, vivê-las intensamente. Aos que desejam viver essa última fase da vida com suas dores e delícias, sugere-se despir-se de preconceitos. Porém ainda é percebida a negação da velhice e de suas limitações através das falas,

*[...] eu me sinto bem, bem mesmo, **igual quando eu era jovem**, não tenho mais força, não é, mais tenho coragem para ir, para frequentar. As vezes toca umas músicas bacana e quando não danço na festa, eu penso há! Meus 18 anos...não se sinto coisa não! Normal. (MARUJA DANÇARINA, 74 anos grifo nosso)*

*Fora da Marujada eu me sinto diferente, eu não quero me misturar. Dentro da Marujada não. Lá eu me sinto igual a todas, pra começar, todo mundo se veste igual, aquelas roupas não tão coladas no corpo, então dentro da Marujada, eu me sinto igual a todas ali dentro. (MARUJA AUTORIDADE, 63 anos)*

É perceptível que existe um entendimento das limitações trazidas pelo processo de envelhecer, porém com percepção de sua potencialidade enquanto corpo velho. Os sujeitos entrevistados já possuem um entendimento sobre o envelhecimento como processo natural. As pessoas idosas que conseguem encarar o medo de envelhecer, passam a vivê-lo como uma nova fase da vida, cheia de desafios que deve ser enfrentada como qualquer outro período de sua existência. Entender as perdas que o envelhecimento traz, assim como perceber que nesse processo existem muitas possibilidades, torna-se crucial para superar os grandes desafios.

Dito isso, quatro de nossos entrevistados reconhecem as limitações que um corpo velho apresenta, entendendo seu processo de construção e reconhecimento de seu potencial

*Sim, já sinto um cansaço, no final do dia, final da tarde vamos se sentindo cansada ou então vai dormir 10, 11 horas da noite eu já sinto cansaço né misturado com doenças que vem né aí a gente vai se sentindo cansada, mas assim, se eu entro de manhã eu não quero vir em casa eu quero, ficar então eu vou ficar aqui até a meia-noite quando terminar. (MARUJA AUTORIDADE, 63 anos)*

*Agora na idade que eu tô, já não estou mais como eu era como uns 10 anos atrás, uns 20 anos atrás, não. Eu era eu de um jeito, agora eu vou me comportando dependendo da minha idade eu vou me comportando. Antigamente, na minha adolescência, eu gostava muito de roupa sem manga, de roupa decotada, de alça, curta não! nunca gostei de roupa curta, mas eu gosto de muitas moda. Hoje eu já sinto que meu corpo não tá mais assim. Então, agora eu gosto de roupa de gola, roupa de manga, porque a gente vai passando de idade e a gente vai mudando de tudo. (MARUJA PROMESSEIRA, 77 anos)*

*[...] porque a gente de idade não é que nem gente novo que dançam mesmo assim á vontade. Eu danço sim, aí quando vem uma pessoa quase do meu jeito né, que me convida vamos dançar essa? então a gente dança conforme a dança a gente vai dançando também. Quando eu vejo que as minha pernas tão*

*cansada, aí eu paro, vamos sentar, vamos descansar um pouquinho. (MARUJA PROMESSEIRA 77 anos)*

*[...] olha! eu tô cansado, eu deixo vocês aí, Capitoa! Capitão! assumam aí eu vou lá em casa e volto. Não, não, não! fica aqui. Mas, se tu quiser ir tomar um banho de pressinha e volta vem aqui. (MARUJO “O CHAMADO”, 68 anos)*

*Hoje já os 65 anos de idade, eu já sinto cansaço, é natural né! É normal! Mas eu ainda tenho aquele fervor de querer tá dançando e gosto de dançar alí dentro e a gente já sente um cansaço no final, do dia porque não é fácil, não é fácil não[...]*  
(MARUJO TRADIÇÃO, 65 anos)

A autoestima é consideravelmente muito presente nesse corpo velho que dança que se enfeita. Nas falas das entrevistada é possível notar,

*As marujas mais idosas, mesmo assim elas gostam de passar seu batom, as idosas também são vaidosas como você é acostumada a ver, Aí você pode ver que quando elas chegam de manhã mesmo elas chegam todas impecáveis, com a maquiagem, todas arrumadas. Só que quando dá meio-dia pra tarde elas já estão né (risos) as idosas, aí elas não saem, aí elas ficam né, mas elas gostam de chegar todas impecáveis (MARUJA AUTORIDADE , 63 anos)*

*[...] tem que estar de short né, porque na hora de uma mazurca a gente roda, roda, e já viu né e a anágua por isso que a gente tem que usar a anágua e já a saia da maruja, tem muitas que por dentro, tem muitas que bota por fora por dentro se bota um bolso para carregar um lenço, dinheiro, um celular, um batom, uma coisa né! aí então é isso. (MARUJA INDUMENTÁRIA, 77 anos)*

Corroboro o pensamento de Neri, quando diz que:

De uma forma bem simplificada, auto-estimar-se significa gostar de nós mesmos, nos apreciarmos de modo genuíno e realista. Não se trata, portanto, de um excesso de valorização de nossa própria pessoa, de arrogância ou egocentrismo. Gostamos daquilo de que realmente somos, aceitando nossas habilidades e também nossas limitações. (NERI, 2000, p. 33-34).

*Nos ensaios quando a gente chega aquelas roupas e saias estampadas, minha cada uma quer fazer uma saia mais bonita, uma saia mais bonita que a outra, depois dali vem o Retumbão, o chorado, mas o início é mesmo a roda. (MARUJA AUTORIDADE, 63 anos)*

*[...] agora disso de ser vaidosa, isso eu sou muito, meu batom é batom vermelho, meu braço cheios de pulseira, meus dedos cheio*

*de anéis. Vixe! Nem parece eu. Hum... (MARUJA COMITIVAS, 62 ANOS)*

*[...] toda maruja gosta de se arrumar, as marujas todas são vaidosas, ela quer uma roupa bonita, elas querem um colar mais bonito uma pulseira o chapéu elas querem preparar o chapéu delas para chegar com um chapéu muito bonito e ela quer se maquiar [...] (MARUJA AUTORIDADE, 63 anos)*

Entretanto, algumas marujas recriminam as demais que se “sentem livres” para ousar dentro das possibilidades do que é tradicional, notando-se certa resistência à forma como o outro se apresenta,

*Agora não, mas eu era muito vaidosa. Algumas vão conforme podem ir né, mais uma querendo ir mais linda, outras já vão muito desconforme né! (MARUJA INDUMENTÁRIA, 74 anos)*

Sobre esta questão, a entrevistada ainda reforça,

*[...]umas querem ir com o beijo pintada de azul, eu não sei como é aquilo! Eu tenho a minha língua grande, então quando eu vou para reunião eu falo mesmo. Quem já se viu, pintar os beijos todo de azul. Quem já se viu isso! Quer fazer as coisas fora da moda, porque tô de azul, eu vou pintar meu beijo de azul. (MARUJA INDUMENTÁRIA, 74 anos)*

De acordo com Bobbio (1997, p. 12) “[...] Somos aquilo que pensamos, amamos, realizamos, [...] somos aquilo que lembramos”. Certamente,

*Eu já me sinto assim cansada. Eu não tenho mais condição de nada minha filha. Antes, eu era feliz eu era muito feliz que eu dançava muito a minha diversão da minha vida. (MARUJA PERTENCIMENTO, 84 anos)*

*Olha! Antes deu chegar lá, quando vai chegando o dia, eu já vou me encontrando com energia, aquele entusiasmo, aquela força, aquela coragem. Chegou novembro eu já tô ansioso, com aquela ansiedade e tô seguro pro que der e vier, seja para rezar a ladainha, seja pra dançar o Retumbão, o chorado, o xote, mazurca, tudo, tudo! (LADAINHA, 64 anos)*

Figura 23 - Memórias e lembranças de uma velha maruja



Foto: Hildeana Nogueira (2021).

*Olha moça, falar a verdade é preciso. Eu danço com todas elas. Tem gente que fica até mal com a outra porque eu não tirei uma bem aqui de perto dessa e não tirei a outra. Ai elas ficam “mordida”. (MARUJO DANÇA, 80 anos)*

*[...] a gente na Marujada, a gente não pode enjeitar nada né, então quem vier tirar a gente para dançar, a gente tem que ir, ou novo ou velho, a gente tem que ir. Tem jovem que gosta de dançar com as mais velhas porque a gente ensina eles, a gente tem que ir. (MARUJA INDUMENTÁRIA, 74 anos)*



## 5 DES/COM/PASSOS ANTRÓPICOS BRAGANTINOS

Afinal, são dois séculos  
vivendo emoção:  
esse gosto gostoso  
de dançar **Marujada!**  
Sem tantos detalhes  
se mais não contei  
Nossa história te conta.  
Fiel sei que fui  
num relato modesto  
encontrar as pessoas  
para as tuas perguntas.  
Que mais me faria  
lembrar a tua terra,  
este encontro festivo  
em dupla alegria  
se não a **Marujada**  
meu velho marujo,  
se não a **Marujada**  
com a sua magia!

(CASTRO, 2000, p. 24-25)

Figura 24 - Marujas (os) aguardando a Carreata de São Benedito



Foto: Hildeana Nogueira (2020).

Uma procissão diferente, uma procissão de carros, uma carreata. Os devotos não caminhavam atrás da imagem de São Benedito, o santo preto é quem passava em frente às casas, e os devotos apenas acenavam.

Em Bragança, durante a festa da Marujada em dezembro de 2019, já se faziam planos e criavam-se expectativas para um próximo ano “redondo”, Marujada 2020. Marujas, marujos,

devotos, membros da Irmandade, coordenação da Festa de São Benedito, todos já vislumbra no próximo ano, onde mais uma vez as ruas de Bragança iriam tomar conta das cores vermelha e azul, cores que representam a grande festa.

O mês foi março, o ano foi 2020. Todas as expectativas tornavam-se incertezas e perguntas sem respostas. Todos os países foram afetados pela pandemia, e o Brasil em especial, enfrentou e tem enfrentado graves desafios no que se refere à saúde pública e à proteção de suas populações, o que vem provocando, inevitavelmente, consequências agregadas de toda ordem, como o agravamento das condições sociais e econômicas e seus respectivos impactos na vida concreta da sua população.

O contexto da pandemia foi um mecanismo revelador de interferências no campo da saúde e nas práticas tradicionais em se tratando do não acontecimento de uma manifestação tradicional. Bragança nunca esteve isenta aos problemas e fenômenos naturais e ou culturais e principalmente do que está relacionado à saúde e as influências de uma pandemia com as práticas tradicionais. Pois a cultura tradicional no Brasil é baseada na celebração do encontro, nas festas, nas cirandas, nas rodas de samba, nos terreiros e de uma hora para outra tinha um distanciamento para enfrentar. Com a pandemia e a necessidade de cancelar os grandes eventos por questões sanitárias, o ano de 2020 representou um forte baque para aqueles que mantêm laços econômicos, culturais e até mesmo afetivos com essa tradição de uma festa como a da Marujada.

Antes do mundo se manter em isolamento social no mês de março, o governo federal sancionou a Lei Nº 13.979 de 6 de fevereiro de 2020. Lei que dispõe sobre as medidas para enfrentamento da emergência de saúde pública de importância internacional decorrente do coronavírus responsável pelo surto de 2020. Dentre as medidas estão o **Isolamento Social e Quarentena**.

Em 11 de março de 2020, a OMS, através do seu diretor, em um pronunciamento, a organização elevou o estado da contaminação pelo novo coronavírus como **Pandemia**. O anúncio surgiu quando mais de 115 países já estavam com casos declarados pela infecção. Nesse momento o Brasil ainda não tinha nenhum caso confirmado.

No entanto, não demorou para que, dias depois, mais precisamente no dia 26 de março de 2020, o Ministério de Saúde confirma o primeiro caso de coronavírus no Brasil e em toda a América Latina. Um homem de 61 anos, morador de São Paulo, que veio da Itália para o Brasil.

No dia 30 de março de 2020, em pronunciamento, o diretor geral da OMS, Tedros Adhanom reforçou que as medidas de isolamento social eram a melhor alternativa contra o coronavírus. No mesmo dia, a ONU fez um pronunciamento em que pediu um novo pacote de

ajuda - dessa vez trilionário, e com o foco na economia de países em desenvolvimento, como o Brasil. Um relatório da Agência das Nações Unidas para Comércio e Desenvolvimento alertou que o choque econômico da pandemia para esses países é dramático - mesmo quando comparado à crise financeira global de 2008.

Desde o início da crise desencadeada pela Covid-19, quando testemunhamos atônitos a maior tragédia da História brasileira, com colapsos sanitários e hospitalares nunca vistos, acompanhamos, ao mesmo passo em que cresciam assustadoramente os números totais de óbitos, um correlato aumento das dificuldades na vida de milhões de famílias e no equilíbrio de milhares de instituições, independentemente de seu tamanho e importância no cenário local ou nacional.

Ao passar dos meses durante o isolamento, as perguntas surgiam: Quando a quarentena irá acabar? Quando retornaremos à normalidade da vida? Será que vou contrair esse vírus? Será que vou transmitir aos idosos da minha família? Será que vou morrer pelo fato de ser uma pessoa idosa? Será que teremos a Marujada em 2020? Será que vou pagar minha promessa? Será que os santos irão sair? Sou uma pessoa idosa, será que serei privada de participar de algum ritual? Situações que acabaram gerando um estado de alerta constante, principalmente de uma manifestação que se tem pessoas idosas na presidência.

É nesse sentido que ganha força a escrita de Morin quando afirma que,

Não sabemos quais as consequências políticas, econômicas, nacionais e planetárias das restrições causadas pelos confinamentos. Não sabemos se devemos esperar o pior, o melhor, ou uma mistura dos dois: caminhamos na direção a novas incertezas (2020, p. 01).

Em 2020 e 2021 o nosso “maior inimigo” é invisível e não respeita classe social, credo, escolaridade, poder aquisitivo, acesso ao sistema de saúde, não faz distinção entre países desenvolvidos ou em desenvolvimento, não se importa com posições políticas ou discursos inflamados sobre defender ou acusar quem adota esta ou aquela posição. Esse inimigo é cruel.

Não sabemos quando vai acabar, não sabemos ainda quantos irão adoecer, quantos vão morrer, quantos vão sobreviver. O que sabemos é que pessoas velhas, não só são vulneráveis, como fizeram parte do grupo de risco dessa pandemia e do maior número de mortos no seu grupo etário. Nesse sentido, pode-se afirmar que:

O mundo está enfrentando um inimigo invisível aos olhos que demonstra uma característica bem peculiar: ele mata com muito mais voracidade os velhos. Velhos, no sentido cronológico da palavra, com mais anos vividos desde o nascimento. Ainda que os mais jovens também estejam morrendo e sendo vítimas deste que é o mal do século (ou dos séculos, já que não se tem até o momento, comprovação científica de qual seria a cura), o número de velhos mortos é ainda muito mais expressivo pelo mundo afora (VERDI, 2020).

Há um sofrimento natural devido ao isolamento por parte de todos, principalmente pelas pessoas idosas, neste período. Foi e ainda é assustador não poder abraçar, beijar, dançar na Marujada, usar máscara tantas horas do seu dia, não sair em comitivas e evitar contato físico, por exemplo, aconteceria ao acompanhar a imagem do santo preto em uma procissão, fato relatados pelos marujos

*[...] eu participo da marujada desde os 12 anos de idade, esse ano eu completaria 52 anos de festa, por conta dessa pandemia da covid-19, tá sendo diferente né, eu, pelo menos eu me sinto triste por não poder participar dançando. É uma manifestação que mexe com o povo bragantino, com quem não é bragantino e pessoas que assistem, sempre gostam de ver no Natal a festa da marujada é uma coisa que agregada com o Natal [...] (MARUJO TRADIÇÃO, 65 anos)*

*[...]Tá todo mundo triste, ontem na abertura, meu Deus do céu, uma tristeza só, porque nós não podemos ter nossa dança, não podemos ir, o pouco que pode ir, tem que ir calçado, mais a gente não aceita isso. Não dá nem vontade de ir, mas a gente tem que participara né. Mas a gente tem fé em Deus que isso acabe e essa vacina chegue e paro o ano a gente tenha nossa festa de volta. (MARUJA IRMANDADE, 69 anos)*

Durante esse período, para as pessoas idosas, foi impossível não relacionar a Covid-19 à finitude. De acordo com Foucault, no seu livro: As palavras e as coisas, “A finitude do homem se anuncia – e de uma forma imperiosa – na positividade do saber, sabe-se que o homem é finito” [...]. Nesse sentido, ademais, ele afirma

No fundamento de todas as positivities empíricas e do que se pode indicar como limitações concretas à existência do homem, descobre-se uma finitude – que em certo sentido é a mesma: ela é marcada pela espacialidade do corpo, pela abertura do desejo e pelo tempo da linguagem; e, contudo, ela é radicalmente outra: nela o limite não se manifesta como determinação imposta ao homem do exterior (por ter uma natureza ou uma história), mas como finitude fundamental que só repousa sobre o seu próprio fato e se abre para a positividade de todo limite concreto (2000, p. 337).

Como fazer para que idosos entendessem da necessidade de estar isolado socialmente e que essa atitude seria o melhor a se fazer considerando que a prevenção seria a melhor orientação de nossos órgãos de saúde e da Irmandade em relação ao seu público? Se não foi e ainda não está sendo fácil para as pessoas idosas que recebem apoio de seus familiares incluindo: filhos, netos, noras, genros, imaginem para as pessoas idosas que moram só e que as vezes não têm nenhum familiar por perto.

Dentre as medidas de distanciamento social, fomos alertados sobre a necessidade de evitar as aglomerações e, assim, foram dadas orientações pelos órgãos da saúde para que

tomássemos algumas medidas protetivas, entre elas: a paralisação de atividades não essenciais, como fechamento do comércio, com a exceção de serviços essenciais, como supermercados e farmácias; o cancelamento ou adiamento de eventos, como festivais; a paralisação das atividades escolares presenciais; e a adoção do sistema de trabalho remoto. Assim, evitava-se a aglomeração, situação muito propícia para a transmissão do vírus. Sendo assim, não poderia ser diferente com a Marujada de São Benedito. A grande aglomeração de pessoas devotas ao santo não poderia acontecer como nos anos anteriores.

Durante a pesquisa de campo, entramos em contato com algumas lideranças da festa de São Benedito e da Marujada e entre elas o Historiador, professor e coordenador da festa Dário Benedito, que durante a entrevista concedida, um ano após o início do isolamento social, em março de 2021, relatou

Nós tivemos que tomar a decisão de não ter a esmolação, foi uma decisão muito difícil e comunicada para os órgãos de cultura e patrimônio. Eu tive que ir pessoalmente a Secretaria de Cultura do Estado, ao departamento da Dra. Karina Moriya, fui ao IPHAN em Brasília em uma audiência sobre o processo de inventário, então tive que falar como a pessoa do Dário e o acadêmico, historiador e outras como Coordenador de uma festividade que é a maior festividade de Bragança. Muita gente queria ter aquela oportunidade de ter São Benedito em casa, mas não era possível fazer, então minha opinião é uma opinião pessoal, existia uma opinião formada com o coletivo então por exemplo, reunidos aqui e dizer: olha! Não dá para a gente dançar, não é possível fazer, não é possível porque onde colocar São Benedito, vai ter aglomeração, então por exemplo, tomar decisão desse tipo me causou um profundo sofrimento.

A relação com a Marujada é visceral e a ideia de não acontecimento da festa de forma total, causou um imenso sofrimento, tamanha é a relação com a manifestação. Certamente a manutenção de ter, de acontecer, era o pensamento dos bragantinos em relação a negação do acesso a essas práticas, os encontros, os rituais e acabaram atingindo sobre maneira a existência de um corpo que se relaciona com toda a cultura.

Na oportunidade, ainda em entrevista, nós perguntamos sobre qual era o sentimento em relação ao ano de 2020, um ano tão atípico, por conta da pandemia, como foi para o marujo, historiador, devoto do santo preto e bragantino? Como foi não ter vivido a festa de forma adaptada, sem a realização de todos os rituais, toda essa tradição que a Marujada traz?

O primeiro sentimento foi de ruptura. Parecia que havia uma quebra na linha contínua das coisas, nós decidimos enquanto coordenação da festividade, a diretoria da festividade com o padre, repetir os juízes para o outro ano, porque não ocorreu o ritual do almoço, as promessas e se ainda for ainda permitido que a gente consiga fazer 2021, porque há um aumento exponencial do que tá acontecendo né, a gravidade chega a um pico de colapso do sistema de saúde, mas colapso da vida também. E aí o primeiro sentimento foi o rompeu aquela linha do Contínuo, então a igreja pediu que eu fizesse uma gravação e explicar isso na televisão, no rádio, Jornal, nos meios de comunicação. Na TV Cultura fizeram programa só para isso, fazer uma espécie de justificativa do atípico. E aí o padre falou da forma. Há! Mais a coisa da fé tinha que explicar tecnicamente que aquilo não era uma ruptura, nós gravamos um vídeo, tá no

Instagram, YouTube da catedral, tá no Facebook da Igreja São Benedito, no Instagram São Benedito Braganca. E aí foi um vídeo que não houve texto escrito, houve só um planejamento daquilo ali, para apresentar a festa sem a festa, então foi muito difícil falar daquilo, sem ter um roteiro. O padre disse assim: Olha! Professor, tem que justificar isso para as pessoas de fora principalmente.

Não se prepara para viver uma pandemia. Podemos dizer que ninguém se preparou para esse tipo de situação que se viveu de forma mais intensa durante todo o ano de 2020 e 1º semestre de 2021. Marujas e marujos ativos, autônomos, protagonistas, participativos, dançantes, viajantes, de uma hora para outra, “trancados” ou “protegidos” em suas residências e sem receber visitas de familiares e amigos, sem poder ir para o barracão, sem poder participar dos ensaios no barracão, sem poder participar da esmolação, sem acompanhar a procissão, sem poder rezar as ladainhas. Entendemos que nem os próprios bragantinos tinham a noção do que estava acontecendo. Uma tradição de mais de 200 anos não iria ser realizada pela primeira vez na história da cidade, fato observado na fala do entrevistado

*Eu peguei o carro, fui lá na igreja, conversei com eles, fui bem pertinho dos três né, e entreguei pra eles. já conversei com eles e já disse pra ele, eu vou fazer o que eu posso lá de casa mesmo, venho aqui depressinha, converso contigo, depois vou lá pra casa fazendo as minhas preces e deixa passar. (MARUJO “O CHAMADO”, 68 anos)*

Foi possível perceber o quanto a pandemia deixou essa angústia e atormentou a vida dos devotos que nunca haviam passado por essa privação de não participar dos rituais vivenciados por décadas e principalmente não poder “pagar sua promessa”

*Eu fiquei muito triste né, porque todo ano eu pagava minha promessa e aí este ano já aconteceu esse problema né, essa pandemia não só para mim como para muitos para uma grande tristeza, porque nós não tivemos a nossa novena como a gente vem, não teve o ensaio no barracão, não tem a dança da marujada, o principal a procissão que a gente vinha de acompanhar o santo e hoje em dia não tá tendo isso! Nossa! eu fiquei muito triste muito triste mesmo. Eu pago uma promessa a mais de 40 anos. (MARUJA PROMESSEIRA, 77 anos)*

Os últimos tempos vividos pela humanidade mundo afora, em virtude da pandemia do Coronavírus, colocaram em xeque a continuidade da vida com dignidade. Assistimos perplexos, diariamente, os inúmeros casos de pessoas que por conta da pandemia se viram longe do que esperavam e do que tinham planejado, projetado e perseguido para si. Desse modo, é possível observar a dor da perda na fala dos sujeitos

*[...] sou devota também de São Benedito é a primeira vez que tá acontecendo isso aqui em Bragança e nós estamos nos sentindo assim em relação a pandemia muito triste e em relação a festa de São Benedito muito diferente. É claro que nós temos que aceitar, que concordar porque não é coisa nossa né, isso vem da natureza, que nós não sabemos de onde mas, nós nos sentimos muito triste por causa do que como você acabou de dizer, nós aqui hoje estaremos cercada de tantas pessoas com roupas azul que hoje é o dia do menino Jesus então a roupa que eles trajam as marujas e azul deveríamos que cercados de marujos e marujas, mas não, estamos sozinhos, você vê né, estamos sozinhos aqui[...]* (MARUJA PROMESSEIRA, 77 anos)

Diante disso, percebe-se que neste processo de enfrentamento a uma pandemia, fomos convidados a nos reinventar para poder continuar. Em 2020 a festa de São Benedito aconteceu de uma forma adaptada. Pela primeira vez não se bailou nos salões, pela primeira vez os contatos físicos foram evitados. O que nos parecia tão simples, hoje já não é mais. A reação de medo, espanto e ao mesmo tempo agradecimento é transmitido apenas com o olhar que dizia tudo naquele momento, pois as palavras faltavam.

Antes da pandemia, a programação religiosa era formada por missas, novenas, ladainhas, procissão fluvial e terrestre. A programação cultural contava com rituais de apresentações da Marujada, shows católicos de bandas e cantores regionais. Por conta da pandemia da Covid-19, a festividade do glorioso São Benedito de Bragança, a de número 222 que agrega a marujada de Bragança, não foi realizada conforme os costumes e como a tradição manda. Foram cancelados todos os eventos que geravam aglomeração. Foi programado que no dia 26 de dezembro de 2020, fariam uma carreata, ou seja, um passeio em carro aberto, com a imagem do Glorioso São Benedito, pelas ruas de Bragança e em seguida finalizaria com uma missa campal em um lugar amplo, na estação cultural Armando Bordalo da Silva.

Na oportunidade estive lá acompanhando com muita atenção tudo o que acontecia naquele dezembro de 2020. Percebo então, que a própria diretoria/coordenadorias/presidência da Irmandade e todos os que estavam à frente da organização, com toda certeza não vislumbravam a quantidade de carros, pessoas trajadas, a movimentação causando uma enorme aglomeração e assim quebrando todas as orientações dos órgãos de saúde local, regional e nacional a respeito das medidas de distanciamento social.

Mesmo que a máscara facial, item indispensável na proteção contra o coronavírus, compunha, naquele momento o traje da maruja e do marujo, mesmo que o álcool em gel acompanhasse cada indivíduo naquele momento, mesmo que a intenção fosse não aglomerar,

ainda assim, entendemos que houve negligência por parte da população. No entanto, o devoto conseguiria pensar em uma possível não participação? A organização que tinha em sua fala “precisamos proteger a Marujada” foi surpreendida e “pega de surpresa” segundo os relatos

Quando eu vi aquela quantidade de gente, eu estava com o padre e disse a ele: Nós vamos ser presos. Aí o Ministério Público me chamou, eu tenho uma carta de autorização, tive que justificar aquilo tudo, não era para chamar carreata, era um passeio em carro aberto com São Benedito. Então o Juíz estava em cima, nós fomos muito pressionados. Então existia por um lado aquele sentimento ruptura, eu estava sofrendo pessoalmente porque meu tio estava internado e ele era a minha referência em todos os sentidos e tinha esse problema que estava acontecendo com essa pandemia e a justiça em cima da gente. Quando eu recebi a ligação do Ministério público aí eu fiquei preocupado com a minha, como eu ia proceder, de que forma, tem essa questão da autoridade da Igreja que fica no ambiente, parece que de uma hierarquia máxima, ninguém mexe. Mas, quando a justiça falou, não! então eu tive que dizer: Olha! até aqui, que se cumpra o que a justiça determinou. Eu tive que chamar todo mundo e assim audiência com prefeito, audiência com a polícia, audiência com de bombeiro, ficar no mesmo dia correndo e ir para Live para poder assistir “Vou cantar São Benedito” e aí como coordenador da festa, a pressão daquela coisa, tem que dançar, tem que dançar. Não tem que dançar, não pode. Esses mundos me agoniaram muito. (DÁRIO BENEDITO, 2021)

De repente tínhamos marujas e marujos isolados ou “protegidos” em casa, fazendo ao santo preto promessas para que tudo pudesse voltar ao normal, mas tudo que tínhamos era um “novo normal”. Não foi possível dançar. Os músicos, tocadores de rabeca fazendo shows virtuais, as famosas “lives”. Em relação às máscaras, esse acessório hoje é necessário e de uso obrigatório, estamos aprendendo a utilizá-las e com isso os sorrisos ficam debaixo de um pano branco ou estampado. A comunicação agora é feita pelo olhar e esse às vezes pode ser revelador ao encontrar pessoas, mesmo com 2 metros de distância. Olhares que se cruzam e às vezes revelam medos e angústia.

De acordo com Ramos,

A vida não é algo acabado e pronto, por isso, ganha-se, mas perde-se, a cada instante, o que se ganha, construções e destruições a perfazem, formas e deformações a constituem. Tudo parece se criar e morrer, em um movimento contínuo, sem se perpetuar em seu movimento em direção a si mesmo e, sequer, em direção a qualquer ponto de partida ou de chegada (2012, p. 225).

É importante ressaltar que as ações antrópicas nas relações entre marujas (os) e a marujada como manifestação cultural reconhecidos como grupo social, são fundamentais para a qualidade de vida dessas pessoas. Por meio dessa relação, entende-se a falta de compreensão e a insatisfação desse segmento com o não acontecimento dos rituais da marujada acontecerem de forma adaptada às novas realidades do “novo normal”, conforme o relato

*Olha! Podemos dizer que estamos assim, foi uma coisa tão chocante né para todos, mas a gente agradece por estarmos todos bem, por estarmos vivos né, tivemos algumas perdas de dentro*



*da marujada, tivemos inclusive recentemente tivemos um amigo que Deus nos deu, de muitos anos que dançava. Muito triste, mas assim, durante esse ano tentamos fazer o máximo para nos guardar com todo o maior cuidado né. Para que pudéssemos pelo menos vivenciar, sabemos que não vamos ter a dança não vamos ter toda aquela confraternização para nós, como acontece no final do ano junto com o Natal. Não deixa de ser a nossa confraternização a nossa grande confraternização. Não! não é tudo. Temos que nos adaptar devido essa pandemia o coração fica apertadinho por não realizar a festa como deveria ser, mas louvamos e agradecemos a Deus pela intercessão de São Benedito por estarmos todos aqui, vivendo esse momento diferente registrando e com a esperança de que uma vacina já esteja a caminho mesmo. Como estamos vendo nos meios sociais né, para que esse outro ano seja possível e podemos fazer diferente, mas assim não esquecer de que ainda com essa vacina vindo, a gente tem que ter o máximo de cuidado, para que a gente não possa vir a perder mais membros né, os amigos parentes conhecidos por conta da pandemia. Mas, é um momento de fé e para agradecemos, estamos dá para fazer tudo. hoje teve duas celebrações acredito para não ter que arrumar muita gente, mas ainda se os devotos vêm, como nós eu disse assim: meu Deus será que esse ano não vou poder me vestir nem de Maruja para ir lá mas teve a missa. hoje então vou me vestir hoje na carreata não vou estar de manhã porque já vem fazer meu momento de agradecimento aqui por estarmos vivos por termos a chance a honra de celebrar mais uma festividade com restrição, mas estamos aqui graças a Deus para esse momento de agradecimento com todas as graças alcançadas por intercessão de São Benedito. (MARUJA AUTORIDADE, 63 anos)*

Segundo Damatta (2010, p. 56), “pode haver cultura sem sociedade, embora não possa existir uma sociedade sem cultura”. Nota-se uma grande preocupação durante as falas dos organizadores da festa não só com a ruptura de uma manifestação cultural, mas também com o povo, com um grupo especial da marujada, as pessoas que fazem parte da marujada, em especial as pessoas idosas. Era evidente a tristeza, a angústia por conta do adoecimento de seu povo e o falecimento de alguns marujos e marujas. Entretanto também foi possível perceber a esperança da chegada da vacina, de controle da doença e da possibilidade de um dezembro de 2021 diferente.

Entendemos por antropia a ciência que estuda a antropização, que seria a ação do ser humano sobre o meio ambiente. E ação, ato de resultado da atuação. A antropização, ao meu entender, pode ser definida como qualquer modificação, seja ela de forma consciente ou

inconsciente. Acreditamos que houve uma antropização na cultura bragantina. Houve uma transformação do ambiente, uma ação positiva para os devotos que expressaram a sua fé e uma ação negativa dos que desrespeitaram as normas de saúde que o contexto exigia. Essa ação poderia afetar cada grupo dentro das relações hierárquicas entre eles. Podemos falar de uma antropização quando a mudança se torna perceptível para quem observa. Corroboramos com Fernandes; Fernandes quando diz

Antropia e antropização são termos que não apresentam regularidade em língua portuguesa, uma vez que nem todos os dicionários, pelo menos no Brasil, consideram suas existências e usos. Todavia, pode -se encontrar, particularmente nos meios de consulta na internet, referência á antropia como ciência que estuda a antropização, e esta como processo de transformação do meio ambiente provocado pela ação humana[...] (2018, p. 96).

Ainda segundo o autor,

Já o termo antrópico é mais frequente, inclusive apresentando-se, em alguns dicionários, como adjetivo que apresenta dois sentidos: a) relativo ou pertencente ao homem ou ao seu período de existência na terra; e b) relativo à ação do homem e às modificações provocadas por este no meio ambiente [...] (2018, p. 96).

De acordo com Fernandes e Fernandes, no artigo intitulado *Personas e Hábitos: estudo de perfis antrópicos na Amazônia Oriental*, pensar a antropização é necessariamente considerar a interação entre grupos distintos que utilizam o mesmo espaço (2018, p. 88). Firmam que:

[...] para uma adequada proposição de um conceito de perfis antrópicos é necessário que todas as variantes apontadas – histórica, social, antropológica, ambiental – sejam consideradas, sem maior ou menor relevância, somente crendo que a condição básica do humano é a criação para sua transformação, de seus pares e de seu meio, mediante o trabalho instaurador da cultura e ferramenta de ação no meio; então a antropia.

Ainda de acordo com os autores,

Antropia e antropização são termos que não apresentam regularidade em língua portuguesa uma vez que nem todos os dicionários, pelo menos no Brasil, consideram suas existências e usos. Todavia, pode-se encontrar, particularmente nos meios de consulta na internet, referência a antropia como ciência que estuda a antropização, e esta como processo de transformação do meio ambiente provocado pela ação humana, podendo ser um processo construtivo ou destrutivo [...] (FERNANDES; FERNANDES, 2018, p. 96).

A antropização tem a ver com intervenção. Na Marujada existe uma presidência, uma organização, grupos ou um grupo e ele intervém, desloca as pessoas em um contexto sociocultural para se encontrar com essa manifestação. Uma ação política, desenrola um conjunto de ações para que o coletivo tome forma. O aprendizado do conhecimento ancestral. Esse movimento religioso, político, cultural transforma a cidade, muda os pontos de vista dos bragantinos e dos visitantes, muda o modo de se relacionar com a cultura, redefine a identidade e isso é ação do homem na natureza. Nós somos natureza.

Tomo aqui a discussão de não podermos restringir o antropia à ação do homem na modificação do meio ambiente, nesse sentido mais restrito que conhecemos no sentido de desmatar, queimar, criar, plantar, cultivar. É tudo isso, mas também, tudo aquilo que transforma a vida do homem no sentido cultural identitário, ação do homem do ponto de vista do meio ambiente como uma produção que é do meio natural, mas também do meio social, político , cultural. Tudo isso está constituído.

## 6 OUVINDO AS VOZES PARA VIVENCIAR AS EXPERIÊNCIAS.

- Com tantas palavras  
assim elogiosas  
que a este marujo  
e a Irmandade enaltecem,  
só posso dizer-te,  
meu branco, obrigado!  
marujas e marujos  
Ao visitante agradecem!

(CASTRO, 2000. p. 25)

Figura 25 – Entrevista na pesquisa de campo



Foto: Acervo pessoal(2021).

Diante da riqueza que é a manifestação cultural da Marujada, da importância da dança do Retumbão em relação às demais danças e da resistência da pessoa velha em manter as tradições que o povo bragantino (re)siste, quais seriam as memórias que constroem e sustentam as identidades de marujas e marujos, velhas e velhos, a partir da dança do Retumbão, para assim compreender os lugares desses sujeitos e seus corpos velhos na marujada, bem como as variabilidades, negatividades, contradições, oposições, acasos e dispersões presentes para análise. Após a transcrição de todo o material das entrevistas, após identificarmos as relações

dos suas falas, vale ressaltarmos que é indiscutível a devoção, amor e fé que o povo tem em relação ao santo preto.

Para a realização da análise do conteúdo, elaboramos o texto construído a partir dos relatórios das observações, do diário de campo, da transcrição da gravação das entrevistas, entrevistas individualizadas e o acompanhamento de todos os rituais apresentados de forma adaptada. Analisamos também as implicações (interferências na produção das falas) ocasionadas pela entrevistadora e pela situação de entrevista, além dos ganhos que os entrevistados estavam obtendo com a concessão da mesma. Ao finalizar o processo, pudemos, enfim, tratar os dados coletados e analisarmos os sentidos de suas memórias e identidades.

Acreditamos que um povo sem memória não há como ter continuidade em uma tradição e todos os rituais que acompanham as experiências culturais. Percebemos que existe um grande interesse das pessoas idosas em querer manter as raízes dessa festa, assim como manter a tradição repassando o conhecimento e tentando proteger ao máximo do que vem de fora para as outras gerações. A marujada antes de estar no salão, ela está na memória das pessoas.

A entrega e devoção das pessoas velhas que participaram da pesquisa, demonstrou a partir de suas falas, ir além do entendimento que uma pesquisadora possa supor em entender. A percepção que as pessoas velhas têm da sua importância no esteio desta manifestação ainda não é clara para todos. Todas dançam, todas louvam, porém ainda não percebem que existe um grande preconceito existente por outros segmentos em relação ao corpo envelhecido. Ainda não estão conscientes do poder que eles têm em relação a tudo que envolve a festa. Ainda assim, muitos são submissos, não questionam, não reivindicam, não opinam, não propõem. Falta coragem para enfrentar, falta coragem para falar. O silêncio e o medo dos guardiões da tradição, ainda os aprisiona. Durante as anotações no diário de campo e nas entrevistas, existia comentários com as frases *“Eu não gostaria que eles soubessem que eu falei isso”* e *“Eles não vão saber que fui eu quem falou isso, não é?”*. Acreditamos que talvez por medo de sofrer retaliações futuras. O curioso é que “Eles” acreditamos estarem falando de presidência ou autoridades da Irmandade, que são todos pessoas idosas. Existiria então a relação de “opressão” dos velhos para com os “oprimidos” velhos? Chamava-nos também atenção a frase *“Eu sempre faço as reclamações e até é comentado nas reuniões/assembleias, mas fingem que não escutam quando é um problema levada por nós velhos”* Talvez por esse motivo são subestimados em relação à autonomia, ao protagonismo e às possibilidades e potencialidades.

Ao tratarmos sobre o tema corpo velho no Retumbão, suas memórias e identidades nas entrevistas que eram individuais, destacamos nas falas das marujas(os) os aspectos marcadores

potentes em relação a rituais, indumentárias, sentimentos e termos/conceitos próprios da região e da manifestação cultural relacionados com a dança do Retumbão.

Durante a pesquisa, conseguimos fazer uma análise das falas e constatou-se que as memórias que constroem/sustentam as identidades de marujas(os), velhas (os) podem ser analisadas por dimensões, a saber:

**Dimensão Artística:** Danças, Indumentárias e Artesanato.

Analisando as falas chegamos à conclusão de que a dança do Retumbão é a principal dança da Marujada, porém não é a preferida por todos. Para os sujeitos que fizeram parte da pesquisa é possível perceber a divisão nas opiniões. Como podemos ver,

*Da Marujada acho que a dança mais importante é o Retumbão .  
Agora pouco eu danço essa dança lá, mais de vez em quando né...  
(MARUJA DANÇARINA, 74 anos)*

Ao contrário percebemos em outra fala,

*Eu já dancei quase todas as danças, mais o Retumbão eu não gosto muito. Eu acho muito bonito, é muito bom olhar os outros dançarem, é uma dança importante para a Marujada, gosto de ver, mas eu mesmo, pra mim, acho que não sei dançar muito.  
(MARUJO “O CHAMADO”, 68 anos)*

Foi possível também concluir que o medo em dançar o Retumbão, traz um estado de tensão entre os participantes, pela cobrança exigida na coreografia perfeita, o “não pode errar”, “errar fica feio” para a Marujada, ainda é um fator importante. A execução da dança que deveria ser uma ação prazerosa, acaba tornando-se angustiante. Outro fator que chamou atenção durante a pesquisa e foi recorrente na fala dos entrevistados foi “*tem marujos velhos que não sabe dançar o Retumbão até hoje*”. Conseguimos visualizar dois problemas em relação a esta questão, um seriam as limitações dos idosos, por muitas vezes não compreendida pelos próprios idosos da Irmandade, o outro seria a vergonha de ser exposto caso erre os passos e assim possa de alguma forma atrapalhar a “plasticidade” da dança. É possível verificar nas falas,

*Eu tinha medo porque achava que ia errar e a gente fica com vergonha de errar. (MARUJA IRMANDADE, 69 anos)*

*eu conheço maruja que tem 40, 50 anos dentro da Marujada e não sabe nem dançar o Retumbão. A pessoa vai pra lá e fica o tempo todo sentada naquele banco, não dançam o Retumbão, não dançam uma mazurca, então o que é que vai fazer pra lá?*

*Tem que aprender, não é? (MARUJA INDUMENTÁRIA, 77 anos)*

Hoje, o artesanato está muito representado no chapéu da maruja. Hoje, mulheres velhas da Irmandade são responsáveis pela produção desses chapéus, além de repassarem esse conhecimento para suas gerações. O chapéu da Marujada é sem dúvida a peça mais cara que compõe a Indumentária de uma maruja. Ser artesã, tornar-se uma artesã, seja para atender uma necessidade da família no sentido de minimizar os custos, ou para pagar uma promessa trabalhando para as questões sociais, como doações ou realização de oficinas para transmitir o conhecimento da técnica, é sem dúvida uma questão a qual marujas velhas têm o seu lugar ocupado na Marujada. A arte do fazer está representada na fala,

*[...] aprendi a fazer chapéu, porque a minha família é muito grande e aí o chapéu é muito caro e só o que é caro né, da maruja o que é caro é o chapéu, comecei a fazer chapéu para minhas netas, para minhas filhas e aí eu hoje já não faço mais porque dá muito trabalho, a gente perde sono, a gente só não deixa totalmente por que o pessoal fica no pé da gente. (MARUJA INDUMENTÁRIA, 77 anos)*

Aprender para poder ensinar e depois doar, essa prática também pode ser vista por mulheres velhas da marujada, vejamos a importância de repassar este conhecimento

*[...] a primeira coisa que eu ia fazer era aprender uma atividade dentro da marujada, para fazer doações para ajudar as pessoas, aqueles que não podiam porque a marujada tem uma identidade muito forte. Aí eu via a situação de certas pessoas e aquilo me atraía sabe assim, aí eu peguei o chapéu, olhando minha irmã fazendo né, fui aprendendo aos poucos e aprendi e cumprir com minha promessa, então quando eu sair a primeira vez aí eu não tive como voltar. Só a morte me tira de lá (MARUJA ARTESÃ, 70 anos).*

O rigor, exigido em relação à indumentária é perceptível durante toda a festa, independentemente da idade ou posição social. Mulheres jovens, adultas ou idosas devem estar como manda a tradição, com as saias cobrindo o tornozelo, os tons de azul e vermelho corretos, as blusas brancas de cambraias com o decote quadrado, os acessórios como brincos e pulseiras que enfeitam uma maruja, afinal de contas foi unanimidade em todas as falas preferidas pelos sujeitos da pesquisa “*maruja sem enfeites, não é uma maruja*”. Após a análise das falas, concluímos que nada diferencia a mulher velha em relação ao desejo de estar com sua

indumentária completa, maquiada, enfeitada. O corpo velho deseja, as marujas velhas também são vaidosas, preparam-se durante todo o ano, para sua participação na festa.

A simbologia que traz a Indumentária das marujas é algo que transcende o nosso imaginário. Ao colocá-la, o que acontece quase como um ritual, cria-se um respeito que existe à vestimenta que nos revela até mesmo uma mudança de postura no comportamento. Vejam,

*[...] e eu sempre digo que eu gosto muito da molecagem, mas quando eu boto a minha roupa, acabou a brincadeira, isso aqui para mim é um símbolo! (MARUJA COMITIVAS, 62 anos)*

*[...] os marujos mesmo eles reclamam para mim quando chega uma maruja com a saia muito curta, mostrando o pé, porque fica feio mesmo né. Então eles reclamam logo, capitoa, a senhora não tem uma pedaço de pano para dar para aquela maruja, para ela porque a gente já tem aquele costume da saia cobrindo o pé e quando aparece uma maruja com a saia mais curta todo mundo repara logo, para eles não tem isso porque eles mesmo reclamam que a maruja tá mostrando o pé. (MARUJA AUTORIDADE, 63 anos)*

#### **Dimensão Religiosa:** Promessa, Comitivas e Ladainha

Através da memória dos entrevistados foi-nos revelado que as promessas podem se dar de várias formas, entre elas as relacionadas à questão de saúde da infância à velhice. Era comum os mais velhos fazerem promessas para seus familiares mais próximos pagarem. Os pagamentos consistiam em vestir-se de marujo e acompanhar a procissão; dançar para São Benedito nas apresentações da Marujada; assistir à missa vestido de maruja (o); se tornar Juíza ou Juiz da festa e assim patrocinar o almoço para as marujas (os) da Marujada; sair em esmolação com as comitivas; entre outros. O que ocorre, segundo os sujeitos entrevistados, seria uma espécie de encantamento, que mesmo que a promessa seja para realizar em apenas um ano, você não consegue mais deixar de seguir o Santo preto. Você sempre volta! Acredita-se que nesse momento também aconteça “o chamado”. Pois, *[...] da feita que você vai pagar uma promessa, que você pagou, você gostou, que você sentiu aquilo, você não quer mais sair, você quer ficar. (MARUJA ARTESÁ, 70 anos)*

Ou ainda,

*Começou há mais ou menos 40 anos ou mais. O meu filho ficou doente, então ele quase morre, ficou muito mal foi à beira da morte, gastou 3 balões e meio de oxigênio, o médico mandou para casa, que não tinha mais nada para fazer. **Aí uma senhora disse faça uma promessa para São Benedito**. Eu disse que se ele deve ser meu, eu vou ser Maruja o resto da minha vida, enquanto eu vida tiver eu serei maruja por gratidão e ele vai pagar essa*



*promessa também. (MARUJA IRMANDADE, 69 anos, grifo nosso)*

***Eu fiz uma promessa para sair de maruja** , eu tinha 15 anos e aí meu pai não deixou. Aí eu chorei, chorei, mas não teve jeito. Aí quando eu me casei, já quando eu fui ter o quinto filho, aí eu cá sabe, tava gestante de 8 meses, aí eu não sei como eu não morri, porque ele ficou preso dentro de mim, aí eu agoniei, agoniei e depois que eu tive a criança e saía aquelas bolas de sangue duro. Eu não sei como eu não morri. (MARUJA DANÇARINA, 74 anos, grifo nosso)*

Entendo por devoção, um culto particular que pode ser pessoal ou comunitário, como entrega ou consagração de si mesmo ao amor de Deus e depois ao de um santo, nesse caso, o povo bragantino por uma identificação com o santo filho de escravizados, pobre, preto, analfabeto, solidário e humilde. Em relação à devoção, todos os sujeitos da pesquisa são devotos de São Benedito, por muitos, devoção herdada dos pais ou avós, geralmente pessoas velhas, que viveram intensamente a louvar e agradecer ao santo. Outros, tornaram-se a partir de convivência na prática de rituais religiosos através da igreja, como podemos observar nas falas

*Na minha infância, quem era muito **devota**, era a minha avó. Eu andava muito com ela, mas aí quando ela morreu, ela até queria deixar uma neta. Eu fiz uma promessa aí eu gostei e aí tô até hoje. (MARUJA INDUMENTÁRIA, 77 anos, **grifo nosso**)*

***Sou uma devota ! Vixe! Não sei nem quantos anos eu sou, começou assim, eu era só promesseira, ia lá e tal e tal, terminava a procissão e eu ia embora pra casa, era só assim né, depois que nós entramos para o quadro, aí começamos a pagar uma mensalidade todo ano. (MARUJA DANÇARINA, 74 anos, **grifo nosso**)***

Percebemos interesses diferentes em relação às comitivas, marujas (os) que acompanham as imagens para os campos, as praias e as colônias, por ser tradição na família, tendo a oportunidade de acompanhar da infância até a sua velhice. Em relação a essa prática, a Maruja Comitivas, vivencia e se considera uma baluarte na ação. Outros apenas acompanham as saídas e chegadas das comitivas, outros acompanham os rituais da esmolação realizados pelos esmoladores que saem em comitivas. Nessa perspectiva,

*Na minha infância porque eu **gostava muito de estar me manifestando dentro das comitivas** junto com meu pai, junto com a minha mãe (silêncio e em seguida choro), porque eu era uma garota travessa, gostava de brincar, perturbava um, perturbava outro, hoje, só tem uma pessoa lá dentro: é tio Zé*

*Honório, a minha lembrança ainda agora eu tava falando com ele aqui (seu irmão acamado) (MARUJA COMITIVAS, 62 ano, grifo nosso)*

*[...] Aí eu entrei para irmandade, participo da missa, da novena, **quando o Santo sai a gente vai na comitiva, no santo dos Campos, o santo da praia, o santo da colônia, nós vamos nas comitivas** e eu me sinto muito feliz e quando chega o mês de dezembro, esse ano que não teve foi uma grande tristeza para todos nós marujos bragantinos. (MARUJA IRMANDADE, 69 anos, grifo nosso)*

*[...] vou até o fim até o final a gente vai deixar andando longe ele vai ficar primeira noite Vamos para lá quando ele chega o que é para entrar na cidade, **nós vamos também ficar nas comitivas a chegar e ver à saída.** (MARUJA PROMMESSEIRA, 77 anos, grifo nosso)*

#### **Dimensão Sociocultural:** Autoridades, Irmandade e Tradição.

Dos 12 pesquisados, quatro são consideradas autoridades da Marujada, reforço aqui que os quatro são pessoas idosas, estas lideram, organizam, comandam, e por serem responsáveis em manter a tradição de uma festa, trabalham também para que não haja invasão de culturas externas e que ameacem a cultura bragantina, são considerados arrogantes, mandões, autoritários e sérios demais. Podemos destacar nessa fala,

*Me sinto constrangida para chamar atenção, mas **me sinto no dever de chamar atenção** , mas graças a Deus, tem pessoas que vive ali dentro mesmo, eles já sabem que se eles pisaram na bola, eu chego lá eles: Não! tá bom, vou ajeitar né. Tem pessoas que acham que a gente tá errada, tem pessoas que vem só naquele dia né. (AUTORIDADE, 63 anos, grifo nosso)*

*Só tem a nossa responsabilidade que nós temos entre capitão, vice capitão, capitoa e vice capitoa. A responsabilidade de manter a nossa tradição, isso não tem dinheiro que pague. Eu sou devoto de São Benedito. Nós temos um companheirismo. (MARUJO LADAÍNHA, 64 anos)*

A cobrança da marujas mais antigas vem da experiência e bagagem por muito já vivido dentro da Irmandade, todas, independentemente da idade precisam “obedecer” e respeitar, sentem-se com o direito de cobrar, quando percebem que algo está errado. Em relação a isso,

*[...]mas a gente chega sempre com aquela pessoa e diz: **olha, para você entrar aqui, para você ser daqui, aqui você quer aceitar tudo isso, as normas, as regras** . Porque você vê uma mocinha maruja, ela é muito para dançar, porque o pessoal quer ensinar ela né, dão muita atenção, a gente fica olhando ver até o limite*

*que chega, e tem umas que consegue se adaptar junto com gente, entende? fazer a mesma coisa que a gente faz, sentar, comportar. **Por que dentro, a gente observa tudo** . (MARUJA ARTESÃ, 70 anos, grifo nosso)*

Podemos comparar a autoridade como uma espécie de entidade que ganha forma em um determinado tempo e é registrada através de um conjunto de questões materiais, corporais, administrativas e lugar. Conseguimos identificar após falas dos sujeitos, **as faces da Autoridade** e acreditamos que nesse contexto, elas podem ser identificadas por,

#### **Autoridade Máxima e Vitalícia:** Capitoa

*Na Marujada, **eu sou a autoridade máxima** , eu me sinto ser uma pessoa muito além de ser uma responsável, eu sinto muito a responsabilidade né! porque na festa eu tomo conta de tudo qualquer coisa pessoalmente, agora é... eu sou uma pessoa muito assim, de não querer julgar uma pessoa, uma autoridade né eu me sinto assim... quero dizer assim para chegar perto da pessoa e chamar atenção (MARUJA AUTORIDADE, 63 anos, grifo nosso)*

#### **Autoridades do conselho diretor:** Capitoa, Capitão, Vice-capitoa e Vice-Capitão

*Fica a critério do capitão e da capitoa. Ela que decide, ela que escolhe, ela que chama. Até porque eu digo assim: Nas danças, eu deixo eles fazerem a tradição. Então, por exemplo se eles escolhem, ele que escolhe a ele que dança, convida alguém para dançar eu não eu não meto, porque como diz assim, eu sou da parte administrativa, a dança e as outras coisas é ela quem decidi. (MARUJO “O CHAMADO”, 68 anos)*

*[...] Eu tenho confiança no trabalho dele, eu tenho confiança no trabalho da capitoa e tenho também confiança no trabalho de vice capitão. Lá o que vale é o nosso respeito, lá é que a senhora aprende a respeitar, lá ninguém é mais do que ninguém, lá tudo é igual, lá todos somos irmãos, lá é só uma irmandade, então eu tenho orgulho desse trabalho. (MARUJO LADAINHA, 64 anos)*

*[...] eu tô cansado, eu deixo vocês aí, Capitoa! Capitão! assumam aí eu vou lá em casa e volto. Não, não, não! fica aqui. Mas, se tu quiser ir tomar um banho de pressinha e volta vem aqui. Eu acho assim, pelo respeito que eles tem por mim, pelo respeito que eu também tenho com eles, eu não sou aquela pessoa de chamar atenção dele no meio do salão ali, quando tem alguma coisa eu sempre procuro deixar, eu começo a reunião de avaliação e depois eu vou fazer a minha avaliação eu sempre digo assim: Enquanto eu tiver vida e assim disposição eu vou estar aqui com*

*vocês, agora quem sabe um dia né, vamos pra frente, mas enquanto eu puder e tiver condições eu vou lá, porque gosto.(MARUJO “O CHAMADO”, 68 anos)*

*Ali dentro da marujada nós todos somos iguais, ninguém é privilegiado. A verdade é essa, ninguém tem esse privilégio . Agora como **a da hierarquia da marujada nós temos um estatuto**. A hierarquia fala assim: Retumbão, inicia-se com o capitão e chorado inicia-se com Capitão, então devido a isso, cabe esse privilégio para cima de mim como Capitão. (MARUJO TRADIÇÃO, 65 anos)*

**Autoridade Administrativa:** Presidente da Irmandade, Secretário, Conselho permanente, conselho diretor

*Olha! Eu acho que sim, eu não queria assim dizer eu me sinto importante, porque eu gosto, eu quer estar lá, se é pra tá numa ladainha, eu tô lá, se é pra tá num ensaio eu tô lá, eu quero estar lá. Eu acho que sou uma pessoa importante e não é por que sou o presidente é uma pessoa que tá dando continuidade numa tradição e que está mantendo uma tradição. (MARUJO AUTORIDADE, 68 anos)*

*[...] eu acho que eles têm muito respeito por mim, eles têm aquela preocupação, de verem assim por exemplo: o Careca naquela mesa sentado é igual o pai dele o Arsênio fazia. Tem uma marujada que diz assim; Quando eu entro no barracão e olho para aquela mesa, eu vejo você sentado, como eu tô vendo o Arsênio, então eu vejo um respeito muito muito, deles (MARUJO “O CHAMADO”, 68 anos)*

**Autoridade Acadêmico Científica:** os estudiosos, historiadores, pesquisadores, consultores e escritores que pesquisam sobre a temática Marujada. Muitos desses pesquisadores e historiadores que já não estão entre nós, continuam a influenciar as marujas e marujos a manterem religiosamente o mesmo culto e não permitir interferências na manifestação de toda a população bragantina, mesmo que essas agradem aos marujos. Isto é, os donos do santo permanecem enraizados à transparência cultural. Conforme descrito,

*Hoje eu estou como coordenador da festividade, nomeado pela Igreja desde 2017 para 2018, quando foi feito a transição. Então há ali uma mistura de coisas, que eu não consigo dissipar, eu sei quais são as minhas funções e meu lugar em cada uma delas mas tem um momento é que tudo isso se juntam, então é o pessoal, profissional, acadêmico e devocional (o devoto), tem uma hora que todas essas coisas se juntam, mas eu sei que é algo bem, de por exemplo, eu tive que tomar decisões contra as minhas convicções pessoais, pessoal, não moral, nunca tomaria uma decisão antiética com o João junto com o João e com o padre (Prof. Dario Benedito, 2021)*

**Autoridade Guardiã da Tradição:** as velhas (os) marujas (os) do quadro que se propõem em manter a tradição da manifestação cultural resistindo às mudanças repassando seu conhecimento as outras gerações. Grande parte de sua “pureza” se deve aos “guardiões” da tradição, pessoas influentes que moram em Bragança e exercem repressão às tentativas de interferência de outras culturas. Tentar a todo custo preservar essa tradição não é de todo negativa, pelo contrário, graças a ela a manifestação consegue se manter aberta o suficiente para sobreviver e representando de forma fidedigna a identidade dos bragantinos e defendida o suficiente para impedir uma interferência que a torne somente uma simples atração superficial, relatada por muitos marujos nas entrevistas

*[...] Seu Arsênio era muito rigoroso nesse sentido. Vai pagar a promessa? vai levar seu filho para pagar promessa? então terminou a missa, vai pra casa. Dia 26, à noite, á tarde, terminou a procissão, é pra casa, lugar de criança é em casa, era assim, existia aquele respeito, hoje em dia a criança vai pra lá, passa o dia todinho na marujada conosco brincando, é o futuro da marujada, é a continuação da marujada entendeu? (MARUJO TRADIÇÃO, 65 anos)*

*[...] Agora que tem mais importância para mim, porque eu penso assim, se eu não fizer bem, os que estão chegando vão fazer pior, porque se você não procurar direcionar essa Juventude não quero menosprezar não, mas essa Juventude é igual aquela música dia muito transviada né de: eu sei, eu faço e se não tiver um direcionamento e eu posso para orientar para colocar no eixo como se diz, aí tudo vira bagunça, entende? (MARUJO TRADIÇÃO, 65 anos)*

*Eu sou uma “baluarte” a palavra correta que vou usar, Então quer dizer que eu sou reconhecida das crianças aos idosos, carinho que eu passo aonde eu chego, Maranhão, Viseu, é colônia. Eu morro desse mundo e vai ficar tudo registrado. (MARUJA COMITIVAS, 62 anos)*

*[...] Tem idosa que chega para dançar e jovens também. Todo mundo levando os mesmos costumes da gente, a tradição né, porque a pessoa quando entra ali a gente segue umas normas, então quando chega: como é para mim dançar marujada? eu tenho uma eu vou vestir a minha roupa é como? né sempre a pessoa come ela vai com o careca ou se eu tiver lá vai comigo e a gente e vai ver como é a nossa norma. (AUTORIDADE, 63 anos)*

*Eu falo muito sobre isso aí ela às vezes, ela diz: Poxa Zé maria, as vezes as pessoas te chamam de chato, para mim não interessa, quem gosta da marujada sou eu, os outros têm que ou respeitar*

*a marujada ou não vai continuar conosco. É porque ali, desde que eu cheguei eu respeito, desde eu cheguei eu comecei a respeitar, dos mais novos aos mais velhos. Sempre respeitei ali dentro. Então esse respeito eu exijo ali dentro hoje em dia, enquanto eu estiver ali dentro, eu vou tá pedindo, exigindo que faça isso também. Porque é a identidade nossa da marujada, isso é a nossa identidade. (MARUJO TRADIÇÃO, 65 anos)*

**Autoridade Afetiva:** Colaboradores, contribuição no trabalho voluntário, compromisso social, músicos

Mas você entendeu que eu tenho essas funções sociais, entende? Não é Departamentalizados, elas se confundem, eu sou uma pessoa só, existe um histórico de entre cada uma dessas coisas, então eu ajudo a igreja, nessas questões sobre São Benedito e a igreja enquanto a administração da igreja tem um respeito muito grande pelo meu trabalho (Prof. Dário Benedito, 2021).

[...]e fui buscar um pouco das origens da minha devoção, já tem muito do meu tio que é Benedito Lázaro Rodrigues, Então ele me informou de como era a devolução da minha família com relação a São Benedito, a situação de autoridade moral do meu avô em relação a isso, eu vi como meu avô tinha um apressado por São Benedito (Prof. Dário Benedito, 2021).

Então eu queria trazer isso para a realidade de hoje para pessoas saberem e foi misturando quando a minha mãe me levou para a arrumação do andor de São Benedito década de 90, a minha mãe tem esse ano que passou não, lógico por conta da pandemia, não foi, mas se eu não tô enganado 82, 83 a mamãe vai fazer praticamente 40 e poucos anos para ajuda a organizar o andor de São Benedito. Das pessoas que estão lá, ela é a mais antiga. O seu Arsênio foi chamar ela na escola bem aqui onde é o Barracão, HÁ! Professora a senhora é muito ajeitada aqui com as coisas da escola, ajuda a gente a fazer a arrumação do andor e o resto das pessoas foi morrendo e ela me colocou no negócio (Prof. Dario Benedito, 2021).

**Autoridade Capitalista:** Juiz e Juíza da festa, conselho fiscal, beneméritos e patrocinadores.

A festividade é composta, dentre outras coisas, por dois juízes, um homem e uma mulher. Esses juízes são como uma espécie de “patrocinadores” da festa, responsáveis pelo custeio dos almoços oferecidos nos dias 25 e 26 dezembro, visto que nesses dias a festa tem longa duração, chegando a durar o dia inteiro. Observando o histórico desses juízes, descobrimos que a maioria deles faz parte da elite bragantina ou vem de famílias tradicionais da cidade. É inegável que o posto de juiz na festa traz um grande status social. Outro fato é que só pode ser juiz uma vez na vida, portanto, mais do que uma autopromoção, o fato de ser juiz acarreta uma grande promoção familiar, visto que, várias pessoas de uma mesma família já foram juízes.

**Autoridade Política:** Além de todos esses elementos econômicos e políticos que se transformam em marujadas dentro da própria Marujada, existe outra festa que acontece após a festividade, proporcionada por empresas e prefeitura local.

Irmandade segundo o dicionário português significa fraternidade; laço de parentesco entre irmãos; amizade afetuosa e íntima entre pessoas diversas, confraternidade. Com esse significado, podemos entender melhor o sentimento externado pelo sujeitos pesquisados em relação a Irmandade do Glorioso São Benedito de Bragança no Pará. Grande parte dos entrevistados revelaram em não ter benefícios em relação às marujas (os) que não são do quadro. Ora, *Me sinto uma idosa e igual como todas as outra. Não tem isso!*

*Nós somos tudo uma Irmandade. (MARUJA PROMESSEIRA, 77 anos).*

Porém, há os que entendem que sim, veja, *A regalia que tem é que: eu sou do quadro, então eu ganho uma carteirinha e uma medalha de São Benedito como identificação (MARUJA IRMANDADE, 69 anos).*

Já nesta fala a vantagem vai muito além de uma simples carteirinha ou medalha, pois,

*A gente tem e sente assim uma vantagem de ser da Irmandade. As pessoas respeitam mais. Se ano que vem eu for vivo, e eu estiver com saúde eu vou dançar. Esse ano acho que não vai ter, se ano que vem continuar, se ainda for vivo e se São Benedito quiser ainda, se eu puder me arrastar eu vou lá. (MARUJO DANÇA, 80 anos)*

*Sim, a Irmandade é uma irmandade muito, como é que chama, muito longa é porque na procissão de São Benedito é muita gente, Você sabe né, porque São Benedito atrai esse povo para participar da festa dele. (MARUJA DANÇARINA, 74 anos)*

O sentimento de fraternidade é percebido nos encontros regados de companheirismo, respeito e empatia, principalmente entre os mais velhos. Para as pessoas idosas, estar nesse lugar de pertencimento traz-lhe segurança para repensar seu envelhecer com possibilidades. Os dois últimos anos têm sido de muita angústia para essas pessoas, pois não há interação social entre elas

*Quando a gente chega perto uma da outra a gente diz: ei mana! Ei, minha irmã! Aí a gente vai contar as presepadas, sempre chama alguém que tá assim que tá um pouco fugida e pensa numa coisa que tá fazendo falta, as nossas conversas, as nossas reuniões, os nossos ensaios, as nossas brincadeiras. Tu queres ver os ensaios que são muito engraçados, uma mexe com a outra.*

*Então para mim, eu considero elas as minhas irmãs. (MARUJA ARTESÃ, 70 anos)*

Ao mesmo tempo que se prega o laço de Irmandade, em muitas das memórias dos entrevistados tinham na sua fala o medo existente em relação a aceitação ou aprovação por parte dos integrantes. Como podemos observar nessa fala,

*Eu passava horas em pé ali olhando para elas dançar, eu achava a coisa mais linda, eu tinha aquela vontade de entrar pra mim dançar, mas eu tinha medo, tinha vergonha de chegar lá e não ser bem recebidas por elas por não ser do quadro. Eu não ia para a saída do santo, eu não ia para chegada dos Santos, eu não participava do ensaio, das novena, eu achava que não ia ser bem recebida. Quando foi uma dia eu prometi pra mim mesma que eu entrar, aí eu falei com o careca e entrei no quadro. E aí eu fui fazendo amizade com muitas pessoas graças a Deus até hoje eu sinto bem graças a Deus. (MARUJA IRMANDADE, 69 anos)*

Na fala da maruja artesã, como membro da Irmandade e considerada maruja permanente, podemos perceber sobre o reconhecimento e importância de se repassar para os mais novos os costumes e tradições de uma manifestação bicentenária. Fato exposto na sua fala,

*[...] Acho que todo mundo tem que ser igual ali dentro né, porque a nossa idade também já não compete para fazer certas coisas ali dentro, que uma que vem chegando faz né, por isso que às vezes eu digo: a marujada é uma coisa que a gente chega, a gente passa, a gente deixa, já vem seguindo né, porque tem muita gente dentro de casa repassando (MARUJA ARTESÃ, 70 anos).*

Concebemos também que a Irmandade está diretamente ligada à tradição de uma festa, que tem como objetivo dar continuidade aos seus rituais dentro da sua originalidade. Um trabalho árduo e de muita dedicação pelo fato que acreditam na importância da cultura de um povo. Não é por acaso que os nossos interlocutores colocam em destaque na sua fala,

*Eu penso que a marujada é uma coisa muito tradicional né. Se a pessoa for só uma vez, ele não vai querer ir só uma vez, então a senhora faz uma promessa de um ano, aí a senhora tem que ir no outro ano, aí fica pra todo o tempo porque é uma coisa muito tradicional. (MARUJA INDUMENTÁRIA, 77 anos)*

E ainda,

*[...] até a minha filha, diz assim: a porquê o senhor se dedica pra lá! Não, não é me dedicar, é que eu gosto daqui e dando continuidade porque meu pai me pediu que eu desse uma continuidade a tradição que ele gostava. 41 anos, não é dois dias*



*e nem três dias né! e eu já estou lá uns dias né, desde 1991 pra cá que estou como presidente, graças a Deus estou me dando bem com eles a relação entre marujos e marujas e eu até digo assim, eu não quero que vocês me olhem como presidente, eu quero que vocês me olhem como amigo, porque eu estou aqui porque gostei da tradição estou dando continuidade da tradição.[...] (MARUJO “O CHAMADO”, 68 anos)*

Manter a tradição em relação às danças foi uma questão muito frisada pelos interlocutores, existe uma grande preocupação dos mais velhos em relação aos mais jovens no sentido de manter o padrão das coreografias e a forma de dançar. Durante as entrevistas, todos falavam sobre o “dançar pulando” uma forma mais agitada que os jovens costumam desenvolver, prática essa rejeitada pelos antigos na tradição. Fica clara a preocupação na fala deste marujo,

*A tradição é muito importante! ela tem uma importância muito grande, porque ela é o reflexo do que é marujada, se eu não der essa importância, não tiver o respeito, não mantiver a tradição, não tiver raízes de quando como eu conhecia marujada, aí tudo vai virar “mingau de caroço” (risos) (MARUJO TRADIÇÃO, 65 anos)*

A consciência dos marujos de que essa tradição trazida pelos escravizados e perpetuada por mais de dois séculos, mesmo com as mudanças advindas de uma modernização, sempre buscou-se ser exemplo. Percebe-se que há um cuidado em manter esta tradição, da forma que sempre foi,

*Olha eu, eu sempre digo que eu não quero ser o melhor dos melhores eu sou um membro da marujada, só um marujo, eu não sou só o capitão, eu sou um espelho tanto eu, como a minha esposa, todo o corpo da marujada, todos os marujos e marujas, eles são espelhos. Porque ali, nós estamos refletindo uma festa, uma tradição que já dura 222 anos, então se nós começarmos a fazer coisas diferentes, eu sempre digo: gente! Quando eu cheguei na marujada, a marujada já estava pronta já [...] (MARUJO TRADIÇÃO, 65 anos)*

**Dimensão Subjetiva:** Pertencimento e “O chamado”.

Como se explica “O chamado”

*[...] é que eu gosto daqui e dando continuidade porque meu pai me pediu que eu desse uma continuidade a tradição que ele gostava. 41 anos, não é dois dias e nem três dias né! e eu já estou*

*lá uns dias né, desde 1991 pra cá [...] (MARUJO “O CHAMADO”, 68 anos)*

*Quando a mãe se arrumava para ir eu e ele nós era criança, eu era mais danada. Ela dizia assim quando for teu tempo tu vai e teu irmão, vai os outros, quando chegar o tempo. E de fato, quando chegou nosso tempo, foi de mãe para filho, de filho para neto e de neto para bisneto e tataraneto é o que eu posso te dizer das minhas lembranças de Infância. Já de idosa é o carinho que eu tenho pela marujada e pela nossa comitiva e ter esse pai (aponta para imagem de São Benedito) ele sempre nos chamou[...] (MARUJA COMITIVAS, 62 anos)*

Segundo o dicionário português, pertencimento, substantivo masculino, significa ação de pertencer; do mesmo significado de pertença. Neste sentido, acrescentamos que esse sentimento é externado por todos os sujeitos entrevistados.

*Há! eu quero voltar para marujada, se volta a marujada de novo, entrar em ação como antigamente eu quero voltar. Eu desmanchei todas as minhas roupas, só tem minhas blusas de cambraia que ainda está ali, mas eu compro minhas roupas tudo de novo, porque eu sou aposentada graças a Deus, eu sou apaixonada pela marujada, eu sou apaixonada por São Benedito. (MARUJA PERTENCIMENTO, 84 anos)*

*Não porque eu sempre fui assim, observadora e insistente com as coisas né, quando eu entrava eu dizia: “não! Eu tenho que fazer” e fui me mexendo, me mexendo e aí eu conseguia né. Então, quando a gente saía pra fora, eles levariam só quem sabia né. E eu ia querer ficar? Não né! (RISOS) (MARUJA ARTESÃ, 70 anos)*

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Imaginas então  
voltar a Bragança,  
rever **Marujada**,  
suas cores, suas danças;  
quem sabe este velho  
“com ar de menino...”,  
sentires o orgulho  
de ser Bragantino!  
Selando este encontro  
de intensa alegria,  
na terra de irmãos,  
gentil e adorada,  
ouve o meu grito  
que brota da alma:  
**“VIVA BRAGANÇA!”**  
**“VIVA A MARUJADA!”**

(CASTRO, 2000. p. 25)

Analiso, neste trabalho, as memórias que constroem e sustentam as identidades de pessoas velhas a partir da dança do Retumbão na Marujada de Bragança. Além disso, busco compreender os lugares ocupados por esses corpos velhos na sociedade bragantina. As questões abordadas neste estudo têm como proposta sensibilizar a sociedade bragantina sobre a necessidade de se escutar as pessoas velhas. Elas têm muito a dizer e precisamos romper as barreiras do silêncio.

Figura 26 – Reverências das marujas a São Benedito



Foto: Hildeana Nogueira (2020).

Pretendo, aqui, tecer algumas considerações finais desta pesquisa, retomando nosso objetivo que é investigar as memórias que constroem/sustentam as identidades de pessoas velhas a partir da dança do Retumbão na Marujada de Bragança, para pensar o envelhecimento, as velhices, suas identidades e memórias do corpo velho. Estes aspectos apontados desafiaram-me durante toda a realização da pesquisa, visto que não os tratamos apenas no âmbito da teoria, mas me propus partir para a prática por meio de entrevistas que por si só já traziam o desafio de intervir e coletar dados, vivenciando uma pandemia. Este fato implicou em uma responsabilidade dupla, diante de vivenciar uma urgência em ser veículo de comunicação para que pessoas velhas pudessem ser escutadas. A convivência por um tempo maior junto ao grupo investigado trouxe grandes contribuições para analisar os dados. O mergulho intenso neste universo dos sujeitos aproximou-me do objeto pesquisado e fez eu apropriar-me daquilo que o outro disse. A todo o tempo pensamos nestas “falas” e nestes “lugares ocupados” ou “não ocupados” inseridos numa história vivida e contada por eles.

As memórias foram surgindo aos poucos e sendo trazidas para o compartilhamento com a pesquisadora. Durante as entrevistas nos momentos dos encontros observamos o amparo dos fatos das memórias que tinham suas referências em aspectos artístico/culturais, sociais/culturais, religiosos, subjetivos, afinal, nossas interpretações não poderiam ser descontextualizadas.

A análise dos resultados da pesquisa de campo foi finalizada, no entanto é possível perceber até aqui uma realidade que retrata a realidade e vivência das velhas (os) marujos uma partilha de pertencimento, do experimentar e dividir alegrias e aflições no coletivo. Seja pela vivência experimentada do preconceito em relação ao corpo velho ou pelo respeito existente em relação a sua memória que guarda a Tradição. Podemos chamar de “os guardiões da tradição de mais de dois séculos”. Acreditamos que não há ninguém melhor do que eles para unir todas as identidades em relação à Irmandade e em que chamamos de dimensões entre elas artística (danças, Indumentárias e artesanatos), religiosas (promessas, ladainha, esmolação e comitivas), socioculturais (tradição, irmandade e autoridade) subjetiva (pertencimento e “o chamado”) e o que é indiscutível em relação a todos os aspectos é a Fé em São Benedito.

Dentro da perspectiva de ritual, considero o da Marujada um dos mais importantes, penso que o Retumbão, como a principal dança da Marujada, tem muito a “dizer” sobre os velhos devotos e São Benedito.

A Marujada possui muitos simbolismos formados através da dança, devoção, promessas, indumentárias, ladainhas, esmolações, comitivas, o pertencimento, “o chamado” de São Benedito.

O protagonismo das autoridades da festa, composta na sua maioria por pessoas idosas, nos mostra a potencialidade deste segmento em provar que o processo de envelhecer pode ser constituído de autonomia, qualidade de vida e capacidade de participação e inclusão social. Foi possível perceber a posição dessas pessoas como referência na organização da própria festa.

As marujas e marujos velhos são agentes políticos e participam de decisões sobre o rumo da Marujada. Eles desempenham papel de liderança e protagonismo, participam de eventos ligados a Marujada, reúnem-se para decisões importantes em assembleia. São aproximadamente 100 pessoas com mais de sessenta anos no quadro, entre eles, 80 mulheres e 20 homens, considerados marujas e marujos efetivos.

A participação dessas pessoas idosas na Marujada é mantida pela fé e devoção a São Benedito, pelas promessas, por agradecimentos de graças alcançadas e pela alegria de participação efetiva em uma das maiores manifestações culturais de Bragança e do Estado do Pará.

Foi comum, durante a pesquisa, ouvir por quase unanimidade durante e após as entrevistas, a seguinte frase: *“Enquanto vida eu tiver irei louvar agradecendo a São Benedito”*.

Por ora, os resultados estão sendo mostrados nesse trabalho e conseguimos identificar como memórias que constroem as identidades de pessoas velhas no Retumbão. Durante esse processo de educação para ouvir respeitosamente, pudemos perceber que as pessoas velhas devem ser vistas como sujeitos capazes de construir sua própria história, acumulando vivências e experiências das várias etapas da vida.

Quando se decide pesquisar um grupo de pessoas velhas dançantes e com realidades muito próprias que tiveram ou não oportunidades, graus de escolaridades, educação e religiões diferentes e uma percepção preconceituosa da sociedade carregada de estigmas do que é ser velho, se torna visível a dificuldade em chegar a uma rápida conclusão. O processo é árduo e, por vezes, trabalhoso.

Os silêncios também são rastros do sentido que se instauram na memória, na história, nas narrativas. Logo, cabe a nós percebê-las e analisá-las. Afinal, os traços silenciosos são marcas significantes nas narrativas do passado, que fixam um acontecimento, por vezes silenciados conscientemente, noutras já se encontram incutidos na memória.

Por fim, pretendemos, com esta dissertação, contribuir para o pensar/agir dos profissionais que se interessam pela área do envelhecimento e que trabalham com pessoas velhas. Se desde a elaboração desta dissertação mantivemos um diálogo sobre as mais diversas

possibilidades do corpo velho, temos, a partir de agora, um compromisso ainda maior diante da construção do envelhecer com dignidade e qualidade de vida e com produção de identidades para a emancipação dos sujeitos em envelhecimento.

Almejamos que este trabalho possa avançar obstáculos e contribuir para outras pesquisas a respeito do envelhecimento, da velhice, das pessoas velhas e da necessidade de escutá-los com respeito. Nesses mais de dois séculos de participação de pessoas idosas na Marujada é um marco para a memória da sociedade bragantina, o qual dar voz e vez às marujas velhas e marujos velhos, às suas vivências e experiências, contribui para a manutenção da tradição.

Deixo aqui essa humilde contribuição e uma observação sobre a importância de resgatar essas memórias dos velhos e dar oportunidade para que sejam escutados. A partir das memórias trazidas nos diálogos e nas falas das pessoas velhas, observamos como a identidade foi sendo construída no processo do envelhecer. Saudades, emoções, silêncios... Todo o movimento de idas e vindas que são próprios do viver-envelhecer.

Para concluir, reforço que esta pesquisa pretende contribuir para o diálogo com as vozes de pessoas velhas, marujas e marujos e dar visibilidade ao lugar que ocupam na Marujada. O nosso papel sempre foi, através de nossas falas, concepções e leituras, “quebrar esse silêncio”.

## REFERÊNCIAS

ALBERTI, V. **Manual de história oral**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1990.

ALENCAR, L. F. de. (Des)Silenciando os Rastros da Marujada de São Benedito em Crônicas da Revista Bragança Ilustrada. **Nova Revista Amazônica**, v. 1 n. 1, p. 48-67, Jan./Jun. 2

ALENCAR, L. F. de. **No Rastro dos “Pés Descalços”: da Marujada à narrativa literária**.

ALMEIDA, J. A. M. **Sobre a Anamorfose**: identidade e emancipação na velhice. 251 f. Tese de doutorado. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, S.P., Brasil. 2005.

BAUMAN, Z. **Identidade**. Entrevista a Benedetto Vecchi/Zygmunt Bauman; tradução, Carlos Alberto Medeiros. - Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

BEAUVOIR, S. **A Velhice**. (2a ed.). Rio de Janeiro: Nova Fronteira. 1990.

BERTONI, Í. G. **A dança e a evolução: O ballet e seu contexto histórico; Programação didática**. São Paulo: Tans do Brasil, 1992.

BLESSMANN, E. J. **Corporeidade e envelhecimento**: o significado do corpo na velhice. Estudos Interdisciplinares do Envelhecimento, n. 6, p.21 a 39, Porto Alegre, 2004.

BOSI, E. **Memória e Sociedade**: Lembranças de velhos. (17ª edição) São Paulo: Companhia das letras.2003.

BRANDÃO, F. Comissão aprova substituição de termo "idoso" por "pessoa idosa" em cinco leis. **Agência Câmara de Notícias**. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/noticias/800531-comissao-aprova-substituicao-de-termo-idoso-por-pessoa-idosa-em-cinco-leis/> . Acesso em 15 de set. de 2021.

BRANDÃO, V. M. A. T. (2005). Memória Autobiográfica – reflexões. *In* B. Corte, E. F. Mercadante & I. A. Arcuri. (Orgs.). **Velhice, Envelhecimento e Complex(idade)**. (pp. 155-182). São Paulo: Vetor.

BRANDÃO, V. M. A. T. **Labirintos da memória**: quem sou eu? (coleção Questões Fundamentais do Ser Humano). São Paulo: Paulus. 2009.

BRANDÃO, V. M. A. T. & Mercadante, E. F. (2009). **Envelhecimento ou Longevidade?** (Coleção Questões Fundamentais do Ser Humano, 8). São Paulo: Paulus.

BRANDÃO DA SILVA, D. **Os Tambores da Esperança**: Um estudo sobre cultura, religião, simbolismo e ritual na festa de São Benedito da cidade de Bragança. Belém: Falangola, 1997.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: pluralidade cultural e orientação sexual. Brasília, v. 8, 1997.

BRASIL. Lei nº 13.979, de 6 de fevereiro de 2020. Dispõe sobre as medidas para enfrentamento da emergência de saúde pública de importância internacional decorrente do

coronavírus responsável pelo surto de 2019. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 7 fev. 2020d. Disponível em: <https://bit.ly/2A5jQ9h>. Acesso em: 20 jan. 2021.

CASTRO, A. **Conversa de marujo**. In.: COUTO, Valentino Dolzane do (org.). Antologia da Marujada. Cadernos IAP, v. 9, Belém, 2000, p.20-25.

CARVALHO, G. M. de O. **A Festa do “Santo Preto”**: Tradição e percepção da Marujada Bragantina. Brasília, DF. 2010. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Sustentável) - Centro de Desenvolvimento Sustentável, UnB.

CELINA, L. **Menina que Vem de Itaiara**. Rio de Janeiro, Conquista: 1963.

CIAMPA, A. C. (1986). Identidade. In.: S. Lane & W. Codo (Orgs.). **Psicologia Social: o homem em movimento**. (p. 58-75). São Paulo: Brasiliense.

CORRÊA, E. **Mulheres Marujas de Bragança: percepções do lugar do feminino na Marujada de Bragança – Pará**. Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade Federal do Pará, Castanhal, 2014.

CORRÊA, E. **Pérolas do Caeté: a dança das Marujas de São Benedito de Bragança-Pa**. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Pará. Programa de Pós graduação em Antropologia. Belém, 2017.

DAVIS, Â. **Mulher, raça e classe**. Tradução Livre, Plataforma Gueto. 2013.

DEMO, P. **Metodologia científica em ciências sociais**. São Paulo: Atlas, 1995.

DIA Internacional da Mulher 2020. **ERG Engenharia**. 10 mar. 2020. Disponível em [https://www.ergbh.com.br/blog/dia-internacional-da-mulher-2020/#:~:text=\(\\*\)%20Sororidade%3A%20Rela%C3%A7%C3%A3o%20de%20irmandade,m%3BA%20evidenciado%20entre%20essas%20mulheres](https://www.ergbh.com.br/blog/dia-internacional-da-mulher-2020/#:~:text=(*)%20Sororidade%3A%20Rela%C3%A7%C3%A3o%20de%20irmandade,m%3BA%20evidenciado%20entre%20essas%20mulheres). Acesso em 05 abr. 2020.

FERNANDES, J. G. dos S. **Pés que Andam, Pés que Dançam**: Memória, identidade e região cultural na esmolação e Marujada de São Benedito em Bragança (PA). Belém: EDUEPA, 2011.

FERNANDES, J. G. dos S.; JÚNIOR, F. A. da S. **Interculturalidade e saberes: os diversos na contemporaneidade da Amazônia**. Belém, PA: Paka-Tatu, 2015.

FERNANDES, J. G. dos S.; FERNANDES, D. dos S. **Personas e hábitos: estudo de perfis antrópicos na Amazônia oriental**. Espaço Ameríndio, Porto Alegre, v. 12, n.1, p.81-111, jan./jun.2018.

FOUCAULT, M. **As palavras e as coisas**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

FILHO, E. M. **Atividade física no processo de envelhecimento**. Campinas: Sesc, 1998.

FREIRE, P. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. 23ª ed. São Paulo: Cortez, 1989. Coleção polêmicas do nosso tempo. Vol. 4

GAIARSA, J. A. **Como enfrentar a velhice**. Campinas: ícone/Unicamp, 1986.

GARAUDY, R. **Dançar a vida**. 5ª ed. Rio de Janeiro: Fronteira, 1989.



GARIBA, C. M. S. **Personal Dance: Uma Proposta Empreendedora**. 2002.133f. Dissertação (Mestrado em Engenharia de Produção) -Programa de Pós-Graduação em Engenharia de, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis GARIBA, C. M. S. Dança escolar: uma linguagem possível na Educação Física. Disponível em: <http://www.efdeportes.com/>. **Revista Digital**. Buenos Aires. Año 10. n. 85, jun. de 2005.

GOLDENBERG, M. **A bela velhice**. 3ª edição. Rio de Janeiro: Record, 2013.

KAMKHAGI, D. **Psicanálise e velhice: Sobre a clínica do envelhecer**. São Paulo: Via Lettera, 1ª edição. 2008

LABAN, R. **Domínio do movimento**. São Paulo: Summus, 1978.

LEAL, I. Z.; HASS, A. N. **O significado da dança na terceira idade**. RBCEH – Revista Brasileira de Ciências do Envelhecimento Humano. Passo Fundo. 2006

LIMA, M. dos S. **O Corpo que dança...Tem prazo de validade?** Anais ABRACE, nº 1, v. 9, PPGAC/UFBA 2008.

MARQUES, I. A. **Ensino da dança hoje: Textos e contextos**. São Paulo: Cortez. 1999.

MARQUES, I. A. **Dançando na escola**. São Paulo: Cortez, 2003.

MENDES, L. M. **Dançando na escola**. Rio de Janeiro: Sprint, 1987

MERCADANTE, E. F. Velhice: uma questão complexa. *In.*: B. Corte, E. F. Mercadante & I. A. Arcuri (Orgs.). **Velhice, Envelhecimento e complex(idade)**.(pp. 23-34). São Paulo: Vetor. 2005.

MERLEAU, P. M. **Fenomenologia da percepção**. (2ª Edição) São Paulo: Martins Fontes, 1999.

MINAYO, M. C. de S. & COIMBRA JR, C. E. A. **Antropologia, saúde e envelhecimento**. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 1998.

MONTEIRO, Y. S. M. C. Estudo da rítmica do Retumbão da Marujada de Bragança (PA). XXIX Congresso da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Música – Pelotas – 2019.

MORIN, E. **Um festival de incerteza**. Tracts de crise (Fôlders de Crise). 21 abr. 2020. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/599773-um-festival-de-incerteza-artigo-de-edgar-morin>. Acesso em: 18 jun. 2020.

MORIN, E. **X da questão – o sujeito a flor da pele**. Artimed: Porto Alegre, 2003.

NANNI, D. **Dança educação, pré-escola a universidade**. 2ª ed. Rio de Janeiro: SPRINT, 2003.

NANNI, D. **Dança educação, princípios métodos e técnicas**. 2ª ed. Rio de Janeiro: SPRINT, 1998.

NASCIMENTO, A. G. do; LOUREIRO, J. de J. P. e LOUREIRO, V. R. **Inventário Cultural e Turístico da Bragantina**. 2ª. Ed. Belém: IDESP, 1987.

NERI, A. L. Teorias Psicológicas do Envelhecimento: percurso histórico e teorias atuais. *In.*: E. V. Freitas, L. Py, F. A. X. Cançado, J. Doll & M. L. Gorzoni (Orgs.). **Tratado de Geriatria e Gerontologia**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan. (Cap. 7, pp. 58-77). Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2006.

NERI, A. L. **E por falar em boa velhice**. Campinas, SP: Papyrus, 2000.

NETO, M. P. O estudo da velhice: histórico, definição do campo e termos básicos. *In.*: E. V

NONATO DA SILVA, D. B. R. **Os Donos de São Benedito**: Convenções e rebeldias na luta entre o catolicismo tradicional e devocional na cultura de Bragança, século XX. 2006. Dissertação (Mestrado em História Social da Amazônia) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Pará, Belém.

NONATO DA SILVA, D. B. R. **Esmolação de São Benedito de 2012 começa**. <http://profdariobenedito.blogspot.com.br/2012/04/esmolacao-de-sao-benedito-de-2012.html>. Acesso em 11 set. 2015.

OLIVEIRA, A. C. **O desejo envelhece?** 1ª edição, Barueri, São Paulo: Minha Editora 2012.

OLIVEIRA, J. Lourenço Cardoso: “Temos potencial para abolir o racismo e todas as outras formas de opressão”. **El país**. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2019-11-30/lourenco-cardosotemos-potencial-para-abolir-o-racismo-e-todas-as-outras-formas-de-opressao.html>. Acesso em: 07 dez. 2021.

OLIVEIRA, V. M. de. **O que é Educação Física**. São Paulo: Brasiliense, 2001.

OMS declara pandemia de coronavírus. **Agência Brasil**. Brasília. 11 mar. 2020. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2020-03/organizacao-mundial-da-saude-declara-pandemia-de-coronavirus>. Acesso em 05 abr. 2020.

OMS reforça que medidas de isolamento social são a melhor alternativa contra o coronavírus. **Globo.com**. 30 de mar. 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2020/03/30/oms-reforca-que-medidas-de-isolamento-social-sao-a-melhor-alternativa-contr-o-coronavirus.ghtml>. Acesso em: 05 abr. 2020.

ONU. **Plano de ação internacional para o envelhecimento**. Brasília: Secretaria Especial dos Direitos Humanos, 2002.

PEREIRA, S. R. C. et al., **Dança na escola: desenvolvendo a emoção e o pensamento**. *Revista Kinesis*, Porto Alegre, n. 25,2001.

PINHEIRO, J. Farinha de Bragança ganha registro de Indicação Geográfica. **Agência Sebrae**. Disponível em: <https://www.agenciasebrae.com.br/sites/asn/uf/NA/farinha-de-braganca-ganha-registro-de-indicacao-geografica,9aa2cabd70a89710VgnVCM100000d701210aRCRD>. Acesso em: 13 out. 2021.

POLLAK, M. **Memória e identidade social**. Estudos Históricos,1989.

RAMOS, J. **Por uma Utopia do Humano. Olhares a partir da Ética da Libertação de Enrique Dussel.** Porto: Edições Afrontamento, 2012.

RAMOS, J. B. S. **Filosofia e Ética da Libertação de Enrique Dussel.** Veranópolis-RS: Editora Diálogo Freiriano, 2020.

ROCHA, C. J. T. da; RAMOS, J. B. S. **Estudos Antrópicos na Amazônia: entre textos e contextos interdisciplinares;** coletânea interdisciplinar. Curitiba: Appris, 2020.

ROSA, M. C. **Festa, Lazer e Cultura.** Campinas-SP: Papirus, 2002.

ROSÁRIO, U. **Saga do Caeté:** Folclore, história, etnografia e jornalismo na cultura amazônica da Marujada. Zona bragantina, Pará. Belém: Edições CEJUP, 2000.

SARQUIS, G. B. (org.). **Festividade de São Benedito e Marujada de Bragança.** Série: minha história, minha cultura. IPHAN-PA, Belém. 2018.

SILVA, A. B. da. **A integração Amazônica e o Estado do Caeté.** Separata da Revista da Universidade Federal do Pará, 1974, pp. 157-173.

SILVA, A. B. **Contribuição ao Estudo do Folclore Amazônico na Zona Bragantina.** Belém: Falangola, 1981.

SILVA, A. H. da; MAZO, G. Z. **Dança para idosos: uma alternativa para o exercício físico.** Cinergis, v. 8, n. 1, p. 25-32, 2007.

SILVA, C. R. et al.; **Marujada(s): a tradição ainda resiste.** Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação XXXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Caxias do Sul, RS. 2010.

SILVA, D. B. da. **Os Tambores da Esperança:** Um estudo sobre cultura, religião, simbolismo e ritual na festa de São Benedito da cidade de Bragança. Belém: Falangola, 1997.

SILVA, R. S. et al. **Marujada(s): a tradição ainda resiste.** In: XXXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. 2010. Caxias do Sul – RS.

SIMÕES, R. **Corporeidade e Terceira Idade:** a marginalização do corpo idoso. 3ª edição. Piracicaba: Editora UNIMEP, 1998.

SIMÕES, R. (1995). **Educação Física e Corporeidade.** A Terceira Idade, n. 10, pp. 56–61.

SORORIDADE. **Academia.org.** Disponível em: <https://www.academia.org.br/nossa-lingua/nova-palavra/sororidade>. Acesso em 05 abr. 2020.

SOUZA VIEIRA, M. **A memória gruda na pele ou a dança madura do corpo.** Art Research Journal/ Revista de Pesquisa em arte. ARJ/Brasil, V.3, n.2, p.160 -177, Jul./Dez. 2016.

STOKOE, P.; HARF, R. **Expressão corporal na pré-escola.** São Paulo: Summus, 1987.

TAVARES, I. M. **Educação, corpo e arte.** Curitiba: IESDE, 2005.

VERDERI, E. B. **Dança na escola: uma abordagem pedagógica**. São Paulo: Phorte, 2009.

VERDERI, E.B. **Dança na escola**. 2ª ed. Rio de Janeiro: SPRINT, 2000.

VERDI, N. C. **Cuidemos de nossos velhos. Cuidemos de nós**. 1 abr. 2020. Disponível em:  
<https://www.portaldoenvelhecimento.com.br/cuidemos-de-nossos-velhos-cuidemos-de-nos/>.  
Acesso em: 8 jul. 2020

## APÊNDICE 1 – ROTEIRO DE ENTREVISTA

### MEMÓRIA E IDENTIDADES DO CORPO VELHO NA DANÇA DO RETUMBÃO NA MARUJADA DE BRAGANÇA-PA

**Questão Problema:** Por que pessoas velhas parecem ter maior resistência em relação a técnicas de linguagens desconhecidas e maior facilidade e identificação com danças folclóricas de nossa região? O porquê dessas identidades?

#### **Objetivos:**

**Geral:** Compreender como a memória e as identidades do corpo velho de marujas(os) integrantes da Irmandade de São Benedito do município de Bragança-PA está relacionada a outras técnicas ou linguagens de dança.

**Específicos:** Esses objetivos devem expressar os mesmos que aparecem na página 29.

- a) Identificar se existem fatores que contribuem para a melhor aceitação do ritmo da Região Norte, o Retumbão de Bragança na prática da dança;
- b) Fazer uma relação entre memória e as identidades com o aprendizado da dança do Retumbão;
- c) Compreender os aspectos/fatos mais importantes nas histórias de vida das pessoas idosas, resgatados nas memórias de suas trajetórias na Marujada;
- d) Verificar se a prática na dança do Retumbão tem uma aceitação maior pelas velhas(os) marujas(os) participantes da Irmandade.

#### **PERGUNTAS (PRECISAMOS VERIFICAR SE ESSAS PERGUNTAS ATENDEM AOS OBJETIVOS E SE OS OBJETIVOS, DE FATO, ATENDEM AO PROBLEMA DE PESQUISA**

- 1) Você acredita que o ritual da dança da Marujada é um momento privilegiado que permite as pessoas expressar sua religiosidade e sua identidade social?
- 2) Qual a memória cultural você traz de sua trajetória na Marujada, desde o início de sua participação como integrante da Irmandade? Qual a importância dessa festa nessa fase da vida (velhice)?
- 3) Nas danças da Marujada, mais especificadamente o Retumbão, pode-se perceber a identidade que compõem a manifestação cultural bragantina?
- 4) Qual a sua experiência com outras danças ou técnicas de dança, que não sejam as das danças da Marujada?
- 5) Como você considera a sua importância enquanto pessoa idosa na Marujada de São Benedito? E em relação a sua participação das danças durante a festa?

- 6) Como você vê seu corpo envelhecido em relação às outras pessoas participantes que ainda não são consideradas pessoas idosas durante a festa?
- 7) Entre as danças vivenciadas na Marujada pode-se considerar que o Retumbão é uma das danças mais marcantes, sendo a mais aguardada entre as marujas (os)?
- 8) Ser idosa (o) na Irmandade te traz algum privilégio em relação às apresentações de dança durante os rituais da festividade de São Benedito? Quais?

## APÊNDICE 2 – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE



### UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ – CAMPUS CASTANHAL PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS ANTRÓPICOS NA AMAZÔNIA TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

**Título do Estudo: Memória e identidades do corpo velho na dança do retumbão da marujada de Bragança-PA**

**Pesquisadora Responsável:** Hildeana Nogueira Dias Souza. **Local da Coleta de Dados:** Bragança/PA. **Endereço:** UFPA-Campus Castanhal/Pós-Graduação em Estudos Antrópicos na Amazônia. Telefone para contato: (91) 3721-1686. **Endereço do Comitê de Ética:** Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos do Instituto de Ciências e Saúde da Universidade Federal do Pará (CEPS-ICS/UFPA) – Complexo de Sala de Aula/ICS – Sala 13 – Campus Universitário, nº 01, Guamá. CEP: 66.075-110 – Belém-Pará. Contatos: (91) 3201-8349 / E-mail: [cepccs@ufpa.br](mailto:cepccs@ufpa.br).

Prezado (a) Senhor (a),

Você está sendo convidado (a) a conceder essa entrevista de forma totalmente **volutária**. Antes que você decida participar desta pesquisa e conversar com a pesquisadora, é importante que você compreenda as informações e instruções deste documento. A pesquisadora deverá responder as suas dúvidas antes da confirmação da sua participação. Você tem direito de **desistir** de participar a qualquer momento, sem nenhuma penalidade.

**Procedimentos:** Sua Participação nesta pesquisa consistirá na concessão de entrevista a pesquisadora e você não terá gastos ou ganhos (benefícios) financeiros por participar. **Benefícios:** Destaca-se como benefício a relevância deste trabalho para o Município de Bragança, como meio para subsidiar projetos, programas e políticas voltadas para um melhor entendimento das questões que cercam o envelhecimento, as manifestações culturais na marujada de Bragança-Pa e o corpo velho na dança. **Riscos:** A concessão da entrevista pode acarretar algum tipo de desconforto com a metodologia aplicada, situação de estresse e insatisfação ao se responder às questões. Não há maiores riscos previsíveis, porém, caso algum desses riscos previsíveis aconteçam, estes serão minimizados pela pesquisadora e caso você decida deixar a pesquisa, poderá fazê-lo a qualquer momento, não sofrendo prejuízo, coação ou dano algum. **Sigilo:** As informações fornecidas por meio das entrevistas serão confidenciais e de conhecimento apenas dos pesquisadores responsáveis. Dessa forma, em nenhum momento você será identificado. Os resultados da pesquisa serão publicados e ainda assim a sua identidade será preservada.

---

**Pesquisadora Responsável**

**CONSENTIMENTO LIVRE ESCLARECIDO:** Eu, \_\_\_\_\_  
declaro que li as informações acima sobre a pesquisa e me sinto esclarecido sobre seu conteúdo, riscos e benefícios. Declaro ainda que por minha livre vontade, aceito articipar da pesquisa cooperando com a pesquisadora.

**Bragança, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2021.**

---

**Entrevistado**

**ANEXO A – PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP**

**UFPA - INSTITUTO DE  
CIÊNCIAS DA SAÚDE DA  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO  
PARÁ**

**COMPROVANTE DE ENVIO DO PROJETO**

**Título da Pesquisa: MEMÓRIA E IDENTIDADES DO CORPO VELHO NA DANÇA DO RETUMBÃO  
DA MARUJADA DE BRAGANÇA-PA**

**Pesquisador: HILDEANA NOGUEIRA DIAS SOUZA**

**Instituição Proponente: Campus Universitário de Castanhal**

**Versão: 1**

**CAAE: 40360920.9.0000.0018**

**DADOS DO COMPROVANTE**

**Número do Comprovante: 135704/2020**

**Informamos que o projeto MEMÓRIA E IDENTIDADES DO CORPO VELHO NA DANÇA DO  
RETUMBÃO DA MARUJADA DE BRAGANÇA-PA que tem como pesquisador responsável HILDEANA  
NOGUEIRA DIAS SOUZA, foi recebido para análise ética no CEP UFPA - Instituto de Ciências da Saúde  
da Universidade Federal do Pará em 24/11/2020 às 13:58.**

**DADOS DO PROJETO DE PESQUISA**

**Patrocinador Principal: Financiamento Próprio**

**66.075-110**

**(91)3201-7735 E-mail: cepccs@ufpa.br**

**Endereço:**

**Bairro: CEP:**

**Telefone:**

**Rua Augusto Corrêa nº 01- Campus do Guamá, UFPA- Faculdade de Enfermagem do ICS - sala 13 - 2º  
and.**